

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA

MARIA THERESA RITTER

PROCURA-SE

QUE NOS TOCA INCONDICIONALMENTE

São Leopoldo

2007

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA

MARIA THERESA RITTER

PROCURA-SE

QUE NOS TOCA INCONDICIONALMENTE

Dissertação de Mestrado Profissionalizante

Para obtenção do grau de Mestre em Teologia
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação
Religião e Educação

Orientador: Dr. Oneide Bobsin

São Leopoldo

2007

Este trabalho é dedicado ao meu pai e a
minha irmã Bebel, pois este processo foi
desencadeado com a partida deles.
E a minha mãe que permitiu seus
desdobramentos.

RESUMO

Esta pesquisa parte de um conflito da autora, em relação à fé.

Pretende conhecer o que nos toca incondicionalmente.

Para traçar caminhos, ampliar o olhar, foram pesquisadas pessoas na faixa etária 14 a 56 anos.

Usamos como referencial teórico Paul Tillich e Carl Jung.

Para colher os dados, optamos pelo relato das histórias de vida.

O trabalho está formado em três capítulos.

No primeiro capítulo a visão de Paul Tillich e Carl G. Jung sobre fé, espiritualidade, Divino e Deus.

No segundo a pesquisa, com análise dos dados sob o olhar dos teóricos escolhidos e a visão da autora.

No terceiro capítulo um diálogo de muitas vozes. As definições e redefinições a partir do conflito, fundamentação teórica e dados levantados na pesquisa e analisados.

Palavras chave: Fé, Paul Tillich, Carl Jung, Deus.

ABSTRACT

This research begins from author's conflict considering the faith. The intention is to know things that touch us unconditionally. In order to establish ways, to see far away, people from 14 to 56 years old were been researched. Theory reference used was Paul Tillich and Carl Jung. To get data, the option was to use reports of Life's History. The work is forming by three chapters: the first one is the Paul Tillich vision and Carl G. Jung about faith, spirituality, Divine and God. The second chapter is about the research with data analyze under theoretical position of theorists that were chosen and the author vision. The third chapter is a conversation considering many voices. Definitions and re-definitions are from the conflict, theory fundamentals and analyzed data brings from the research.

Key-words: Faith, Paul Tillich, Carl Jung, God.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1. ENTENDENDO A FÉ.....	11
Paul Tillich.....	11
1.1.1 Sua vida.....	11
1.1.2 A fé.....	12
1.1.3 A coragem de Ser.....	15
1.1.4. Deus.....	19
1.2. O olhar de Jung.....	21
1.2.1 Quem é Carl Gustav Jung?.....	21
1.2.2 Sua obra.....	22
1.2.3 Corpo e mente.....	24
1.2.4 O Si-Mesmo.....	25
1.2.5 A individuação.....	26
2.PROCURANDO RESPOSTAS.....	28
2.1 Pesquisa.....	30
2.1.1 Identificação.....	30
2.1.2 História familiar.....	31
2.1.3 Religião dos pais.....	36
2.1.4 Infância.....	37
2.1.5 Escolhas.....	41
2.1.6 O que trás alegrias e/ou tristeza?.....	42
2.1.7 Religião.....	46
2.1.8 Pessoa ou objeto de fé.....	48
2.1.9 Definição de fé.....	51
2.1.10 Tua fé sempre foi desta forma?.....	55
2.1.11 Fé na infância, adolescência e idade adulta.....	57
2.1.12 Evento que modificou tua percepção de Deus.....	62
2.1.13 Conversas com pessoas mais velhas, iguais e jovens sobre espiritualidade.....	65
2.1.14 Já recorrestes a tua Igreja?.....	68
2.1.15 A cara de teu Deus.....	71
2.1.16 Papel de Deus em tua vida.....	73
2.1.17 Acreditas que Deus modifica tua vida?.....	74
2.1.18 Existe algo mais, sobre fé, que gostarias de dizer?.....	76
3. PROCURANDO SE ENCONTRA OU REDEFINE?.....	80
CONCLUSÃO.....	85
REFERÊNCIAS.....	89
APÊNDICE A - Questionário pesquisa	
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	
APÊNDICE C - Histórias de vida	
ANEXO A - Depoimento Carlos Ritter	
ANEXO B - Depoimento Gustavo Ritter	

INTRODUÇÃO

Estudar a fé, além de atender as exigências do curso, está atendendo minhas demandas pessoais.

A questão fé sempre foi algo que ocupou espaço em minha vida. Tanto pelo enfrentamento, quanto pela negação. O interessante que esta negação vinha sob o rótulo de respeito, de ausência de preconceito, enfim, sob a forma mais socialmente correta possível. Esta forma de visão, ou a falta dela, por incrível que pareça, muito me ajudou profissionalmente.

Eu, como terapeuta de família, freqüentemente tenho que lidar com problemas com a fé e a religião. Na religião quase sempre quando se trata de denominações muito rígidas que paralisam suas vidas.

Venho de uma família de casamento misto. Minha mãe católica e meu pai luterano. Não puderam se casar na igreja, pois há mais de cinquenta anos isto não era permitido, ainda não havia ecumenismo.

Casaram-se em casa, isto porque minha tia era muito amiga do padre, e houve uma concessão. Mas para que tal acontecesse, comprometeram-se em educar os filhos na igreja católica. E assim o fizeram. Tiveram seis filhos e todos foram educados à luz da doutrina Católica Apostólica Romana. Meu pai inclusive incluiu-se no compromisso, pois poucas vezes freqüentou sua igreja. Levou tão a sério a palavra empenhada que nos ensinava o catecismo, bem como foi algumas vezes à romaria de Nossa Senhora de Caravággio. Suas despedidas, quando morreu, foram feitas por um padre, o mesmo que fizera a cerimônia nas bodas de ouro e por um amigo espírita. Foi ecumênico até na morte.

Minha mãe vem de uma família muito religiosa. Meu avô, inclusive, era chamado de Querubim. Foram educados em escolas religiosas e há algo que contam que vejo de uma forma tragicômica, mas que permite ver bem como eram os ensinamentos. No inferno, lugar aonde

vão os que não cumprem as leis de Deus, há um grande relógio. Este não faz tic-tac, e sim sempre, nunca. Sempre ficarás e nunca sairás, sempre ficarás e nunca sairás...

Este terrorismo que fizeram com minha mãe, nos poupou de ter problemas religiosos. Para seus seis filhos nada era pecado e se o fosse era dela, pois não tinha ensinado. Não tivemos estes conflitos, já que eram todos devolvidos à nossa mãe. Logo, apenas nos relacionávamos com o lado bondoso e amoroso de Deus.

Meus avós paternos eram da IECLB, entretanto apenas minha avó freqüentava os cultos. O contrato de meus pais foi levado tão a sério, e respeitado pelos familiares, que apesar de passar várias férias perto dos meus avós, nunca fui a um culto luterano. Ficava muito curiosa sobre o movimento da escola dominical, pois via as outras crianças, mas nunca pedi para ir ou minha avó tentou me levar. A primeira vez que fui a um culto foi quando minha avó faleceu, mas já estava quase na faculdade.

Durante toda minha vida nunca transgredi o compromisso assumido por meus pais, ou seja, ser católica. Consegui ter uns desmaios, na adolescência, para não precisar ir à missa, mas continuava na religião, pois o impedimento era orgânico e não abandono. Fui à única fiel dentre meus irmãos. Acreditava em Deus, mas só. Permitia-me criticar a igreja, os padres, mas não Deus.

Isto começou a mudar quando meu pai faleceu. Questionei, mas como ele já era mais velho, tinha 76 anos, não tinha mais projetos, estava sofrendo, então, Deus sabe o que faz.

Afinal, não é sempre isto que dizemos quando não temos palavras e não queremos nos indispor com Deus?

Passou algum tempo e minha irmã, seis anos mais nova que eu, adoeceu. Teve câncer. Faleceu depois de três anos de intenso sofrimento. Foi horrível.

A minha mãe foi a primeira que demonstrou questionar a “vontade de Deus”. E este seu questionamento me liberou do compromisso de ser sempre Católica Apostólica Romana. É interessante observar que isto só aconteceu após ter acabado, ainda que pela morte, o casamento deles.

Este contrato parece que foi mais amplo, pois estava incluído o não ter conflitos. Cessando, estes apareceram.

Estando liberada, começaram os questionamentos. O que acredito, mesmo? Em Que acredito? O que me toca incondicionalmente? Onde está meu coração? Que princípio divino vem orientando minha vida?

Como encontrar tais respostas? Existem respostas?

A primeira providência foi o mestrado. Aí, mais dúvidas. Conflitos que eu nem sabia que poderiam existir. Foram muitas questões, pois tive que desconstruir várias verdades, muitas das quais nortearam minha vida.

A começar por algo que muito me orgulhava que era o respeito que tinha por todas religiões e até mesmo as demais seitas. Meus pacientes sempre me convidavam para cultos em suas igrejas, não para me converter, mas porque me viam como participante de sua congregação. Só agora dou conta, que isto não era nada elogioso e sim, uma total falta de comprometimento com a minha imagem de Deus, se é que eu tivesse alguma. Ao escrever, e é ao escrever, que concluo que o meu Deus, o que entendi com minha família, é a Integridade. Ser fiel aos meus valores e princípios. Mas, se posso ter mais e preciso ter mais, por que não?

Concluindo a parte teórica do curso, começou o tormento da dissertação. Percorri todos caminhos para, hoje acredito, evitar o que realmente me interessava. O que é realmente a fé? Será que tenho ou poderei ter esta coisa que parece ser tão boa? Ser quase um porto seguro? Que faz com que se possa comunicar com Deus amorosamente? Quase uma comunicação de pai para filha?

Então, como boa profissional da área psi, pensei: será que quero meu pai de volta e isto estaria fazendo que percorresse este caminho?

Não! O que quero é saber o que me toca incondicionalmente, onde está meu coração, o que me compromete na vida e na morte?

Para isto percorri os caminhos da fé elaborados por Paul Tillich. Escolhi este teólogo por, durante o curso, ter me identificado muito com sua linguagem, pois contempla o enfoque psicológico.

Desta forma o primeiro capítulo será sobre a visão de fé deste autor e alguns conceitos de Carl Jung, pois acredito que foi, dentre os estudiosos da psicologia, quem melhor pensou e escreveu sobre a alma humana. Em sua obra revisita aspectos que foram valorizados, por Tillich. Estes pontos em comum são a alma humana (psique), a cultura, a religião, imagem

e imaginação, a experiência mística, além de ter sofrido influências dos mesmos pensadores: Platão, Kant, Schopenhauer, Nietzsche, dentre outros. Além disto, são homens à frente de seu tempo.

No segundo capítulo, apresento a pesquisa que fiz. Não seria possível, pois correria o risco de ser considerada extremamente melôgâmica, fazer a dissertação apenas centrada nos meus conflitos de fé. Fui obrigada a ampliar. Pois como diz Edla Egger, quem pesquisa se pesquisa.

Para tal, entrevistei vinte pessoas, na faixa etária 14 a 56 anos. Destas vinte, seis têm problemas crônicos de saúde. São renais crônicos, estão na máquina, fazendo hemodiálise, três vezes por semana. Vivem na eminência da morte.

Foram perguntas com roteiro, mas com espaço para falarem sobre seus sentimentos, pois o objetivo era conhecer a história de vida destas pessoas e saber como se estrutura a sua fé. Que sentimento é este? É sentimento ou certeza? Quem são estas pessoas e o que lhes toca incondicionalmente? Onde colocam seu coração? Que pensam da vida e da morte? E Deus? Quem é ou qual a sua representação?

As perguntas, em número de 50, dividiam-se em grupos, para colher dados em relação à família de origem, história de vida pessoal do entrevistado bem como suas questões religiosas e espirituais.(Apêndice A e B)

As entrevistas foram realizadas por mim e havia um conhecimento prévio com a maior parte das pessoas bem como uma relação de confiança. Grande parte dos entrevistados eram meus pacientes quer no consultório, quer no grupo de renais crônicos, onde trabalhei como voluntária por mais de dois anos. Foram marcados encontros, no meu consultório, sem limitação de tempo, onde poderíamos conversar, sem interrupções com trocas muito prazerosas e interessantes.

As histórias de vida serão apresentadas, resumidamente, no Apêndice C. Neste capítulo deve aparecer o meu entendimento e questionamento em relação ao assunto. Isto, porque antes de ser uma exigência do curso, é muito importante, para mim, ter estas respostas ou pelo menos algum caminho.

O terceiro capítulo é uma conversa, mediada por mim, entre Paul Tillich e Carl Jung, sob a luz dos meus questionamentos iniciais.

1. ENTENDENDO A FÉ

1.1 Paul Tillich

“Fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente”.¹

Esta é a grande definição de Paul Tillich.

1.1.1. Sua Vida

Tillich nasceu em 1886, na Alemanha, era teólogo e filósofo, bem como pastor luterano.

Trabalhou durante a primeira guerra como capelão.

Foi perseguido pelo regime nazista e fugiu para os Estados Unidos, a convite de Neihbur. Este lecionava em Nova York e sugeriu que os colegas se cotizassem para pagar o salário de Tillich. Cada um abriu mão de 5% de sua remuneração e ele foi contratado, em 1933. Lá, além das atribuições de professor, tinha um programa de rádio que apoiava os alemães e combatia o regime de Hitler.

Era casado com Hanna e tiveram dois filhos.

Trabalhou na Universidade de Harvard e depois em Chicago, onde ficou até pouco antes de sua morte, em 1965.

Seu pensamento foi marcado por duas correntes filosóficas – essencialismo e existencialismo.

Foi uma das primeiras pessoas a falar de interdisciplinaridade quando ninguém falava sobre isto.

¹ TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 5.

Ampliou o olhar da teologia abrangendo a cultura, o social e a história, ou seja, contextualizou o ser humano.²

1.1.2. A Fé

Todos temos fé, pois a fé é uma forma de conhecimento, uma construção de mundo, a partir da constatação do caráter da realidade que percebemos de forma decisiva.

A fé é a manifestação da pessoa como um todo, integral, portanto é constituída de elementos conscientes e inconscientes. A fé transcende estas estruturas.

Pois a fé é mais que impulsos irracionais do subconsciente, vai além das estruturas do consciente racional.

Ela os transcende mais não os destrói. É o estar fora de si, sem deixar de ser a gente mesmo.

É a tensão entre as funções cognitivas e os sentimentos. Não temos o poder de ensinar alguém a ter fé, pois exige verdade e entrega. É orientada para o incondicional, que surge de uma situação concreta.

A fé, acima de tudo, é liberdade.

Paul Tillich escreveu algo que me parece ser a essência de tudo isso: “No êxtase da fé há uma consciência da verdade e de valores éticos: amor e ódio, brigas e conciliação, influências individuais e coletivas, como foram experienciadas no decurso da vida, tudo isso está integrado na fé”.³

Somos movidos em direção à fé no momento em que constatamos, ou melhor, quando nos conscientizamos de nossa finitude.

É aqui que se inicia a separação entre o objeto e o sujeito, entre a certeza e a incerteza, entre o sagrado e o demoníaco.

Um dos aspectos, que considero dos mais importantes na conceitualização de fé deste autor é a permissão para ter dúvidas.

² Disponível em: <http://www.teologiabrasileira.com.br/Material.asp?materialID=173> > acesso em 25 fev. 2007.

³ TILLICH, 2002, p. 9.

No momento em que ele discorre sobre a ‘dúvida’, parte integrante e pertencente à fé, começo a reconsiderar toda a minha idéia de fé. Como já falei, meus conceitos são da igreja católica, onde a fé é a certeza e não a dúvida. Onde questionar é não ter fé.

A questão da dúvida, depois de Tillich, me permitiu constatar e no decorrer das entrevistas tornou-se inquestionável, que é a partir da dúvida que crescemos na fé.

Este elemento de dúvida é uma condição de nossa vida espiritual. A ameaça à vida espiritual não é a dúvida como um elemento, mas a dúvida total. Se a certeza de não haver engolfou a certeza de haver, a dúvida cessou de ser indagação metodológica e tornou-se desespero existencial. A caminho desta situação a vida espiritual tenta manter-se, o quanto possível apegando-se a afirmações que ainda não estão minadas, sejam elas tradições, convicções autônomas ou preferências emocionais. E sendo impossível remover a dúvida, se aceita o fato com coragem, sem renunciar as nossas convicções.⁴

Interessante esta colocação onde a dúvida é vista como estando sempre presente e podendo levar ao entendimento.

A dúvida parcial não desorganiza, entretanto a dúvida total leva ao desespero, a um grande conflito existencial.

Este conflito induz ao reforço de dogmas, tradições ou simplesmente aos mecanismos de defesa pré-existentes.

É instigante o aceitar a dúvida sem perder a convicção.

A fé precisa ser expressa através de um símbolo, pois esta é a linguagem do incondicional. Indica algo que está fora dele, que não é concreto, mas ao mesmo tempo faz parte.

“O símbolo fundamental para aquilo que nos toca incondicionalmente é Deus. Esse símbolo está presente em todo ato de crer, mesmo quando este ato de crer inclui a negação de Deus”.⁵

E segue falando: “Esse é o sentido da constatação aparentemente tão paradoxal de que ‘Deus’ é o conteúdo próprio e universalmente válido para a fé”.⁶

É interessante, pois atribuímos a Deus as qualidades que são valorizadas por nós. Damos ao Divino atributos humanos e características de nosso tempo.

⁴ TILLICH, Paul. **A coragem de ser**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra. 1972. p. 37-38.

⁵ TILLICH, 1972, p. 33.

⁶ TILLICH, 2002, p. 34.

Esta nossa capacidade é o que parece tornar Deus viável, próximo e compreensível. E, talvez, seja o que torne nossa finitude menos assustadora.

O que nos toca incondicionalmente sempre será totalmente pessoal e íntimo. É uma relação, uma atitude com Deus ou seria uma relação com o mais íntimo do nosso ser? Com o que cada um de nós tem de Divino? É na profundidade da alma em que o finito se encontra com o infinito. E para chegar lá, temos que abrir mão do concreto, do conhecido e embarcar em uma viagem ao centro da alma, no limite entre o confortável, controlado e o resto do universo. É lugar onde se mudam as regras. Como chegamos lá?

Este é o sentido próprio de revelação, em todos os casos, é isso que ela deveria significar. Ela é um evento em que aquele que nos toca incondicionalmente se manifesta, nisso fazendo estremecer e transformando a situação dada na religião e na cultura. Nessa experiência não há conflito entre a fé e a razão. Isso porque o homem é tomado e transformado em toda a sua estrutura de ser racional pela revelação daquilo que o toca incondicionalmente.⁷

É encontrar nossa essência, o que nos transcende.

O que pode ser diferente é a natureza da fé, ou seja, uma fé idólatra e a fé 'verdadeira'.

A fé idólatra é sempre fanática e não admite dúvidas.

Já a fé verdadeira, além de admitir a dúvida, inclui o amor. E o amor se traduz em obras.

A fé promove movimento em busca da perfeição, do conhecimento, da excelência e da salvação. A nossa e dos outros.

Precisamos alimentar nossa crença, estimular seu crescimento.

... uma vez que a fé não é um fenômeno entre outros, mas sim a mais íntima preocupação na vida do homem como pessoa, sendo por isso manifesto e oculto ao mesmo tempo. Ela é religião e simultaneamente mais do que religião, ela é onipresente e concreta, ela é mutável e mesmo assim permanece sempre a mesma.⁸

Somos instigados a nos relacionar com o incondicional que descobrimos e elegemos como centro, ou seja, com o nosso melhor, com a nossa essência. É a relação com o nosso centro, mediado por Deus, ou quem quer que represente ou simbolize nosso Criador.

⁷ TILLICH, 2002, p. 52.

⁸ TILLICH, 2002, p. 81.

1.1.3 A coragem de ser

“A coragem de ser é um ato ético no qual o homem afirma seu próprio ser a despeito daqueles elementos de sua existência que entram em conflito com sua auto afirmação essencial”.⁹

Paul Tillich aborda de forma muito interessante os medos, especialmente o medo da morte. Coloca que nosso maior medo é o medo do medo. Morremos um pouco dia a dia e quando este processo conclui, deixamos simplesmente de existir. Aprendendo a pensar desta forma, muitos dos nossos fantasmas desaparecem.

Outro ponto valorizado por ele é os referentes à coragem da sabedoria, relacionados com a religião, citados por Sêneca, que são:

-O primeiro ponto é: não perturbados pelos temores e não estragados pelos prazeres, não temeremos nem a morte nem os deuses. Nesta frase os deuses significam o destino”.

- O segundo ponto é que a alma do homem sábio é similar a Deus. O Deus indicado aqui é o divino Logos, em união com quem a coragem da sabedoria vence o destino e transcende os deuses. É o Deus acima de deus.

- O terceiro ponto ilustra a diferença entre a idéia de resignação cósmica e a idéia de salvação cósmica em termos teísticos. Sêneca diz que enquanto Deus está além do sofrimento o verdadeiro estóico está acima dele.

A distinção entre ‘além’ e ‘acima’ implica um julgamento de valor. O homem sábio que corajosamente vence o desejo, sofrimento, ansiedade ‘ultrapassa o próprio Deus.’¹⁰

E segue dizendo:

“Tomando por base tal avaliação a coragem da sabedoria e resignação poderia ser substituída pela coragem da fé na salvação, isto é, pela fé num Deus que paradoxalmente participa do sofrimento humano”.¹¹

Sua colocação me leva a concluir que independente do que muitas igrejas têm tentado fazer, o sofrimento não é supervalorizado, nem vista como castigo divino. Não fomos criados para sofrer, mas algumas de nossas escolhas nos levam ao sofrimento e que Deus se compadece, pois é misericordioso.

⁹ TILLICH, 1972, p. 3.

¹⁰ TILLICH, 1972, p. 12

¹¹ TILLICH, 1972, p. 12

Tillich parece falar o tempo todo da importância de sermos fiéis aos nossos princípios, os nossos valores, ao nosso coração, o que nos daria maior probabilidade de acertar. Ter claro quem somos e em que acreditamos, nos habilita a lutarmos por nossas crenças, pelo respeito, pelo reconhecimento e não terá quem nos intimide, além de ser praticamente incorruptível.

Pois a fé é um ato da pessoa inteira, que se realiza no centro da vida pessoal e todos elementos desta devem participar. É a orientação da pessoa inteira em direção ao incondicional - que é o divino.

A coragem da confiança é identificada especialmente no protestantismo, como a coragem da fé, mas Tillich não considera como tal, e sim como um dos elementos da fé.

É um encontro único e pessoal com Deus, onde não existe ameaça de perda do EU, nem do próprio mundo.

O ser humano só se torna confiante em relação a sua existência, no momento que deixa de basear em nada finito, nem na igreja, mas em Deus.

Ele pontua, também, a coragem da aceitação.

É decisivo para esta auto-afirmação é o fato de ela ser independente de qualquer condição prévia moral, intelectual ou religiosa: não é o bom ou o sábio, ou o piedoso quem está destinada à coragem de aceitar a aceitação, mas aqueles que são faltos de todas essas qualidades e estão certos de serem inaceitáveis.¹²

É a aceitação do pecador inaceitável em comunhão, de transformação e julgamento com Deus.

Para participar de Deus, participar da eternidade, devemos ser aceitos por Deus e aceitar que fomos aceitos por ele. Desta forma encontraremos a segurança e a eternidade transcendente.

Finalmente desconstruir a idéia que a morte é a punição pelo pecado.

O ser tem um não-ser “dentro” de si mesmo, de modo que é eternamente presente e eternamente separado no processo de vida divino. A base de tudo que é não é uma identidade morta, sem movimento e vir a ser, é uma criatividade vivente. Ela se afirma criadoramente, conquistando eternamente seu próprio não-ser. Como tal é o modelo de auto-afirmação de cada ser finito e a fonte de coragem de ser.¹³

¹² TILLICH, 1972, p. 128.

¹³ TILLICH, 1972, p. 27.

É a nossa capacidade de vencer os obstáculos, de nos apoderarmos de nossas conquistas e resolver ou enfrentarmos nossos medos.

Há uma distinção entre ansiedade e medo:

Ansiedade é uma sensação, uma inquietude que não tem causa nem endereço definido.

O medo tem um desencadeante, identifica-se, tem nome, já a ansiedade não. É o depois e não temos elementos que expliquem.

Ele exemplifica com a morte. Medo seria o de morrer por uma doença, acidente, etc. A ansiedade se manifesta de formas distintas. A existencial seria a ansiedade da morte, para onde vamos? Quem encontraremos? Voltaremos? A vida será igual?

Do vazio: é a perda da significação. O que temos? O que valemos? O que significamos? Qual nosso papel? Acreditamos em que?

Da culpa e da condenação: Sou bom o suficiente? Trilho o caminho correto? Estou certo? O que faço de mim?

Com a crescente individualização do ser humano observa-se que a ansiedade da morte tem aumentado, o que é mais atenuado em grupos onde o exercício de ser comunidade é mais forte.

Este fato deve ser decorrente da solidão humana. Os valores, crenças não são confirmados e ritualizados pelo grupo de iguais.

Para fugir deste vazio, muitos abrem mão de seu EU, em benefício de uma pseudo Vida Espiritual.

Entendo que este foi, por muito tempo, o entendimento transmitido por muitas igrejas. É mais tranquilo para quem orienta e é orientado pensar desta forma. É mais fácil seguir um manual do que criar, pensar sobre o que é uma vida espiritual “correta”.

Esta visão rígida, e por um só ângulo, gera ansiedade, que por sua vez é utilizada para controlar, atacar e converter os que não tem a mesma compreensão de vida espiritual.

A ansiedade manifesta-se através da culpa e da condenação.

O fato de termos livre arbítrio nos faz responsáveis pelo que fazemos de nós mesmos. Somos nossos juízes, e juízes extremamente rígidos exigentes. É a ansiedade da culpa, da auto rejeição ou condenação. Seremos nossos próprios inimigos?

Somos livres, dentro de nossa finitude, para fazermos o melhor que conseguirmos.

Se nos perdermos de nós mesmos? Seríamos condenados? Esta não seria uma forma de nos autodenominarmos porta voz de Deus?

“A afirmação teológica de que cada alma humana tem um valor infinito é uma conseqüência da auto afirmação ontológica como um indivisível, insubstituível”.¹⁴

O homem e a mulher são únicos, incomparáveis, individuados, autocentrados, livres e insubstituíveis teologicamente.

Pertencem ao mundo, fazem parte e a diferença neste lugar. Modificam e são modificados por este mundo.

Além disto, temos dentro de nós, também, aspectos destrutivos e demoníacos.

... também as cognitivas. Ele está sujeito aos conflitos da existência, e sua razão está isento deles. Porém, tal como Platão, nunca foi perdida uma memória transitória, mesmo nas formas mais extraviadas da existência humana, assim no cristianismo, a estrutura essencial do homem, e seu mundo, é preservada pelo providencial e reguladora criatividade de Deus, que torna possível não só alguma bondade, mas também alguma verdade. Somente sendo assim é o homem capaz de se compenetrar dos conflitos de sua condição existencial e esperar uma restituição de seu status essencial.¹⁵

Na medida em que o ser humano se afasta de sua essência, entra em contato com sua ansiedade e desespero.

Heidegger propõe: “a essência do homem é sua existência”. Esta sentença é como um raio de luz que ilumina a cena existencialista. O que ele diz é que não há natureza essencial do homem, exceto num ponto, de que ele pode fazer dele mesmo o que quer. O homem cria o que ele é. Nada é dado a ele para determinar sua criatividade. A essência de seu ser-o ‘deve ser’, e o ‘que tem que ser’ - não é algo que lê encontra ele o faz. .O homem é o que ele faz de si próprio o que ele quer ser.¹⁶

O ser humano expressa sua relação com sua essência através de símbolos pertencentes a sua estrutura de ser.

E, “se a participação é dominante, a relação com o ser-em-si tem um caráter místico, se prevalece à individualização a relação com o ser-em-si tem um caráter pessoal, se ambos os pólos são aceitos e transcendentem a relação com o ser-em-si tem caráter de fé”.¹⁷

¹⁴ TILLICH, 1972, p. 68-69.

¹⁵ TILLICH, 1972, p. 100.

¹⁶ TILLICH, 1972, p. 117.

¹⁷ TILLICH, 1972, p. 123.

A experiência religiosa é o encontro pessoal com Deus, a confiança pessoal, a coragem da confiança.

O que compreenderia esta confiança?

É que sempre seremos perdoados, independente das culpas, e abençoados com o amor de Deus.

Segundo o cristianismo estamos extraviados de nosso ser essencial, estamos sujeitos a contradizê-lo. Portanto, a morte cessou de ser a 'recompensa do pecado'. Isto, contudo, é o estado de ser aceito a despeito de ser inaceitável. Aqui está o ponto em que o mundo antigo foi transformado em cristianismo e no qual a coragem de Lutero de enfrentar a morte esta plantada. O ser aceito na comunhão com Deus é o fundo desta coragem de tomar sobre si pecado e condenação, é também a base para tomar sobre o destino e morte. Pois encontrar Deus significa encontrar segurança transcendente e eternidade transcendente. Aquele que participa da eternidade. Porém a fim de participar dele, você deve ser aceito por ele e deve ter aceitado sua aceitação de você.¹⁸

Para aceitar e se sentir aceito, parece ser necessário o reencontro com a essência. Estar convicto e fiel aos seus valores e crenças e conseqüentemente a recuperação da auto estima.

1.1.4 Deus

Deus é o Ser. É perfeito, perfeitíssimo.

Separa-se de Si mesmo quando nasce em Seu filho e reúne-se a Si mesmo no Espírito.

Foi nossa tarefa mostrar que essencialmente, em sua natureza criada, amor, poder e justiça estão unidos. Isso, entretanto, não era possível sem mostrar que na existência eles estão separados e em conflito. O que leva à pergunta: Como pode sua unidade essencial ser restabelecida! A resposta é óbvia. Pela manifestação do fundamento eles estão unidos. Amor, poder e justiça são um no divino fundamento, eles se tornam um na essência humana. O sagrado no tempo e no espaço.¹⁹

Deus é real e por vê-Lo como tal, posso ter uma relação pessoal com Ele. E para que tal se concretize, converto em real todas as afirmações simbólicas sobre Ele.

Ou seja, nossa imagem de Deus é simbólica, mas conforme nossa realidade. É nossa realidade finita ampliada e projetada Naquele que transcende.

¹⁸ TILLICH, 1972, p. 132.

¹⁹ TILLICH, Paul. **Amor, poder e justiça. Análises...**São Paulo: Ed. Cristã Novo Século. 2004. p. 98.

Se a caracterizamos como amorosa, ou como especificamente o Amor, transformamos em amor divino, o que significa “que nosso amor está enraizado na vida divina, isto é, em algo que transcende nossa vida infinitivamente em ser e significado”.²⁰

O poder divino é um poder simbólico. Ele nos reforça, nos torna mais poderosos, pois potencializa forças para lutarmos contra vontades divergentes. Assim como o amor terá os contornos de nossa experiência pessoal.

Deus é o poder de ser. Esta onipotência seria decorrente Dele ser o começo e o fim, logo, estar presente em toda a nossa existência.

Na experiência religiosa, o poder de Deus provoca o sentimento de existência à mão de um poder que não pode ser conquistado por qualquer outro poder, em termos ontológicos, que é a resistência infinita contra o não ser e a vitória eterna sobre ele. Participar dessa resistência e desta vitória é percebido como o modo de superar a ameaça de não ser que é o destino de tudo o que é finito. Em toda oração ao Deus todo poderoso, o poder é visto à luz do poder divino. Ele é visto como na realidade definitivo.²¹

Deus é o juiz, justo, autor e executor da justiça divina.

A lei divina é composta pela lei natural e positiva. Está além da estrutura da realidade bem como da mente humana. É a justiça do ser.

Se Deus é justo e autor da justiça, o fato de existirem tantos eventos ‘injustos’, causa grande ansiedade e conflitos. Este entendimento parece ser uma das causas de revolta e afastamento de Deus. Ao que Tillich diz: “O poder de Deus está em que Ele supera a separação e não que a evita”.²²

Este é o significado do antigo símbolo de Deus participando no sofrimento da criatura, um símbolo que o cristianismo foi aplicado à interpretação da cruz daquilo que foi dito ser o Cristo. Essa é a unidade de amor e poder na grandeza da realidade de si mesmo, poder, não apenas em seu elemento criativo, mas também em seu elemento compulsório e a destruição e sofrimento ligado com ele. Essas considerações dão à teologia uma chave para o eterno problema da teodicéia, o problema da relação do amor divino e o poder divino do não ser, isto é a morte e a culpa inexpressividade. A unidade ontológica de amor e poder é a chave que, embora não nos desvendando o mistério de ser, poder, contudo substitui algumas chaves enferrujadas de portas enganosas.²³

²⁰ TILLICH, 2004, p. 99.

²¹ TILLICH, 2004, p. 100.

²² TILLICH, 2004, p. 101.

²³ TILLICH, 2004, p. 101.

Então, a soma entre o amor e a justiça seria nosso passaporte para a salvação?

O poder espiritual, o que seria?

Talvez o fator que dá unidade ao ser humano, o equilíbrio, sendo a única maneira de unir a personalidade consigo mesma. Tillich conclui, dizendo:

Eu não precisaria dizer muito sobre a relação de graça e justiça. O ato perdoador foi mencionado em relação à pessoa e pessoa. O perdão mútuo é o cumprimento da justiça criativa. Mas o perdão mútuo é justiça apenas se ele estiver fundamentado sobre a reunião do amor justificado pela graça. Apenas Deus pode perdoar, porque só nele o amor e a justiça estão completamente unidos. A ética do perdão está enraizada na mensagem do perdão divino. De outro modo eles são entregues a ambigüidades de justiça, oscilando entre legalismo e sentimentalismo.²⁴

Para concluir, é importante reforçar que somos a imagem e semelhança de Deus, a nossa relação com Ele, então, será exatamente igual a que temos com o nosso eu.

1.2. O olhar de Jung

1.2.1. Quem é Carl Gustav Jung?

Jung nasceu em 26 de julho de 1875, em Kresswil, Basileia, Suíça.

A família era luterana e seu pai, bem como vários de seus tios, era, pastor.

Foi uma criança solitária, sensível e interessada em filosofia e em religião.

Fez medicina devido ao seu interesse pelas ciências naturais e humanas. Interessou-se pelos problemas psíquicos e mediúnicos.

Conheceu Freud e surgiu uma admiração mútua, tanto que Freud o considerava seu herdeiro. Mas Jung não concordava com o mestre, especialmente no que diz respeito a todos conflitos serem de natureza sexual. Por sua vez, Freud não concordava com seu interesse pelos fenômenos espirituais.

Casou-se com Emma, também uma estudiosa, analista e supervisora, com quem teve cinco filhos.

Continuou seu trabalho contemplando, além da psicologia, sociologia, a antropologia, história e religião.

²⁴TILLICH, 2004, p. 107.

Faleceu em 1961, aos 86 anos, em sua casa à beira do lago de Zurique.

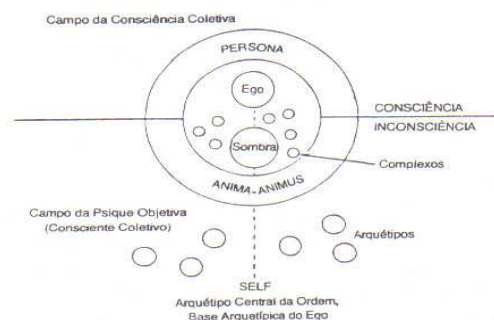
Conta-se uma história sobre Jung, que é muito interessante. Ele tinha 12 anos e voltava da escola. Era um dia lindo, céu muito azul, que refletia no telhado novo da igreja. O pequeno Carl pensou, céu azul, refletindo no telhado lindo da igreja e Deus sentado em seu trono de ouro, olhando lá do céu. Sentia que este pensamento continuava com algo não muito agradável. Então bloqueou. Passaram-se três noites e ele evitando continuar o pensamento. Na terceira noite, resolveu que tinha que se permitir. Então, deu asas a sua imaginação. Dia lindo, de céu azul, Deus no seu trono de ouro, e de repente, cai um grande excremento e arrebenta o telhado e as paredes da igreja. Relata que sentiu um grande alívio, pois ao contrário de seu pai, permitiu-se conhecer Deus vivo. Seu pai entra na história, pois nunca conseguiu que ele respondesse suas perguntas sobre a Trindade. Por pura exaustão, acabou por confessar que não sabia como era, que não entendia.²⁵

1.2.2. Sua obra

Geralmente inicia-se a falar de Jung por sua definição de consciência, ou seja,

“Consciência é a percepção dos nossos próprios sentimentos e no seu centro existe um eu”.²⁶

E este “Eu” é o ego. É, sem dúvida alguma, a porta de ingresso para a psique. O grande objetivo de Jung era desenhar o mapa de nossa psique.



²⁵ Disponível em <http://www.pucsp.br/pos/cesimo/schenberg/alunos/conradobraga/jung/texto.htm>: Acesso em 25 fev. 2007.

²⁶ STEIN, Murray. Jung. **O mapa da alma**. São Paulo: Editora Cultrix. 2005. p.21.

“A linha horizontal divide a consciência da inconsciência. O grande círculo é a esfera pessoal, parte superior o que é consciente e a inferior o inconsciente. No exterior o que se refere ao consciente coletivo”.

O complexo do ego está no centro da consciência e é fundamentado pelo arquétipo do si-mesmo – o Eu.”²⁷

“Arquétipo: Um padrão potencial inato de imaginação, pensamento ou comportamento que pode ser encontrado entre seres humanos em todos tempos e lugares”.

Si-mesmo. O centro, fonte de todas as imagens arquetípicas e de todas as tendências psíquicas inatas para a aquisição de estrutura, ordem e integração.”²⁸

A fronteira entre o complexo do ego e o mundo exterior da consciência é a ‘persona’. São nossos múltiplos papéis, nossas máscaras.

Nós somos impulsionados por imagens e emoções e certamente sentimos muito mais que pensamos.

A ‘persona’, assim como os demais conteúdos da área pessoal, são compostos por ‘complexos’. Jung afirmava que é o uso e não a existência do ‘complexo’ que dificulta a vida das pessoas, pois os complexos sempre estarão presentes.

Complexo - conteúdo autônomo do inconsciente pessoal cuja expressão sensível é usualmente formada através de lesão ou trauma psíquico.

Ou ainda: O complexo pode até mesmo ser projetado em outra pessoa com relação à qual sentimos, em consequência todas emoções associadas ao complexo.²⁹

Os complexos são pessoais, entretanto, pode-se dizer que existam os sociais e familiares. Aqui podemos falar que há o complexo pessoal, pois foi adquirido durante a vida do indivíduo, mas é coletivo por ter sido compartilhado com o grupo. Isto nos leva a crer que há uma camada cultural no inconsciente.

Inconsciente: A porção da psique situada fora do conhecimento consciente. Os conteúdos do inconsciente são constituídos por memórias recalçadas e por material, como pensamentos, imagens e emoções, que nunca foram conscientes. O inconsciente está dividido em inconsciente pessoal, o qual contém os complexos, e inconscientes coletivos, que aloja as imagens arquetípicas e os grupos de instintos.³⁰

A ‘persona’ é a ligação entre o ego e o mundo exterior e ‘anima’ (a figura feminina da mente do homem) e ‘animus’ (a figura masculina da mente da mulher) faz a ligação com o mundo exterior.

A ‘anima’ e o ‘animus’ funcionam como guardiões do Eu.

²⁷ HALL, James. **A experiência Junguiana. Análise e individuação**. São Paulo: Editora Cultrix. 2003. p.194.

²⁸ STEIN, 2005, p. 205-206.

²⁹ STEIN, 2005, p. 206.

³⁰ MARONI, Amnaéris. Jung. **Individuação e coletividade**. São Paulo: Editora Moderna. 1998. p. 50-51.

“A experiência da persona costuma ser consciente e traz uma qualidade ‘opcional’ podemos decidir exibir um comportamento considerado apropriado numa dada situação, isto é, podemos expressar-nos através de um papel da persona”.³¹

Já a ‘sombra’ provoca ansiedade, quando se torna consciente, pois é constituída pelos aspectos que não aceitamos, que são rejeitados da nossa personalidade. São aqueles que reprimimos para representar bem nossos papéis, sermos aceitos.

Ela torna-se evidente, quando nos irritamos profundamente com o outro ao identificarmos, mesmo que inconscientemente, coisas nossas.

Jung acreditava ser muito importante ter um entendimento, crítico da consciência e isto lhe levou a escrever sobre os ‘tipos psicológicos’, que são: “A combinação de uma das suas atitudes (extroversão ou introversão) com uma das quatro funções (pensamento, sentimentos, sensação ou intuição) para formar uma distinta orientação habitual da consciência do ego”.³²

1.2.3. Corpo e mente

Jung acreditava que a energia psíquica era uma das sub categorias de energia vital.

Para medirmos, cientificamente esta energia seria necessário colocar valor em cada uma de nossas atividades. Seria quase um inventário de nossas preocupações consciente-política, religião, dinheiro, sexo, carreira, família, amigos, etc. Assim teríamos uma idéia de como nossa energia está distribuída nos conteúdos da consciência. E o inconsciente?

Jung aperfeiçoou o ‘experimento de associação verbal’, para fazer esta avaliação, pois podemos medir o nível de energia do conteúdo psíquico, através das emoções e reações positivas e negativas que a associação livre gera.

Jung via a natureza e a cultura como partes fundamentais da natureza humana.

As invenções humanas da cultura e de especialização no trabalho produzem-se mediante a criação pela mente de análogos para as metas e atividades e instintivas. Tais análogos funcionam como símbolos. Idéias e imagens - conteúdos mentais -

³¹ STEIN, 2005, p. 205.

³² MARONI, 1998, p. 197.

canalizam a libido em novas direções, desviando de seus gradientes e objetos naturais.³³

Então, um símbolo traz para si uma grande quantidade de energia e formaliza os processos pelos quais se canaliza e consome a energia psíquica.

Os símbolos não são inventados, surgem espontaneamente do inconsciente e normalmente, em momentos de grande necessidade.

“A experiência do símbolo une corpo e alma num poderoso e convincente sentimento de integridade. Para Jung, o símbolo reveste-se de tanta importância por causa de sua capacidade para transformar a energia natural em formas culturais e espirituais”.³⁴

A ambição de Jung no estudo das camadas mais profundas da mente humana é o que chamou ‘inconsciente coletivo’ e é onde se mostra os arquétipos e os grupos de instintos.

“Arquétipo: Um padrão potencial inato de imaginação, pensamento ou comportamento que pode ser encontrado entre seres humanos em todos tempos e lugares”.³⁵

Fala-se em arquétipos se faz necessário pensar em instinto, uma vez que ambos estão relacionados. São inseparáveis, pois caso contrário pode evoluir para uma psicologia totalmente espiritualizada e sem alicerces.

Todos nós temos os mesmos arquétipos e instintos.

“Instinto uma fonte inata, fisicamente baseada, de energia psíquica (ou libido) que é formado e estruturado na psique por uma imagem arquetípicas”.³⁶

1.2.4. O Si-Mesmo

O mais importante da teoria do Jung é o ‘Si - mesmo’.

O si-mesmo, o self “é transcendente, o que significa que não é definido pelo domínio psíquico nem está contido nele, mas situa-se, pelo contrário, além dele e, num importante sentido define-o. É mais que subjetividade da pessoa, sua essência situa-se além do domínio subjetivo. O si-mesmo forma a base para o que no sujeito existe de comum com o mundo, com as estruturas do Ser.

³³ STEN, 2005, p. 78.

³⁴ STEIN, 2005, p. 80.

³⁵ STEIN, 2005, p. 205.

³⁶ STEIN, 2005, p. 206.

No Si-mesmo, sujeito e objeto, ego e o outro se juntam num campo comum de estrutura e energia.”³⁷

Jung afirma que cada um de nós tem consigo uma imagem de Deus.

1.2.5. A individuação

A individuação é o surgimento do Si-mesmo.

A individuação é, então, a meu ver, um projeto radical de resgatar e aprofundar a noção de indivíduo.

Morte-renascimento é parte deste ideário utópico. O homem que renasce é espiritual, porque é capaz de ler o seu padrão instintivo como simbólico, imaginal, metafórico. A psique é comparável, de acordo com Jung, ao espectro das cores: na parte infravermelha, a vivência instintiva; na parte ultravioleta, a vivência simbólica. Instinto e imagem arquetípicas são dois lados da mesma moeda e, para alcançar a vivência simbólica, algo da parte instintiva tem que morrer. O simbólico, o imaginal, o arquetípicos nada tem a ver com perspectivas transcendentais, místicas, etc. O arquetípicos e o simbólico são naturais, vale dizer, corporal. O que as diferencia das bases instintivas é o trabalho psicológico, a possibilidade de relação, cuidado, atenção: o tecido mesmo do que Jung entende por alma.³⁸

Jung falava sempre que jamais havia atendido, trabalhado com uma pessoa que estivesse na segunda metade da vida que não tivesse algum conflito religioso. Este conflito não era em relação a preceitos de denominações e sim qual o sentido, razão de viver.

É interessante, pois em muitas passagens o espiritual confunde-se com a interioridade psicológica e com outra expressão usada por ele que é ‘o tecer da alma’. É a busca, o arriscar objetivando a conquista de novos valores, de uma nova maneira de ser. O autoconhecimento é a grande aventura espiritual.

A profunda compreensão da psique por parte de Jung resultou naquilo que é, a meu ver, o modelo mais promissor até agora desenvolvido para preencher a trágica lacuna entre a ciência e a religião. A humanidade não pode suportar por muito tempo, nem alegremente, a atual separação entre as duas formas de conceber o universo. A primeira delas a ciência encontra-se aprisionada num arcabouço desnecessariamente naturalista ao passo que a religião, o outro grande repositório dos nossos valores e esperanças mais elevadas são, com demasiada frequência, desnecessariamente dogmática ou (o que é o pior e ainda mais perigosa) apresentado sob o aspecto de ‘ismos’ seculares que trazem consigo um fervor religioso inconsciente. Trata-se

³⁷ STEIN, 2005, p. 138.

³⁸ MARONI, 1998, p. 50-51.

de um mundo, de um universo e os valores humanos não são impostos de fora, mas surge das próprias camadas profundas da psique objetiva, que é tão real quanto o mundo da realidade exterior. Esses dois planos são, com efeito, um único e mesmo plano.³⁹

Penso que esta definição de Hallé bem apropriada para concluir esta síntese do pensamento de Jung.

O pensamento junguiano é uma ponte eficaz entre a compreensão do indivíduo e a articulação das preocupações mais amplas concernentes ao destino e à história psíquica da humanidade, assim como a investigação científica de cunho empírico e o surgimento espontâneo de imagens religiosas na psique. Esse pensamento é uma força de cura do mundo, tanto quanto é uma abordagem terapêutica da neurose do indivíduo.⁴⁰

³⁹ HALL, 2003, p. 189.

⁴⁰ HALL, 2003, p. 191.

2. PROCURANDO RESPOSTAS...

O da quina

*Os Deuses vendem quando dão
 Compra-se a glória com desgraça.
 Ai dos felizes, porque são
 Só o que passa!*

*Baste a quem baste o que lhe basta
 O bastante de lhe bastar!
 A vida é breve, a alma é vasta:
 Ter é tardar.*

*Foi com desgraça e com vileza
 Que Deus ao Cristo definiu:
 Assim que opôs à natureza
 E o filho o ungiu.*

Fernando Pessoa

A primeira parte da pesquisa, ou seja, as seis primeiras perguntas objetivaram conhecer meus entrevistados e suas famílias de origem.

Saber quem são estas pessoas, para poder entender como construíram sua espiritualidade, sua concepção de fé, sua relação com Deus, que é o verdadeiro objeto de meu trabalho.

Pois como diz Wilfred Smith, um cientista da religião, citado por Fowler:

“A fé, portanto, implica em visão. É um modo de conhecer, de reconhecimento. Uma pessoa compromete-se com aquilo que é conhecido ou reconhecido e vive lealmente, tendo sua vida e caráter moldado por esse comprometimento”.⁴¹

Então, considerando esta colocação, procede minha preocupação em conhecer quem é a família destas pessoas, pois é através dela que se dá o primeiro contato com o mundo e onde exercitamos as primeiras trocas, comprometermos e lealdades.

“Ninguém vive sem família ou alguma organização que a substitua. O ser humano que procura, desde o nascimento, caminhar para a sua independência, é, ao mesmo tempo, um ser dependente e relacional, pois necessita ter um suporte para o seu desenvolvimento”.⁴²

Assim como, “As relações que estabelecemos com a família na qual nascemos são as mais importantes de nossa vida e vão representar a base de nosso comportamento futuro”.⁴³

É deste futuro, agora presente, que iremos questionar.

As respostas das 17 perguntas foram organizadas em ordem crescente, segundo a formulação dos estilos da fé, de James Fowler (1992).⁴⁴

Primeiro: Fé intuitivo-projetiva. A imagem de Deus é constituída a partir da relação pais e bebê.

A fé da criança é a de seus pais. Além disto é extremamente influenciável pelas histórias, ações, exemplos de fé visível dos familiares e pessoas muito próximas.

Segundo: Fé mítico-literal. É o começo da religiosidade e da pertença a determinada denominação. (socialização religiosa, na escola, igreja e sociedade).

Começa a assumir de forma literal as narrativas e histórias, bem como as respectivas simbolizações.

Deus é antropomórfico. Tem início o conflito entre o Deus próprio e o Deus oficial (aprendido na família, escola, igreja, etc.).

Há uma visão de equidade e de justiça baseada na reciprocidade. É a justificação pelas obras.

⁴¹ FOWLER, James. **Estágio da fé; a psicologia...**São Leopoldo: Sinodal. 1992. p. 22.

⁴² GROISMAN, Moises. **Família é Deus.** Rio de Janeiro: Eldorado. 2000. p. 24.

⁴³ GROISMAN, 2000, p. 33.

⁴⁴ FOWLER, 1992, p. 108 a 170.

Terceiro: Fé sintético-convencional. É uma época de muitas dúvidas, pois o Deus da infância, o desenhado pela família deixa de existir, ou ao menos deixa de ser única possibilidade. Há uma reavaliação dos valores e da relação com Deus. Torna-se emergente fazer suas próprias escolhas, ter autonomia e sua própria fé. É o momento de criar o mito pessoal. Ainda não há o apoderamento dos valores e crenças.

Quarto: Fé individualivo-reflexiva. A imagem de Deus é abstrata. Fé e valores foram reavaliados e examinados. A autoridade foi internalizada e há autonomia. Símbolos e significados que os expressam já podem ser separados. É o estágio desmitologizador. O Eu é o centro das novas concepções - há uma avaliação sobre a identidade, o eu e a ideologia.

Quinto: Fé conjuntiva. Há abertura para o diálogo, pois há o reconhecimento que a posição de cada um não é única, verdadeira e que existem outras formas de viver e crer.

Há interdependência, pois existe a possibilidade de ser dependente, quando necessário, sem perder a independência.

As ambigüidades foram superadas ou pode-se ver mais lados de uma mesma questão. A pessoa amplia seu olhar e começa a comprometer-se com o comunitário, com o bem comum. Está aberto a novas experiências e revelações.

Sexto: Fé universalizante. “Os particulares da vida são tratados com carinho como os vasos do universo. Ama-se a vida e se a deixa fluir livremente, ela é levada a sério, mas não demasiado a sério”.⁴⁵

2.1. Pesquisa

2.1.1 Identificação

E.01. João. 51 anos, músico, divorciado, dois filhos adultos.

E.02. Pedro. 16 anos, estudante, solteiro, sem filhos.

E.03. Marcela. 32 anos, auxiliar geral, divorciada, dois filhos e uma neta.

⁴⁵ ROOME, T. **Educação Religiosa Cristã**. São Paulo: Paulinas. 1985. p.22

- E.04.Gustavo. 14 anos, estudante, solteiro, sem filhos.
- E.05.Adriano. 26 anos, aposentado por invalidez, solteiro, sem filhos.
- E.06.Renato. 43 anos, técnico em contabilidade, casado, um filho pequeno.
- E.07.Marina. 56 anos, aposentada por invalidez, casada, quatro filhos e três netos.
- E.08.Cristina. 32 anos, aposentada por invalidez, casada, sem filhos.
- E.09.José. 48 anos, técnico em informática, solteiro, uma filha.
- E.10.Vera. 52 anos, aposentada, casada, três filhos adolescentes.
- E.11.Carolina. 22 anos, estudante, solteira, sem filhos.
- E.12.Manuela. 40 anos, psicóloga, divorciada, dois filhos adolescentes.
- E.13.Paulo. 51 anos, terapeuta, solteiro, três filhos adultos.
- E.14.Lucas. 39 anos, técnico em comunicação visual, casado um filho pequeno.
- E.15.Patrícia. 31 anos, psicóloga, casada, sem filhos.
- E.16.Ricardo. 29 anos, comerciante, solteiro, sem filhos.
- E.17.Joana. 41 anos, psicóloga, casada, um filho púbere.
- E.18.Matheus. 43 anos, serralheiro, casado, dois filhos adolescentes.
- E.19.Olívia. 47 anos, professora, divorciada, dois filhos adolescentes.
- E.20.Fernanda. 44 anos, psicóloga, divorciada, sem filhos.

A maior parte das pessoas participantes da pesquisa são maiores de trinta anos e o número de homens e mulheres é igual.

Seis deles são solteiros e apenas oito não tem filhos.

No que se refere à ocupação, quatro são psicólogas, quatro aposentados por invalidez e três estudantes. Nos demais não existe uma predominância profissional.

2.1.2 História familiar

E.01. O pai era sargento da brigada e aos 45 anos enfartou na casa da amante. Esta e a esposa cuidaram dele até falecer, pois ficou seqüelado, até aos 81 anos. A mãe era dona de casa e sempre viveu em função do marido. O casal teve três filhos, sendo o paciente o mais velho. As crianças sempre se governaram. Brigavam muito entre eles e apanharam de forma excessiva

dos pais. João fugiu de casa, ainda menino. Os outros dois seguiram a carreira do pai e são bem sucedidos.

E.02. Os pais casados há 18 anos. Bom relacionamento conjugal. O casal tem três filhos. Ele funcionário público, ela artesã. Afetivos, procurando equilibrar a vida conjugal e parental.

E.03. Família de agricultores. Pai alcoolista e mãe totalmente submissa. Tiveram quatro filhos. Quando a entrevistada tinha 12 anos o pai vendeu-a para um irmão 25 anos mais velho que a menina. Engravidou, achava que eram vermes, por esta razão, tomou os remédios que davam aos animais. Foi hospitalizada, mas não perdeu o bebê. Casou-se com ele por determinação judicial, pois seu pai assim o exigiu. A partir daí, ela se isolou da família.

E.04. Família composta pelo casal e dois filhos. Ela professora universitária e ele médico. Existe um bom relacionamento familiar e extra familiar. Cuidadosos e amorosos com os filhos.

E.05. Família de agricultores. Mudou-se para cidade em busca de trabalho e atendimento médico para o entrevistado que tinha problema de atrofia numa perna. Pai alcoolista, sendo que o paciente bebe desde menino, com o pai. O casal e os três filhos moram e trabalham juntos, com exceção do entrevistado que está aposentado por invalidez.

E.06. Os pais são oriundos do campo. Vieram para cidade, após o casamento. Tiveram dois filhos. São amorosos, alegres e dinâmicos. Ele trabalha como industrial e a esposa é dona de casa.

E.07. A mãe da entrevistada engravidou quando tinha 16 anos. Foi expulsa de casa após o nascimento da filha. A avó não queria entregar a neta, então a mãe a enrolou bem e jogou pela janela e fugiu. Na queda a menina teve deslocamento de retina e perdeu a visão de um olho. Casou-se por três vezes, sendo que o último padrasto tentou por várias vezes, abusar sexualmente da filha. Passou muita fome. Aos 6 anos a mãe a colocou como babá em uma casa de família. O casal teve cinco filhos que a paciente ajudava a sustentar e cuidar, pois a mãe tinha um centro de saravá em casa e fazia muitos trabalhos.

E.08. Família de agricultores, onde a mãe quem cuidava da roça, pois o pai era músico e ficava dias fora. Teve inúmeras amantes. Maltratava a esposa e filhos. Não deixava que saíssem de casa, nem visitar os amigos. Saíam fugidos. O casal teve oito filhos. Fugidos,

também, saíram da roça, pois os maridos das amantes dele queriam matá-lo. Extremamente periféricos em relação aos filhos. Descobriram a doença renal da filha sob pressão dos vizinhos. Foi hospitalizada, ficou vários dias no CTI e eles foram visitá-la três meses depois, ou seja, quase na hora da alta.

E.09. Pai militar, muito rígido e mãe dona de casa e uma pessoa muito nervosa. Tem uma irmã de outro relacionamento do pai. Relacionamento distante e falta do pai que sempre trabalhava fora.

E.10. Família muito religiosa, onde era muito valorizado ser padre e freira. Os casais oriundos da colônia, vindo para cidade depois do casamento. Ele barbeiro e afetivo com os filhos. Ela costureira e mais distante. O casal teve quatro filhos. A vida social era em torno da família e igreja.

E.11. O casal tem três filhos adolescentes. Ambos profissionais liberais bem sucedidos. Bom relacionamento familiar e participação comunitária. Afetivos e envolvidos com atividades dos filhos

E.12. Pais afetivos com os filhos. Ele representante comercial e ela dona de casa. Ele chefe do grupo, embora viajasse muito e ela submissa, mas sempre envolvida com os filhos. Todo lazer era sempre com todos juntos.

E.13. Pai suíço que imigrou em busca de oportunidades. Tentou ficar em Santos, mas não se adaptou. Foi para Curitiba, onde conheceu a esposa e vivem até hoje. Começaram afiando facas e foram crescendo, sempre trabalhando juntos. Hoje tem uma fábrica de utensílios de inox. Tiveram dois filhos. Família muito unida com boa participação comunitária.

E.14. Mãe muito afetiva e pai provedor, com dificuldade de demonstrar afeto. O pai, no início do casamento era bancário e assim que juntou dinheiro comprou uma chácara, nos arredores da cidade. Mudou-se para lá, apesar dos filhos não quererem. O lazer era sempre envolvendo toda família.

E.15. O pai, órfão, desde pequeno teve que trabalhar. A mãe de família mais abastada e de melhor nível cultural. Após o casamento, ela abandonou o magistério e foi batalhar com o marido. Vendiam verduras, rapaduras e mais tarde peças de carro. Ele já vinha de outro casamento onde tinha dois filhos. Estes rejeitaram a madrasta desde o início. Foram tempos difíceis. Engravidou e teve dois filhos. Ficou mais difícil, chegando a ponto de na adolescência

os dois enteados saírem de casa. A família é muito grudada, um interferindo na vida do outro. Trabalham todos juntos, sendo que o pai continua provedor.

E.16. Tanto o pai quanto a mãe vêm de famílias humildes. Trabalharam muito para construir a vida. Conseguiram crescer e hoje tem uma boa situação financeira. Pai controlador e mãe mediando a relação, pois é bem mais afetiva. O casal tem três filhos. Os dois mais velhos sempre trabalharam com o pai. O caçula, não. Tem envolvimento com drogas e é muito infantilizado pela mãe. O casal tem muita dificuldade em aproveitar suas conquistas, o que já é diferente com os filhos.

E.17. Os pais são pessoas simples, amáveis, protetoras, que dedicaram sua vida ao trabalho e à família. Ele era jogador de futebol e ela funcionária pública. Tiveram quatro filhos. Muito animados sempre rodeados de amigos e familiares.

E.18. Um casal simples, pessoas de bem, exemplo como educadores e formadores de opinião. Ele militar e empreiteiro e ela dona de casa. O casal teve cinco filhos. Bebem em excesso, nos fins de semana. Sempre foi assim. Nestas ocasiões sempre há brigas. Há uma boa participação comunitária e o lazer é sempre com todos juntos.

E.19. Tanto o pai quanto a mãe tem um casamento anterior. Ela teve três filhos e ele quatro. Ele abandonou-os e fugiram juntos. Desta união tiveram a entrevistada. Ela extremamente controladora e ele passivo e afetivo. Ela mantenedora e ele nutritivo. Os filhos saíram de casa cedo e mantinham um relacionamento bom apenas com o pai. As irmãs têm uma relação boa entre si.

E.20. O pai uma pessoa empreendedora, que achava importante deixar “um capital” para as filhas. A mãe, uma mulher submissa, que ensinou às filhas a cozinhar, costurar e a cuidarem de si. Eram estancieiros. Ele faleceu há alguns anos e até hoje o luto não foi bem resolvido pelas filhas. O lazer era o chimarrão entre as mulheres em casa e as reuniões dos homens na cidade.

Todos nós acreditamos piamente que quando nascemos está se iniciando uma nova história. Ledo engano. Quando nascemos entramos numa história familiar que está sendo escrito há várias gerações, à qual com a família de onde surgimos, vamos acrescentar alguns capítulos, tanto na história familiar do pai quanto da mãe.⁴⁶

⁴⁶ GROISMAN. 2000, p. 37.

A maior parte destas famílias são bem estruturadas. São consideradas famílias bem estruturadas aquelas onde o sistema hierárquico é bem definido, assim como as fronteiras (fronteiras são as linhas que dividem os subsistemas), uma mobilidade de papéis adequada, enfim uma família normal. E o que entendo por famílias normais?

Famílias normais são aquelas que sabem lidar com seus problemas, e não as que não têm problemas.

Grande parte delas são estritamente urbanas.

Família de Carolina, “O casal tem três filhos adolescentes. Ambos profissionais liberais bem sucedidos. Bom relacionamento familiar e participação comunitária. Afetivos, envolvidos com as atividades dos filhos”.

Um fato que chama a atenção é que todas as oriundas da zona rural apresentam alguma disfunção. O interessante é que não foi a adaptação à cidade que causou problemas e sim que já vieram com estas patologias. Aparece violência física e sexual, alcoolismo e tal situação contraria quase todo material disponível sobre migração.

“Família de agricultores. Pai alcoolista e mãe co-dependente. Vieram para cidade em busca de tratamento médico para o filho (atrofia na perna). O entrevistado aprendeu a beber com o pai, ainda menino”.

“O hoje é o ontem com outro cenário, outra roupagem, outros personagens, só que a essência é a mesma”.⁴⁷

Permanece, ainda, a organização patriarcal, onde o homem tem a função mantenedora e à mulher é delegado o cuidado e a expressão do amor pelos filhos, mesmo que contribua ou sustente a casa.

Como já assinalamos no início, organizamos as respostas, em ordem crescente, dos estilos de fé, e fica evidente, que quanto menos elaborado, sofisticado o estilo da fé, maiores os problemas familiares (violência, desorganização, nível cultural e de informação baixo, doença física e mental).

Desta forma, confirmamos as observações que Fowler faz quando escreve sobre a família, quando chegamos ao mundo e nos primeiros meses de vida, que começamos a estilos

⁴⁷GROISMAN. 2000, p. 33.

da fé, usando material de Erikson, Piaget, que diz que é através de nossa relação com a exercitar nossa fé. É que é neste momento que temos nossas primeiras experiências de confiança e lealdade. É onde aprendemos a compartilhar os valores e crenças.

Rubem Alves nos diz: “Não haverá parto se a semente não for plantada, muito tempo antes... Não haverá borboletas se a vida não passar por longa e silenciosa metamorfose...”⁴⁸

Fica evidente, nestes dados coletados, que em famílias onde a doença, a desestruturação predominam, a formação do vínculo, o compartilhar de valores e crenças, a lealdade, se faz de forma muito precária, o que deixa as pessoas muito vulneráveis.

Família de José, pai militar, muito rígido e mãe dona de casa e uma pessoa muito nervosa. Tem uma irmã de outro relacionamento do pai. Relacionamento distante e falta do pai que sempre trabalhava fora.

O alcoolismo é outro fator desorganizador de algumas destas famílias, pois além da pré-disposição genética há o aprendizado através do meio.

2.1.3. Religião dos pais

- E.01. Não tinham religião.
- E.02. Católicos, a mãe freqüentava o centro espírita.
- E.03. Católicos, só iam às festas.
- E.04. Católicos praticantes.
- E.05. Católicos.
- E.06. Católicos praticantes.
- E.07. A mãe tinha uma casa de santos (saravá) e o padrasto ateu.
- E.08. Católicos, não praticantes.
- E.09. Católicos.
- E.10. Católicos, muito praticantes.
- E.11. Católicos, não praticantes. Espíritas pouco praticantes.
- E.12. Mãe espírita e pai sem religião.

⁴⁸ ALVES, Rubem. **Presentes, frases, idéias e sensações**. São Paulo: Papirus. 2004. p.30

E.13. Evangélicos Luteranos.

E.14. Católicos praticantes.

E.15. Católicos, não praticantes.

E.16. Meu pai não é nada e minha mãe mais ou menos espírita

E.17. Minha mãe foi espírita, católica, evangélica e agora é pentecostal. Meu pai, não sei, pois morreu quando eu era adolescente.

E.18. Católicos praticantes.

E.19. Católicos.

E.20. Católicos praticantes.

A família, da maior parte dos entrevistados, é católica, mas nem todos praticam.

Aqui se confirma um dado conhecido por todos e confirmados em todas pesquisas, ou seja, a denominação religiosa oficial, é o catolicismo, especialmente nesta faixa etária. São pessoas entrando, ou já na terceira idade.

É interessante observar, que existem pessoas com “corrida religiosa”, ou seja, passam por várias denominações, sempre procurando a mais eficaz ou da perfeição.

2.1.4 Infância

E.01. Poucas lembranças. Meus pais brigando. Eu apanhando muito. Não tinha aniversário, natal, nada.

E.02. Minha infância foi muito boa. Brincadeiras de polícia e ladrão, bicicleta. Natais na casa do vô, na praia. Churrascos. Tudo muito legal.

E.03. A minha infância parece uma tragédia. Não se comemorava nada. Era só trabalho

E.04. Bem divertida. Gosto de ver TV, jogar videogame. As férias são muito boas, piscina.

E.05. Não era boa. Não tinha coisas para fazer. Brincava de carrinho, futebol. Mas não tinha festas. A primeira festa de aniversário e natal que eu tive, foi aqui na associação, E, eu já tinha 22 anos. O pai bebia e eu junto desde novo. Daí dava brigas.

E.06. Tenho lembranças da escola, das brincadeiras, de alguns colegas, jogos de bola. Festas com todos amigos e familiares reunidos. Tudo muito legal.

E.07. A minha infância foi triste. Comecei a trabalhar muito menina. Passei fome. Fui abusada pelo meu padrasto, o segundo. Foi bom quando tinha oito anos e era babá. A minha patroa viajava muito. Conheci vários lugares. Eu adorava.

E.08. Foi triste. Apanhei, passei fome. Queria ir para escola, mas meu pai não deixou continuar. Estudei só até à quarta série. Fiquei doente, quase morri. Tinha muita saudade da minha mãe, e ela não ia ao hospital. Melhorou quando conheci os pastores da igreja. Daí conheci a alegria.

E.09. Foi triste. Sentia saudade de meu pai que trabalhava longe. Minha irmã não morava com a gente. O bom eram as festas. Todas de aniversário, natal e ano novo. A comemoração era muito boa.

E.10. Foi boa a minha infância. Brincávamos na rua, roubávamos pêssegos e maçãs dos padres. Todos aniversários eram comemorados com os amigos, primos e amigos. No natal tinha papai Noel, presente. Só tinha uma coisa chata que era rezar o terço todos dias e toda família junta. Era ruim.

E.11. Minha infância foi maravilhosa. Passeios a Porto Alegre com minha tia, brincadeira no jardim da minha casa. Fui uma criança que adorava brincar com os adultos, de brincar de casinha, escolinha, carrinhos do meu irmão, castelos de areia, as descobertas do computador, barbies, etc. Lembro dos meus pais serem muito brincalhões, principalmente meu pai. Da criatividade do meu pai nas festas de natal e das incansáveis surpresas da minha mãe nos aniversários, nos presentes de natal. Eles estimularam muito a fantasia e a criatividade, nos oportunizaram as mais diversas vivências, viagens. Quando nós éramos pequenos as festas de natal eram nos meus avós paternos, presentes, comidas, muito bom. Depois começou a ser na minha casa. Sempre toda família junta, tudo perfeito.

E.12. A minha primeira infância foi tranqüila, com a família tradicional. Brincávamos de esconde, subir em árvores, pega-pega. Comemorávamos todas as datas com muita comilança. Toda família junta.

E.13. Tive uma infância ótima. Brincava de caçador, pular corda, pião, raia, futebol. Os aniversários eram festas animadas com os amigos e parentes. Os natais eram comemorados com os familiares. Viajávamos juntos, nas férias, para visitar meus tios.

E.14. Uma coisa que marcou muito minha infância foi quando nos mudamos para a colônia. Sofri muito preconceito, por não ser da comunidade. Depois comecei a me adaptar. Brincava bastante. Corda, balanço e fazíamos nossos próprios brinquedos, muito legal. Nos aniversários sempre tinha uma comida especial e torta. As férias eram na praia, sempre juntos, num clima de união.

E.15. Tenho boas lembranças da escola, os amigos, as brincadeiras, a boa vida de meio turno sem fazer nada, ou seja, a falta de responsabilidade. Brincávamos de bicicleta, subir em árvores, de stop, mandrake, de pegar, de esconder, de desenhar. Sempre tive festas de aniversário. Casa decorada, garrafinhas com enfeites e chapeuzinho.

E.16. Minha infância foi no interior, com muito mato e verde. Jogava futebol, subir na figueira. Só tenho boas lembranças da minha infância, apesar de ter me distanciado muito das amizades daquela época, Os aniversários e natais eram na casa de minha avó paterna, sempre muito divertidos. Só que meu avô estava sempre resmungando.

E.17. Brincava de subir em árvore, pegar minhocas e forte apache com meus irmãos. Todos aniversários eram comemorados, sempre com muitos convidados.

E.18. As lembranças são muito boas. Foi humilde, mas muito boa. Brincávamos de esconde, cabra cega, horário para ver Tv. Brincávamos enfrente a casa e lavávamos os pés para entrar e ir dormir. Tenho muita saudade. Minha mãe, mesmo doente, nunca deixou filhos sem bolo, nos aniversários. No natal muita fartura, presentes simples, mas tudo muito bom. Nas férias íamos para a colônia de férias, de excursão.

E.19. Minha infância foi boa, mas cheia de brincadeiras solitárias. Ia à missa com meu pai e depois no parquinho da Redenção. Numa Páscoa ganhei uma pasta de couro, para ir à escola, cheia de ovos de chocolate. No mês de maio rezava a ladainha em latim, com minha mãe. Não gostava, mas me serviu quando fiz letras. Gostava de ir à feira, do cheiro das frutas e gosto até hoje. Das matinés do cinema Avenida, no domingo de manhã. Das histórias que minhas irmãs mais velhas me contavam. Não se comemorava o aniversário, só o natal. Este

sempre tinha muitas comidas da terra de minha mãe e, às vezes, amigo secreto. Gostava de comer massa de empada crua e depois passava mal.

E.20. Brincava muito, com minha irmã do meio, de casinha, hospital de formigas, família de batatas. Nos aniversários sempre tinha bolo de chocolate e chocolate quente e as minhas tias maternas vinham. O natal não era comemorado porque a minha mãe não gostava. Outro acontecimento era a festa da polícia. Era um churrascão e toda comunidade ia. Eu adorava.

Nestas perguntas repetem-se experiências ruins, infância sofrida, violência, estilos de fé sem grandes questionamentos. Agora estes dados são acrescidos de relatos sobre rituais. Poucos rituais familiares, nenhuma intimidade com os pais, ou seja, a confiança e a lealdade não são exercitadas.

“Apesar de atravessarmos uma série de experiências no decorrer da vida, é a nossa matriz familiar, resultado do que ficou impresso no nosso corpo/mente durante nossa infância e adolescência, que determinará como e de que maneira vamos terminar nossa vida”.⁴⁹

É como diz João: “Tenho poucas lembranças. Meus pais brigando e eu apanhando muito. Não tinha aniversário, natal, nada”.

Por outro lado, famílias bem estruturadas, com vínculos profundos, criam espaços para seus filhos crescerem, ampliarem seus relacionamentos e fazerem suas próprias escolhas.

Matheus: “Lembranças são muito boas. Foi humilde, mas muito boa. Brincávamos de esconde, cabra cega, horário para ver Tv. Brincávamos enfrente nossa casa e lavávamos os pés para entrar e dormir. Tenho muita saudade. Minha mãe, mesmo doente, nunca deixou os filhos sem bolo, os aniversários. Nos natais muita fartura, presentes simples, mas tudo muito bom. Nas férias, íamos para a colônia de férias na praia, de excursão”.

Outro ponto que parece diferenciar, conforme amplia a manifestação da fé é a participação comunitária.

Sabemos que a comunidade é extremamente importante e nem sempre nos damos conta disto. Podemos participar de qualquer coisa, mas são determinados lugares que nos confirmam, que nos farão ser reconhecidos como pessoas. É só nos encontrando com pessoas

⁴⁹ GROISMAN, 2000, p. 149.

que seremos reconhecidos enquanto pessoa e é na comunidade que se faz este encontro.

2.1.5. Escolhas.

E.01. Não fiz boas escolhas na vida.

E.02. Não respondeu.

E.03. Sou muito infeliz, tudo dá errado.

E.04. Sim, fiz boas escolhas.

E.05. Médio. Algumas coisas acertei, outras não.

E.06. Algumas sim foram escolhas felizes.

E.07. Sim, mas eu ainda vou ser feliz, viver um grande amor.

E.08. Sim, sou muito feliz.

E.09. Não muito.

E.10. Algumas sim, mas agora estou revoltada. Ficar livre de um câncer e logo depois ter que ir para a máquina é horrível. (Hemodiálise)

E.11. Muito, muito mesmo. Sou realizada.

E.12. Sim. Fase de completude. Tudo o que faço hoje é porque escolhi de certa forma ou batalhei muito por isso.

E.13. Muito feliz com minhas escolhas.

E.14. Tenho percebido que hoje tenho melhorado nas escolhas, mas já errei.

E.15. Acho que sim, porém têm escolhas que tenho medo de fazer, como, por exemplo, ter filhos, seguir a minha profissão, deixar a loja de meu pai, onde trabalho.

E.16. Sou feliz com minha vida, às vezes me pergunto se tivesse feito escolhas diferentes se eu seria mais feliz, mas isto não se sabe, né? Sou feliz, sim, com as minhas escolhas.

E.17. Sim.

E.18. Não, pelos erros que cometi! Sim pelo que estou tentando fazer...

E.19. Geralmente sou feliz porque penso antes de escolher e o que vier sempre será felicidade, se não deu certo ficará como aprendizagem.

E.20. Às vezes sim, às vezes não. Quando penso que não me centro no presente e penso que tudo acontece por alguma razão.

Apesar de continuar na mesma linha, como, por exemplo, o que diz Marcela: “Sou muito infeliz, dá tudo errado”, começam aparecer alguns elementos de resiliência.

“Quanto mais identificamos as raízes familiares, melhor poderemos discernir quanto a segui-los no que for favorável, ou tentar ver diferente, no que for desfavorável”.⁵⁰

Surgem, também, alguns indícios de coragem. As pessoas tentam mudar sua odisséia familiar, ou seja, a repetição das mazelas de geração em geração.

Fica evidente, e isto pode ser observado nos anexos, onde as histórias de vida são relatadas na íntegra, que as pessoas começam a se apoderar de suas decisões. Que querem e se preparam para fazer escolhas mais felizes e capitalizam, a seu favor, as experiências negativas. É o que Lucas nos diz:

“Tenho percebido, que hoje, tenho melhorado nas escolhas, mas já errei”.

Mas este é um dos objetivos da vida e certamente, experimentar, experienciar a vida e não só pensar sobre ela.

Ou o que nos relata Olívia:

“Geralmente sou feliz porque penso antes de escolher e o que vier sempre será felicidade, se não deu certo ficará como aprendizagem”.

Whitaker, um estudioso da terapia familiar diz: “Talvez um dia nós aceitaremos a idéia de que o conflito é uma dialética a ser vivida e não solucionada. Ele é central para nossa existência”.⁵¹

2.1.6 O que trás alegria e/ou tristeza?

E.01. Gosto de tocar bateria e não posso por causa das fístulas.

E.02. TV, jogos, PC, livros, ficar na minha me trás alegria. O pai e a Elisa (namorada) brabos é triste.

E.03. Nada me alegra e a vida é só tristeza.

⁵⁰ GROISMAN, 2000, p. 154

⁵¹ WHITAKER, C. **Dançando com a família**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1990. p. 115.

E.04. Videogame e o que me assusta é doença

E.05. Beber me alegra, nada me deixa triste.

E.06. Família, amigos, leitura, filmes me alegra.O trabalho me assusta.(ficar sem trabalho)

E.07. O pessoal da associação (renais crônicos) me trazem muita alegria, o que me deixa triste é a demora para o transplante.

E.08. Meu marido me deixa muito feliz, o que me deixa triste é não poder ter filhos.

E.09. O que me alegra é a sinceridade das pessoas a minha volta, o que me deixa triste é, sem dúvida alguma, a falsidade.

E.10. Nada está me alegrando agora, o que me deixa triste é toda esta situação. Querer separar, estar doente, não saber o que fazer com os filhos, tudo me irrita.

E.11. Ver minha família feliz, sair com meus amigos, passar o dia com meus cachorros, Torres me deixam feliz. Assusta-me a morte, pensar em perder meus pais, assaltos, ver meus familiares doentes.

E.12. Alegro-me o bem estar familiar, reconhecimento profissional, poder fazer cursos, ter muitos amigos, um bom livro, namorar, fugir para a praia. Preocupa-me a falta de estabilidade, não ter certezas do amanhã.

E.13. Ver a alegria no rosto de outras pessoas me deixa feliz, me traz medo à violência atual e a falta de controle desta violência.

E.14. Ver os outros ao meu redor felizes. Minha filha me alegra muito. Um doce. Ver a minha vida ficando mais organizada. Ter trabalho e minha esposa. Tudo isto me trás alegria. O que me dá medo é a depressão. Quando ela chega fico apavorado. Falta de trabalho também me assusta.

E.15. Uma roda de chimarrão com muita risada e deboche. Com pessoas que eu gosto, é claro, de preferência de minha família, é muito bom. O que me trás tristeza é a morte, perda, a doença.

E.16. A felicidade dos outros me alegra muito. Conquistar as coisas com meu próprio suor, poder ajudar, ser bem sucedido no que faço. E, principalmente, estar bem comigo mesmo. E tenho medo do futuro.

E.17. Ficar de folga, ir à praia, ver filmes, brincar com os cachorros e crianças, é muito legal. E tenho medo de ficar doente.

E.18. Meus dois filhos. A possibilidade de encontrar em minha ex-esposa tudo o que procurei e preciso como Homem. Meus pais. Tudo isso me deixa muito bem. O que me assusta é a inveja, o modo como as pessoas me vêem! O futuro de meus dois filhos e o medo de errar mais uma vez com minha esposa.

E.19. Poder usar minha criatividade, ajudar alguém a diminuir sua dor, verificar o sucesso dos filhos, me sentir amada, ter tranquilidade e liberdade, é maravilhosa. Dá-me medo à violência.

E.20. O contato com a natureza, a paz de espírito e os animais. O papo com os amigos de verdade, tudo me alegra demais. A tristeza é quando penso negativamente em relação ao futuro.

Interessante é que a alegria quase sempre vem da relação com as outras pessoas, assim como a fé, que sempre é relacional.

É bonito ver que ter esta capacidade é algo que trás prazer às pessoas.

Lucas exemplifica muito bem isto: “Ver os outros ao meu redor felizes. Ver minha vida ficando mais organizada. Ter trabalho e minha esposa. Tudo isto me trás alegria”.

Ou o que diz Marina: “o pessoal da associação (renais crônicos) me trazem muita alegria”.

“Como em qualquer outro tipo de relação, profundidade e intimidade só podem crescer como resultado de trocas reais e conflitos reais”.⁵²

O que gera tristeza é o desconhecido, o que a pessoa não tem controle. Isto, de uma certa forma, gera um grande desequilíbrio e abre caminho para a acomodação, conformismo e até mesmo soluções mágicas, ou crenças mágicas.

Gustavo: “o que me assusta é a violência”.

Ou as palavras de Carolina: “E me assusta a morte, pensar em perder meus pais, assaltos, ver meus familiares doentes”.

⁵² WHITAKER, 1990, p. 121.

Ou a fala de Fernanda: “A tristeza é quando penso, negativamente, em relação ao futuro”.

Esta percepção pode nos encaminhar para a fé.

Para maioria de nós, na maior parte do tempo, a fé funciona de modo a encobrir o mistério que nos rodeia. Nós todos, porém, em determinadas ocasiões, recorreremos à fé para nos dar coragem de agüentar, na presença do abismo-nus, privados dos andaimes da vida confiando apenas no ser, na misericórdia e no poder do Outro nas trevas.⁵³

Seguindo o que planejei inicialmente, aqui, começa, verdadeiramente, meu trabalho. As primeiras seis perguntas tiveram por objetivo contextualizar o que pretendo desenvolver a partir deste momento.

Penso ser importante relatar o que entendo quando falo em religião e espiritualidade.

Usarei uma citação do Dalai Lama, usada por Leonardo Boff, que diz o seguinte:

... Julgo que religião esteja relacionada com a crença no direito à salvação pregado por qualquer tradição de fé, crença esta que tem como um de seus principais aspectos a aceitação de alguma forma de realidade metafísica ou sobrenatural, incluindo possivelmente uma idéia de paraíso ou nirvana. Associados a isso estão ensinamentos ou dogmas religiosos, rituais, orações e assim por diante. Considero que espiritualidade esteja relacionada com aquelas qualidades do espírito humano - tais como amor, e compaixão, paciência e tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia - que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para a própria pessoa.⁵⁴

Para concluir esta segunda introdução, considero apropriado citar Jostein Gaarder:

“Alguém já disse que viver é escolher. Muitas pessoas fazem escolhas sem pensar com seriedade se estas são congruentes, ou se existe alguma coerência em sua atitude em relação à vida. Outras sentem necessidade de moldar a atitudes delas de maneira mais abrangente e estável”.⁵⁵

Cada um de nós tem uma visão da vida. A questão é: até que ponto fomos nós mesmos que escolhemos, até que ponto é nossa própria visão? Até que ponto estamos conscientes da nossa própria visão?

É isto que pretendo descobrir!

⁵³ FOWLER, 1992, p. 9.

⁵⁴ BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante. 2006. p. 15.

⁵⁵ GAARDER, J; NOTKER, H; HELLERN, V. **O Livro das religiões**. São Paulo: Cia das Letras. 2000. p. 9.

2.1.7. Religião

- E.01. Sou ateu.
- E.02. Católica.
- E.03. Evangélica.
- E.04. Católica.
- E.05. Católico.
- E.06. Católico.
- E.07. Evangélica.
- E.08. Adventista.
- E.09. Católico.
- E.10. Católica, agora estou decepcionada e vou ao centro espírita.
- E.11. Católica e também espírita.
- E.12. Espírita.
- E.13. Evangélico luterano.
- E.14. Católico.
- E.15. Católica.
- E.16. Católico.
- E.17. Pentecostal.
- E.18. Católico.
- E.19. Espírita.
- E.20. Espiritualizada.

Nas respostas sobre a denominação religiosa segue o conhecido oficialmente em nosso país, ou seja, a maioria é católica, seguida pelos evangélicos, espíritas e espiritualista.

Mas, como diz Fowler:

“Antes de sermos religiosos ou irreligiosos, antes de nos concebermos como católicos, protestantes, judeus ou muçulmanos, já estamos engajados em questões de fé. Quer nos tornemos incrédulos, agnósticos ou ateus, estamos preocupados com as formas pelas quais ordenamos a nossa vida e com que torna a vida digna de ser vivida”.⁵⁶

⁵⁶ FOWLER, 1992, p. 16.

Pois esta é a preocupação primeira da humanidade: ter uma vida digna de ser vivida e ter uma crença, sempre parece contribuir para isto.

O que nos leva a pensar que existe algo errado, ou na religião em si ou na forma de conduzi-la. Caso contrário não viveríamos tão mal como estamos fazendo

Um ponto importante, que ficou evidente em algumas entrevistas, é a importância da família de origem. Famílias sem uma religião produzem filhos com dificuldades de se vincular em alguma crença.

Ainda, em relação à família de origem, outro aspecto curioso, é que a prática excessiva de determinados rituais impede que os mesmos sejam realizados nas novas famílias, como nos fala Vera: “Éramos muito católicos, com vários padres e freiras na família. Tínhamos que rezar o terço toda noite e eu detestava. Detesto até hoje e não rezo por nada”.

Há um bom número de espíritas ou simpatizantes, e é Renold Blank, quem fornece explicações, justificadas em sua pesquisa:

“Conforme a doutrina de Reencarnação, em vez de ficar de maneira definitiva em face aos destroços de uma vida muitas vezes distante das exigências de uma moral rígida e individualista, o homem pode recomeçar tentar outra vez, nada ficando perdido”.⁵⁷

É tranquilizador saber que se pode recomeçar, reencontrar com as pessoas que foram importantes, além de lutar para um crescimento. Uma evolução em busca da perfeição.

Outro enfoque seria encontrar esta plenitude ainda em vida. Esta perfeição seria o que Jung chama de individuação. É o fenômeno que ocorre, a partir da metade da nossa vida, que nos deixa instrumentalizados para procurar a nossa totalidade.

As palavras de Dalai Lama ajudam a entender esta pluralidade de religiões, como as citadas por Boff:

Portanto, não interessa a denominação desde que consiga cumprir seu papel.

... que as religiões só salvam, permitindo o ingresso no nirvana e a transfiguração das pessoas humanas, se conseguirem transformar a visão reta do mundo numa prática coerente, numa amorosidade com os outros, numa compaixão com os que sofrem, num sentido de responsabilidade pelos seus semelhantes e numa vida de despojamento que nos deixa abertos para acolher tudo o que vier da realidade.⁵⁸

⁵⁷ BLANK, Renold. **Esperança que vence o temor...** São Paulo: Paulinas. 1995. p. 172.

⁵⁸ BOFF, 2006, p. 17.

Na minha pesquisa, num universo de vinte pessoas, há apenas um que se considera ateu, que na verdade, não parece ser ateu e sim uma pessoa que está decepcionada por não ter contado com a ajuda de Deus. Considera-se esquecido e abandonado por Ele.

É o que Tillich, assim como Jung falam, quando dizem que atribuímos características humanas e compatíveis com nossas experiências.

João teve um pai ausente, periférico e perverso. Desejou um ‘Grande Pai’, ‘Deus’, amoroso, presente e prestativo. O colocou à prova tentando suprir a falta já vivenciada. Não obteve resultados e fugiu, assim como já havia feito com seu pai.

“De forma semelhante Johannes van der Vem argumenta com a idéia de que a fé vem da experiência, que a experiência se encontra numa inter-relação entre o acontecimento e sua interpretação e que no processo de interpretação, se agregam fatores interpretativos religiosos à experiência cotidiana”.⁵⁹

2.1.8. Pessoa ou objeto da fé

E.01. Ninguém.

E.02. Numa força maior.

E.03. Em N. Sr^a Aparecida.

E.04. Em Deus e na vida.

E.05. Em Deus. Fé é saber que vai ser atendido. Pedir e receber. O pai fez promessa quando fiz o transplante. Daria leite e pão para os pobres. Seis meses depois do transplante pagou.

E.06. Em Deus.

E.07. Em Deus, mas precisava ter mais. Acho que não consigo ficar boa porque não tenho fé o suficiente

E.08. Em Deus, na Bíblia.

E.09. Em N. Sr^a Aparecida.

E.10. Em todos os meus santinhos. Sou muito devota de N. Sr^a de Fátima e Sto Antônio.

E.11. Em Deus.

⁵⁹ FRAAS, Hans-J. **A religiosidade humana**. São Leopoldo: Sinodal. 1997. p. 75

E.12. Em um Ser superior, em “algo” ou “alguém” que nos rege, que “olha” por nós.

E.13. Em Deus.

E.14. Acredito numa força muito grande. No poder de Cristo, na reencarnação.

E.15. Em Deus e em alguns santos.

E.16. Acredito em Deus e em fazer o bem.

E.17. Em Deus, em Jesus.

E.18. Acima de tudo em Deus. E em mim como filho, pois não me vejo como uma pessoa ruim.

E.19. Tenho fé em Deus, em N. Senhora, no meu anjo da guarda. Acho que tenho vários, pois não é fácil.

E.20. Na existência do espírito, da recompensa dos mestres ancestrais.

Em Deus, Jesus, Cristo, ou seja, em Alguém que as denominações tradicionais nos ensinam que deve ser o Ser Supremo.

Em N. Sr^a. Aparecida, de Fátima e outros santos e santinhos, que são vistos como bons intermediários para chegar à Deus. Bons mediadores.

Num Ser Superior, Algo ou Alguém, numa Força Maior, nos Mestres Ancestrais. Nestas respostas já há uma ampliação nas figuras de Poder, Amor e Justiça.

Nos anjos, anjinhos e anjos da guarda, símbolos de proteção, de cuidado.

Na Bíblia, onde estariam todas as respostas, sem possibilidade de erros.

É interessante, pois está sempre fora de si. Algo ou Alguém muito superior, que tem controle de tudo e que parece que o ser humano fica um pouco incapaz, infantilizado. Então, o que tocava profundamente estas pessoas, ou onde estaria seu coração, como questionam Tillich e Fowler?

Sabe-se que, normalmente, a fé tem um elemento concreto ou uma pessoa e que, também exige total confiança.

Isso podemos observar na fala de Manuela: “Tenho fé em um Ser superior, em ‘Algo’ ou ‘Alguém’, que olha por nós.”

Há, como podemos ver, uma entrega. Delega-se a alguém o poder de zelar por nós. É uma relação distante e formal, com alguém hierarquicamente, muito superior.

Ela se enquadraria no limite entre a fé sintético-convencional e fé individuativo-reflexiva, segundo os estilos de fé propostos por Fowler:

“Os fatores que contribuem para o rompimento do estágio três e a prontidão para a transição podem incluir: graves conflitos ou contradições entre fontes de autoridade valorizadas pela pessoa; mudanças significativas, por parte de líderes oficialmente sancionadas, de política e práticas anteriormente julgadas sagradas e inquebrantáveis”.⁶⁰

Entretanto, surge, também, a Vida, o fazer o bem, o ser humano. Estas respostas aproximam-se da visão de espiritualidade de Jung. É a fala de Gustavo: “Acredito em Deus e na Vida”. É claro que nesta citação aparece a onipotência juvenil, mas nos leva a acreditar que sua relação com a vida terá uma conotação divina. É a sua parte divina interagindo com Deus.

Pois, se a fé é algo que nos toca incondicionalmente, algo que é pessoal e íntimo. Uma relação ou uma atitude com Deus.

Ou quem sabe seria uma relação com o mais íntimo do nosso ser? Com o que cada um de nós tem de divino?

A fala de Marina é muito interessante. Ela diz: “Em Deus, mas precisava ter mais. Acho que não consigo ficar boa porque não tenho fé suficiente”.

Suponho que seu estilo de fé seria Fé Mítico-litera. Ela culpa-se por não ter fé suficiente e coloca-se como prisioneira desta situação. Onde estaria sua coragem de ser?

Por que Marina não se reconhece como merecedora das benesses de Deus? Se bem que, Tillich nos fala que a coragem de ser é a coragem de sermos nós mesmos, no confronto com a morte, a culpa e a falta de sentido na vida. Ele sugere, ou quem sabe nos estimula a pensar que só chegaremos neste lugar quando tivermos passado por alguma dificuldade na vida e sido apoiado pelo Divino.

“No final Tillich localiza a fonte desta coragem na experiência que o homem tem do amparo divino como base ou força de seu ser”.⁶¹

Uma pessoa que tem sua história de vida, onde o adulto sempre tenta tirar algum proveito e depois a deixa de lado, como poderia ter fé?

⁶⁰ FOWLER, 1992, p. 147.

⁶¹ DOURLEY, J. **A psique como sacramento**. São Paulo: Paulinas . 1985. p. 68.

Penso que a única justificativa seria o que tanto Jung quanto Tillich falam, ou seja, que o Divino nasce dentro do ser.

Há também, nas entrelinhas, que a fé é objeto de barganha. Acredito, então ganho e se não recebo é porque não acredito o suficiente. E a consequência deste fato é a culpa.

Não podemos deixar de assinalar a visão de um Deus que pune, justiceiro.

Paulo fala: “Minha fé parte do princípio de que tudo que recebemos, seja bom e ruim, depende do que foi praticado anteriormente”.

Outro aspecto a ser considerado é a contextualização. Paulo é filho de imigrantes europeus, que vieram para o Brasil fugindo da guerra e aqui trabalharam duro para construir o que tem.

Além disto são evangélicos luteranos, que tem a concepção de religião como moral. Pois, como diz Jung:

O protestante está entregue só a Deus. Para ele, não há confissões, absolvições ou qualquer possibilidade de cumprir uma obra divina de expiação... Mas, por isto mesmo, o protestante tem a oportunidade única de tomar consciência do próprio pecado, em grau dificilmente acessível ao católico. O católico tem sempre a seu dispor a confissão e a absolvição para equilibrar o excesso de tensão.⁶²

A resposta ‘em Deus’, embora esta observação possa ter ou induzir juízo de valor, vejo como automática, distante, como fosse a resposta certa. Aprendi que o correto é isto e estou repetindo a lição. Não é permitido ter dúvida. Esta observação é consequência de ser a maioria dos entrevistados católicos. E nesta denominação é assim que se aprende.

Renato diz: “Em Deus”.

Talvez, este sentimento seja eco de um passado não muito distante, onde eu não me permitia ter dúvidas e procurava sempre acertar a resposta. Como diz Adalberto Barreto, um psiquiatra e teólogo, “que um boi roceiro reconhece o outro”.

Quem sabe a justificativa primeira deste trabalho dando ouvidos a Edda Eggert, “que quem pesquisa se pesquisa”.

2.1.9. Definição de fé

⁶² DOURLEY, J. A *doença que somos nós*. São Paulo: Paulinas. 1987. p. 23.

E.01. Não tenho fé.

E.02. Oscilante.

E.03. Não sei.

E.04. Não sei.

E.05. É boa.

E.06. Que devemos acreditar que existe algo a mais.

E.07. Eu precisava ter mais.

E.08. É tudo.

E.09. Sou teimoso, embora dê tudo errado me recuso a perder a fé.

E.10. É esperança.

E.11. Uma fé independente de religião. Aceito e admiro todas as crenças. Porém, acho que precisaria estudar mais, me apegar mais a uma religião específica, me faria bem.

E.12. Fé de ação e reação. Planta, colhe. As coisas acontecem na hora certa e por merecimento.

E.13. Minha fé parte do princípio de que tudo que recebemos, seja bom ou ruim, depende do que foi praticado anteriormente.

E.14. Sou muito aberto, mas não me atiro em crenças sem um pouco de segurança. Acredito que o bem só trás o bem.

E.15. Acredito que devido a minha insegurança, enquanto pessoa, às vezes, acho a minha fé pouco duvidosa, que não vou ser ouvida.

E.16. Minha fé consiste em fazer o bem, agindo sempre com honestidade, respeito com os outros. Não fazer para os outros nada daquilo que eu não gostaria que fizessem comigo.

E.17. Tenho muita fé.

E.18. Sinceramente? Ela se fortalece nas nossas necessidades. Nos momentos ruins. A tenho dentro de mim, como o ar que precisamos para viver. Mas não temos a capacidade de enxergar.

E.19. É um sentimento de certeza, confiança interior amparada na espiritualidade e na razão.

E.20. Às vezes é fraca, às vezes forte.

São interessantes as respostas, pois um bom número delas define fé como uma força, confiança, esperança. E, ao contrário da pergunta anterior – pessoa ou objeto da fé – aqui aparece como algo interno. Algo que parte do centro da pessoa, o que a faz melhor e vem de encontro ao pensamento de Jung, já relatado no primeiro capítulo.

Matheus nos diz: “Sinceramente? Ela se fortalece nas nossas necessidades. Nos momentos ruins. A tenho dentro de mim como o ar que precisamos para viver. Mas não temos capacidade para enxergar”.

Outro fator interessante é a correspondência entre Deus e religião. Para alguns há o entendimento que tudo é a mesma coisa.

Infelizmente, muitas vezes os cristãos identificaram o Reino de Deus com a Igreja, e Jesus com o Papa, com o bispo e com o padre. Essa identificação representa uma patologia e uma decadência. O meio se transforma em fim. A Igreja, em vez de se apresentar como um caminho da salvação, apresenta erroneamente, como a própria salvação, como se a imagem do pão fosse o próprio pão.⁶³

Esta citação de Boff vem ao encontro a uma das críticas de Jung ao cristianismo, quando falava que a rigidez, a onipotência das religiões que se consideram únicas é alienante, pois se fecha para a palavra de Deus. Estas são muito mais dogmáticas que abertas ao diálogo.

Outra definição é a de ‘fé como merecimento’.

Manuela: “Fé é de ação e reação. Planta, colhe. As coisas acontecem na hora certa e por merecimento”.

Esta definição nos faz retornar a um tempo, que parecia não mais existir, do Deus juiz. Deus bom que gratifica e Deus zangado que pune.

Deus é o juiz, justo e autor da justiça divina. Esta justiça é composta pela lei natural e positiva, estrutura de realidade e estrutura da mente humana. É a justiça de ser em tudo.

É muito difícil aceitar ou até mesmo entender estas atribuições de Deus, sem ter amadurecido tanto emocional quanto na fé.

Não podemos esquecer que temos uma cultura egocêntrica.

⁶³ BOFF, 2006, p. 25.

Existem, também, os que como Patrícia, dizem: “Acredito que devido a minha insegurança, enquanto pessoa, às vezes acho minha fé pouco duvidosa, que não vou ser ouvida”.

Não ser digno! Para Patrícia, qual seria o pré-requisito para chegar perto de Deus? O que Deus exigiria para sermos dignos de estar na Sua presença?

Parece, novamente, um dos cacoetes preferidos das igrejas tradicionais. Colocar muitas exigências e tornar quase utópica a relação com Deus.

Um ponto curioso é saber quem poderia nos ensinar? Que regras seriam estas?

É mais uma vez delegar o controle, o poder aos representantes de Deus. E quem seriam estas pessoas?

Além disto, é a fé como moeda de troca, novamente.

É interessante, pois no momento que consigo me distanciar e olhar criticamente constato que o comportamento de Patrícia me é muito familiar. Encarar a fé como algo a ser apreendido, algo que é transmitido de geração em geração. Algo que é deglutido.

“Precisaria estudar mais”, diz Carolina.

Mas quem seria a pessoa ou as pessoas, que poderiam orientar este estudo? Normalmente esta é atribuição da família.

Giguère nos diz:

“Ingressamos e progredimos na vida da fé graças a alguém que nos inicia. Mas chega um momento em que ficamos sozinhos diante do mistério de nossa unicidade e singularidade, e aí é preciso voar com as próprias asas, em reconhecimento àqueles que nos ensinaram a voar. Temos que sozinhos, traçar nossa rota no céu”.⁶⁴

Há pessoas como Vera que diz que a fé é Esperança.

Ela está doente e deposita em Deus sua esperança de cura.

Sugere que se estiver mais próxima de Deus, ficará mais forte e com isto oportunizaria sua cura. A esperança reforçaria sua auto estima e tornar-se-ia mais digna de merecer a ‘graça’ da cura.

⁶⁴ GIGUÈRE, P. **A fé de adulto**. São Paulo: Paulinas. 1995. p. 147.

Por outro lado, já existem algumas respostas em que a pessoa foi ‘tocada’ ou ‘colocou’ seu coração. Se apoderou de seu ‘sentimento’. É ‘algo’ seu e passa ser ‘algo’ que regula sua relação com o mundo e a transcendência.

“É um sentimento de certeza, confiança interior amparada na espiritualidade e na razão”, nos diz Olívia.

Nestas respostas se evidencia o que Tillich e Jung falam, o Cristo interior e o Cristo como realidade externa.

O Cristo interior para Jung é o símbolo do Si-mesmo. Uma força maior que o ego e que o agarra (o ego).

Para Tillich é a experiência de ser apoderado pelo objeto da fé.

E o Cristo como realidade exterior, uma criação da igreja para proteger seus fiéis: “... porque a experiência do Cristo interior poderia levar a uma identificação do ego com esta experiência, isto é, a inflação na qual o ego seria possuído pela imagem de Cristo e se perderia”.⁶⁵

2.1.10. Tua fé sempre foi dessa forma?

E.01. Não, mas depois que cresci deixei de acreditar em tudo.

E.02. Sim.

E.03. Depois dos oito anos, sempre igual.

E.04. Sim.

E.05. Sim.

E.06. Não.

E.07. Não. Hoje é melhor.

E.08. Não. Depois que conheci a Palavra a minha vida melhorou muito, sou muito mais feliz.

E.09. Sim, desde que tomei consciência de sua importância, entretanto se acentuou após um fato ocorrido.

⁶⁵ DOURLEY, 1987, p. 71.

E.10. Não. Já acreditei mais. Estou revoltada.

E.11. Sempre.

E.12. Não. Teve época em que nem existiu. Precisei ter perdas para retornar à vida espiritual.

E.13. Não, somente a partir da maturidade.

E.14. Acredito que com o passar do tempo me sinto mais maduro espiritualmente.

E.15. Sim.

E.16. Sempre.

E.17. Não.

E.18. Não

E.19. Não.

E.20. Não, Antes tinha menos.

Um número relativamente grande considera que sua fé sempre foi esta.

É justificado em algumas das respostas onde os entrevistados são jovens, adolescentes ainda. Mas o que faria pessoas adultas terem as mesmas certezas a vida inteira? Que entendimento seria este? Ou seria a fé um simples exercício cognitivo? Aprendi e pronto! Que mistério é este que não gera ou não é permitido ter dúvidas?

Ou que pacto de lealdade é este que não permite que a pessoa cresça em sua fé?

É interessante a questão do pacto, pois nem sempre a pessoa que fica enredada é aquela que se comprometeu. Eu conheço muito bem este sentimento de estar presa em algo que não se tem consciência do que é e por esta razão não conseguir se libertar.

O que faz uma pessoa perder a fé? É a convicção de que se tem fé tem que ser recompensado?

A explicação para fé oscilante, ou a diminuição da fé, parece confirmar a questão da troca, da barganha.

“Precisei ter perdas para retornar a vida espiritual”, diz Manuela ou o que fala José: “... entretanto se acentuou após um fato ocorrido”.

Estas respostas confirmam colocações de Tillich e Fowler fazem sobre haver um momento ou um evento decisivo para as pessoas repensarem sobre suas questões mais íntimas.

Estes eventos nos liberariam para uma viagem ao centro do nosso ser, a nossa alma. Ultrapassaríamos o limite entre o conhecido, o controlado e reconstruiríamos a nossa relação com Deus.

É a revelação? Finalmente encontraríamos um porto seguro, nossa essência e teríamos um colóquio com o que nos transcende?

Mas o que nos autorizaria ter este colóquio? O que nos tornaria dignos de dialogar com Deus?

Acredito que este pensamento nos leva de volta a nossa família de origem. Afinal é ela quem nos confirma, quem primeiro nos autoriza a novas aventuras. E, dialogar com Deus, deve ser a maior de nossas proezas.

Para isto é necessário estarmos diferenciados de nossa família de origem. E só se diferencia, se separa quem esteve próximo, quem pertenceu.

Há, também, os que amadurecem no devido tempo, sem sustos, períodos de afastamento e grandes questionamentos.

“Acredito que com o passar do tempo me sinto mais maduro espiritualmente”, nos diz Lucas.

2.1.11. Fé na infância, adolescência e idade adulta.

E.01. Não respondeu.

E.02. Na infância e adolescência sempre igual.

E.03. Bem pequena acreditava, depois a vida foi tão ruim que nunca mais acreditei. Quando a minha filha ficou doente vi N. Sr^a Aparecida. Acreditei nela.

E.04. Quando era pequeno e agora é igual.

E.05. Sempre igual. Rezo antes de dormir.

E.06. Na infância e na adolescência era católico, mas não praticava e agora pratico.

E.07. Quando era criança era do saravá, ou melhor, a minha mãe tinha uma casa, depois era no trabalho que eu acreditava e agora quero acreditar mais.

E.08. Na minha casa não se tinha religião. Conheci quando estava no hospital e o pastor ia me visitar. Só recebia visita dele e das pessoas da igreja. Foi lá que conheci a palavra. Agora eu acredito muito.

E.09. Sempre foi normal.

E.10. Quando era criança tinha fé cega, pois tinha muito padre e freira na minha família. Na adolescência foi mais ou menos igual. Agora estou desiludida. Já procurei várias coisas, mas não tenho muita resposta.

E.11. Na infância, sempre tive liberdade para acreditar no que eu quisesse e meus pais sempre foram abertos, pois freqüentavam tanto a igreja, templos quanto centro espírita e nos levavam e levam junto. Na adolescência da mesma forma. Agora estou começando a sentir necessidade de estudar algo mais específico para lidar com os meus medos.

E.12. No primeiro momento era cega, ou seja, era o que a igreja dizia, sem contestar ou ter maior compreensão, diria robotizada. Na adolescência, fase de revolta, questionamentos, de falta de fé mesmo. Agora, retorno minha caminhada, busco várias alternativas diferentes. Retomei ao espiritualismo, mas não a religiosidade cega que me tolhe e faz aceitar coisas sem sentido para nossa época atual.

E.13. Era comum ter o pensamento religioso voltado para todo um grupo, minha escola tinha como base religiosa o protestantismo, portanto, todos, ou pelo menos a maioria, seguia essa religião por falta de opção e por não conhecer praticamente outras. Na adolescência era comum a indagação de religiões então eu, particularmente, passei a freqüentar diversas religiões e as chamadas doutrinas. Em sendo adulto, filtra-se tudo que aprendemos sobre religião e decide-se de que forma agir perante ela.

E.14. Quando criança acompanhava minha mãe na missa. Cantávamos no coral da igreja e até fui coroinha, mas não acreditava muito no ritual católico. Na adolescência, raramente ia à missa e comecei a ter contato com crenças alternativas, espiritismo, Hare Khrishna. Bem, agora tenho uma filha e acho importante que ela faça suas escolhas, por isso vou à missa, às vezes, mas continuo tendo minha fé interna, crendo em Deus. Mas o que gosto mesmo é de ir ao Centro espírita, assistir as palestras e receber passe de energia.

E.15. Na infância ia pela fé da minha mãe, assim como na adolescência. Agora tenho minha própria fé.

E.16. Sempre discuti muito as coisas impostas, como a Bíblia, ou algumas partes dela, mas quase sempre tive o mesmo pensamento em relação à Deus. Na adolescência, uma época de afirmação de identidade e muita influência dos amigos, mas me mantive com os mesmos preceitos. E agora, cada vez mais entendo o quanto é bom ser uma pessoa boa, honesta, sem segundas intenções.

E.17. Tinha influência materna, logo acreditava no que minha mãe dizia. Na adolescência oscilava entre o catolicismo e o espiritismo. Agora, acredito em Deus e não quero mais questionar. Quero acreditar, lutar para conseguir meus sonhos.

E.18. Tinha apenas um Deus que é nosso Pai. Não tinha a capacidade de entender as maldades, a coisa ruim que tem a nossa volta. Na adolescência fui muito ausente. Não tinha tempo para minha fé. Depois aprendi muito e paguei pelas minhas faltas. Continuo pagando, mais com a capacidade e humildade de ver e tentar apenas me proteger, não tendo e não guardando raiva, ódio ou oferecendo coisas ruins aos meus malfeitores.

E.19. Na minha infância deixei de mamar no peito (uns 3 ou 4 anos) porque sempre que ia à igreja havia uma imagem de Jesus após a crucificação, dentro de uma espécie de caixão de vidro. Eu entrava na igreja e ia correndo para este local para observar. Sentia profunda piedade. Até que um dia minha mãe disse que Jesus estava assim porque ele não tinha como se alimentar. Decedi que daria meu mamá para Jesus e nunca mais mamei, mesmo minha mãe me oferecendo. Um pouco maior o que mais gostava eram os relatos das cartas de Paulo de Tarso, as narrativas. Pedia proteção quando tinha medo. Na adolescência saí de casa, nunca mais fui na igreja. Estava livre. Mas vendo tantas desigualdades pensava mesmo que as coisas só se resolveriam através de uma revolução. Entrei para a política estudantil, era tímida, porém tinha que fazer a minha parte. Vendia jornal clandestino, fui convidada a ingressar no partido comunista e meu pai disse que seria presa e ele não me tiraria da prisão. Não dei ouvido. No final da adolescência, conversando com militante do partido sobre a tal revolução, a pessoa disse-me que nós não iríamos à frente. Isto bastou, pois vi que tipo de pessoa era. Então, por indicação de amigas, conheci o centro espírita Allan Kardek. Encontrei as respostas para as desigualdades que tanto me incomodavam. E novos universos foram se abrindo. Fiz escola de médiuns, li muito, convidaram-me para palestras. Eu rezo, principalmente para agradecer, para

pedir pelos outros e para mim. Além disto procuro ter atitudes éticas, solidárias, paciência e tolerância.

E.20. Eu tinha muita fé na igreja católica. Frequentava sempre, isto na infância e adolescência. Agora estou tentando fortalecer minha fé, mas não mais na igreja católica, pois questiono sua idéia de pecado.

Na infância aparece sempre uma fé extremamente dependente da orientação familiar. As influências familiares são determinantes, especialmente da mãe.

Joana: “Tinha a influência materna, logo acreditava no que minha mãe dizia”.

Em relação a isto Jung, nos diz: “Felizmente, temos provas de que o espírito sempre renova a sua força no fato de que o ensinamento essencial das iniciações é passado de geração em geração”.⁶⁶

A escola, também é importante e influente nesta fase de desenvolvimento.

“Era comum ter o pensamento religioso voltado para todo grupo, minha escola tinha como base religiosa o protestantismo, portanto, todos ou pelo menos, a maioria seguia essa religião, por falta de opção e por não conhecer praticamente, outras”. Assim Paulo nos define sua fé, na infância.

Fernanda fala que tinha muita fé na igreja católica. Aqui a fé se confunde, novamente, com o Reino de Deus.

Já na adolescência, se iniciam os questionamentos e tentativas de experimentação.

Paulo: “... na adolescência era comum a indagação de religiões então eu, particularmente, passei a frequentar diversas religiões e as chamadas doutrinas”.

Alguns, como Ricardo, mantêm as sementes lançadas pela família, na infância. “Na adolescência, uma época de afirmação de identidade e muitas influências dos amigos, mas me mantive nos mesmos preceitos”.

Os pais de Ricardo devem ter se regojizado quando viram a entrevista de Luc Ferry, que diz:

⁶⁶ HOFFMAN, Edward. **A sabedoria de Carl Jung**. São Paulo: Palas Athena. 2005. p. 206.

“Acho que os pais podem se considerar realizados como educadores quando conseguem transmitir a seus filhos três pontos fundamentais: o Amor, que é o elemento cristão de nossa tradição, nenhuma criança é feliz sem ser amada, a Lei, que é o elemento judaico, e a Cultura, que é o elemento grego”.⁶⁷

Isto fica muito evidente, no relato de sua história de vida, no apêndice C.

A fala de Marina: “... era no trabalho que eu acreditava”.

Aqui o objeto de fé não tem nada de religioso. É algo finito, logo está sujeito à frustração, decepção além de ser limitante, pois termina nele mesmo.

Matheus nos fala com certa nostalgia: “Na adolescência fui muito ausente, não tinha tempo para minha fé”.

Isto se entende, se pensarmos no que Jung fala, que em sua experiência profissional, percebeu que os conflitos religiosos começam a surgir a partir da segunda metade da vida, após os trinta e cinco anos. Antes disto, não estamos suficientemente maduros e nem instrumentalizados para tal.

E na fase adulta?

Marcela: “Quando minha filha ficou doente vi N. Sr^a Aparecida. Acreditei nela”.

Isto seria uma revelação, ou uma manifestação do medo de perder a filha? Ou quem sabe, a procura de uma aliada mais forte para alcançar a graça?

Ou a conversão, ou o conhecer a palavra, vir acompanhado de outros ganhos, como uma família, algo contra a solidão, como aconteceu com Cristina: “... conheci quando estava no hospital e o pastor ia me visitar. Só recebia visitas dele e das pessoas da igreja. Foi lá que conheci a Palavra. Agora eu acredito muito”.

Aparece outra questão que é abordada por, praticamente, todos filósofos e alguns teólogos, que é a fé para combater o medo.

Carolina é muito explícita, apesar de seus vinte dois anos: “Agora estou começando a sentir a necessidade de estudar algo mais específico para lidar com os meus medos”.

O medo sempre nos remete ao desconhecido e o que Carolina está procurando nos leva a pensar em um antídoto, ou seja, chegar perto de Deus e conhecer o caminho para aceitar a possibilidade da morte, das perdas.

⁶⁷FERRY, Luc. **A lei, o amor e a verdade**. Caderno Cultura. Zero Hora. Porto Alegre, 2007. p. 6-7. 24 de março de 2007. Entrevista concedida a Carlos A. Moreira.

Encontramos, também, a desilusão. Esta é em consequência da perda. Perda da saúde, de familiares, de sonhos, enfim, quando a pessoa se sente lesada.

“Agora estou desiludida. Já procurei várias coisas, mas não tenho muita resposta”, fala Vera.

Pedi, confiou e Deus não atendeu. A fé, destas pessoas esta atrelada ao recebimento da graça. Talvez não seja a fé, mas a certeza que Deus está junto.

Em algumas respostas o investimento é nos valores pessoais, na integridade. No seu centro de ser, no seu melhor.

A fé, para algumas pessoas, parece ser consequência da finitude. É encarada como a resposta perfeita a dificuldade do ser humano lidar com sua finitude, ou melhor, seu passaporte para a vida eterna.

2.1.12. Evento que modificou tua percepção de Deus

E.01. Não.

E.02. Não que eu me lembre.

E.03. Uma vez N.sr^a Aparecida me ajudou. Estou esperando que ela volte e que eu acredite de novo.

E.04. Não.

E.05. Não.

E.06. Foi na perda de parentes.

E.07. Quando fiquei doente.

E.08. O medo de morrer me deixou mais perto de Deus.

E.09. Foi a morte de meu pai.

E.10. Passei por vários estágios. Depois do Ca me distanciei. Agora estou tentando me aproximar, isto depois que estou na máquina.

E.11. Sempre amei e respeitei Deus sobre todas as coisas.

E.12. Sim, meu divórcio, o peso da responsabilidade, os filhos, minha escolha profissional tudo isso fez com que fizesse eu me relacionar melhor com Deus ou meu Ser

superior, que acredito nos rege. Períodos de tristeza, lacunas vazias, não saber para onde ir, fizeram aguçar minha espiritualidade.

E.13. Não.

E.14. Não. Acho que as coisas acontecem porque tem que acontecer.

E.15. Quando meus tios e minha avó materna ficaram doentes e meu cão também. Aí me lembrei que existia um Deus, voltei a praticar a religião católica, e comecei a me sentir muito bem, inclusive melhorei meu relacionamento com algumas pessoas. Outra coisa que me tocou muito foi quando fiz o Rota, senti Deus muito próximo de mim, posso dizer que foi o melhor final de semana de minha vida! Senti muita paz, saí purificada daquele lugar, sentindo muita paz interior, valorizando muita coisa.

E.16. Não.

E.17. Sim, a doença de meu filho, quando ele tinha quatro meses.

E.18. Sim. Muitas coisas com relação à fé e espiritualidade. Aprendi que tanto o bem quanto o mal estão juntos. Cabe a você ver, escolher e fazer por merecer o bem, porque o mal entra sem pedir permissão. Chega um olhar com inveja, pela raiva, pela cobiça, ou mesmo por maldade de pessoas ruins.

E.19. Não sei, acho que com o tempo fui lendo, me aprofundando e tendo a oportunidade de avaliar os conhecimentos com a prática, em grupos de desenvolvimento mediúnico pode-se aprender através das histórias dos outros. Também houve um momento de grande dificuldade financeira para mim, eu rezava pedindo oportunidades, um novo trabalho, sempre surgia alguma coisa a fazer: revisão ou datilografia de trabalhos de conclusão, até surgir um trabalho. A coisa era imediata.

E.20. A psicologia me fez questionar a idéia de Deus, da igreja católica. O curso dos mestres ancestrais, agora, me faz ter outra idéia de Deus. Um Deus mais amoroso, uma relação mais tranqüila com ele.

Para mais da metade dos entrevistados houve um evento que os fez repensar sua visão de Deus.

Muitos deles foram em conseqüência de perdas.

Patrícia: “Quando meus tios e minha avó materna ficaram doentes e meu cão também. Aí me lembrei que existia Deus, voltei a praticar a religião católica e comecei a me sentir muito bem, inclusive melhorei meu relacionamento com algumas pessoas”.

Ou Renato: “Foi à perda de parentes” ou José: “Foi à morte de meu pai”.

Groisman (2003) tem uma fala sobre a morte que é bem interessante:

Apesar de sabermos da existência da morte, o nosso primeiro contato é com a vida e a ela nos agarramos com todas as forças. Ninguém nasce para morrer, e sim para viver. Logo, a morte não faz parte do nosso dia-a-dia e mesmo com todas as preparações que existem, associadas ou não a crenças religiosas, ela é e sempre será um impacto na família, seja prematura, acidental ou natural. Cada morte, com suas características produzirá o que Bowen (1978) definiu como onda de choque emocional que se propagará por todos segmentos da família nuclear e extensa.⁶⁸

E esta onda de choque emocional nos obriga a repensar, reestruturar todos segmentos da vida, inclusive a possibilidade de reencontro.

Eu acredito que a perda seja o principal desencadeante do repensar sobre a relação com Deus.

A doença também faz com que as pessoas busquem uma aliança com Deus, Sua proteção e a procura por um milagre, que é a cura.

“Passei por vários estágios. Depois do câncer me distanciei. Agora estou tentando me reaproximar, isto depois que estou na máquina (hemodiálise)”, é o que fala Vera.

Ou Joana: “Sim a doença do meu filho”.

A falta de esperança parece ser a motivação deste movimento de aproximação com Deus.

O que tenho observado é que quando se esgotam os recursos humanos, no caso os recursos médicos, o Divino é evocado. Ele assume as mais diferentes formas e exige os mais variados rituais

É interessante, pois não fica em evidência o que toca incondicionalmente ou onde meus entrevistados colocam seu coração. As respostas me fazem pressupor que é o medo, ou seria o que Tillich (1972) chama de ansiedade?⁶⁹

⁶⁸ GROISMAN, M. **Além do paraíso. Perdas e transformações na família**. Rio de Janeiro: Núcleo e Pesquisa, 2003. p. 14.

⁶⁹ TILLICH, Paul. **A coragem de ser**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972

Poderá, também reforçar a idéia do Cristo interior.

Fernanda, em sua fala: “A psicologia me fez questionar a idéia de Deus, da Igreja Católica. O curso dos Mestres ancestrais, agora, me faz ter outra idéia de Deus. Um Deus mais amoroso, uma relação mais tranqüila com Ele”.

Acredito que esta idéia, que vem sendo passada de geração em geração, de Deus ser juiz, punitivo, ameaçador tem afastado muitos católicos da igreja. O concílio Vaticano II fez mudanças, entretanto padres, bispos e agora o papa, não parecem ter acompanhado. Esta paralisação no tempo e no espaço tem induzido muitos fiéis a migrarem para outras crenças, em busca do Deus amoroso.

2.1.13. Conversas com pessoas mais velhas, mais jovens e iguais sobre espiritualidade.

E.01. Não falo sobre isto.

E.02. Nunca falei com ninguém sobre isto.

E.03. Não discuto isso.

E.04. Não gosto de falar de religião.

E.05. Não falo.

E.06. Não falo porque sempre tem divergência.

E.07. Falei com meu psicólogo. Ele me ensinou a conversar com Deus.

E.08. Desde que fui para o hospital sempre falo sobre isto. Falo com todos e de qualquer idade. A gente tem que levar a palavra, orar com as pessoas.

E.09. Tenho pouco contato com minha família, então quando nos encontramos não se fala disso. Com crianças tenho muito boa relação e com pessoas da minha faixa etária converso e temos idéias semelhantes.

E.10. Converso com todos. As pessoas mais velhas sempre tentam me convencer que Deus resolve tudo, é só rezar. Minha filha diz que a resposta está no espiritismo, então eu tento.

E.11. Com as pessoas mais velhas, meus pais e tios, saem boas discussões. Com as da minha idade falo pouco, embora tenha um grupo de meninas que antes de iniciar nosso encontro pedimos bênçãos e ao finalizar também. E com crianças não se fala sobre isto.

E.12. Converso muito com meus pais e tios. Há bastante abertura, sobre espiritualidade, no nosso convívio familiar. Todos têm fé e ninguém contesta. Com as pessoas da minha faixa etária, com quem me relaciono, tem fé e há uma troca natural. Iniciei meus filhos no caminho da fé. Sempre os levo. Os dois escolheram o catolicismo e estão fazendo toda caminhada. Eu respeito e os acompanho.

E.13. Com pessoas mais velhas não há divergências. Com os da minha faixa etária é pior, porque todos já assumiram uma determinada religião, então existem conflitos sobre os diferentes dogmas. Com as crianças procuro passar o que aprendi da melhor maneira possível.

E.14. Com os mais velhos existem divergências, mas não sou radical, bem como com meus familiares, então existe respeito. No meu círculo de amizades acaba sendo mais próximo, exatamente os com mais afinidade, inclusive nas questões espirituais. Com as crianças é tranqüilo. Como disse levamos minha filha, às vezes, à missa para que tenha contato com a religião e já foi com a gente no centro espírita.

E.15. Com os mais velhos são parecidos, dá para conversar. Com os da minha idade, até agora é igual e com as crianças, tenho seis sobrinhos e uma sobrinha neta. Os filhos do lado do meu irmão, freqüentam a igreja e são católicos. Os do lado da minha irmã, não freqüentam nada, a menor é espírita como o pai, mas quer fazer a comunhão como todos os seus amigos. Eu não falo sobre isto com eles.

E.16. Com os mais velhos, dentro da minha família quase todos pensamos da mesma maneira, apenas alguns são mais espíritas, mas que também não divergem, pois o bem é universal. Raramente falo sobre isto com meus amigos e com meus priminhos tento passar um pouco daquilo que penso, mas sem impor nada, sempre muito light.

E.17. Converso bem sobre espiritualidade com os mais velhos e com os da minha idade, mas tenho dificuldade em falar com as crianças.

E.18. Consigo conversar bem com todas faixas etárias, pois sou muito respeitoso.

E.19. É engraçado, apesar de ser sempre muito católica - característica do interior de Minas, é muito densa essa coisa do catolicismo: criança vestida de anjo, vestida de Maria, coroação de Nossa Senhora e aí vai, sempre ouvia histórias sobrenaturais, de espíritos. Minha mãe tinha muito medo. Verifiquei que o catolicismo não me servia porque falavam uma coisa, na igreja e saíam de lá para fazer outra. Uma vez questionei minha mãe, mas seria melhor não

ter falado, manter o silêncio. Com meus amigos espíritas há trocas bem legais. Com as outras religiões prefiro não me aprofundar. As minhas filhas e minha sobrinha neta levei para escolinha no centro espírita.

E.20. A minha mãe e tias têm um certo medo do espiritismo, mais por ignorância, mas acreditam em espíritos. Com as pessoas da minha idade e com meus sobrinhos falo sem problemas sobre espiritualidade.

Algumas pessoas não conversam, uns por não acreditar em nada, outros por não ter sua própria definição de crença, devido a pouca idade, por considerarem um assunto íntimo ou por evitação de conflito, aqui entra o radicalismo. A necessidade que alguns tem de ‘converter para a verdadeira religião’.

Destacaria algumas respostas, tais como a de Carolina:

“Com as pessoas mais velhas, meus pais e tios, sai boas discussões. Com os da minha idade, falamos pouco, embora tenha um grupo de meninas (Bethel) que antes de iniciar nosso encontro pedimos bênçãos e ao finalizar, também. E com as crianças não se fala sobre isto.”

Esta moça, como podemos ler no relato da história de vida, tem uma família bem estruturada, com bom nível cultural, social e econômico, onde a dúvida e o questionamento são estimulados e os familiares falam abertamente de seus conflitos religiosos. Não há comprometimento com qualquer denominação. Está em busca de uma relação com Deus que atenda a sua demanda atual, que é a ansiedade.

Ricardo: “Com os mais velhos, dentro da minha família quase todos pensam da mesma maneira, apenas alguns são mais espíritas, mas também não divergem, pois o bem é universal. Raramente falo sobre isto com meus amigos, com meus priminhos tento passar um pouco daquilo que penso, mas sem impor nada, sempre muito light”.

A conversa se faz sem conflitos, pois a religião é vista como um princípio ético, um valor, compartilhado por todos. Já são três gerações comungando dos mesmos interesses.

Ricardo tem uma visão sistêmica de Deus. Pertencemos todos ao mesmo sistema e o que é bom para um o é para o outro. Todos elementos do universo estão em harmonia e Deus é o Maestro que, também, faz parte da orquestra.

“É engraçado, apesar de ser sempre muito católica - característica do interior de Minas, é muito denso essa coisa do catolicismo: criança vestida de anjo, vestida de Maria,

coroação de Nossa Senhora e aí vai, sempre ouvia histórias sobrenaturais, de espíritos... minha mãe tinha muito medo. Verifiquei que o catolicismo não me servia porque falavam uma coisa, na igreja e saíam de lá para fazer outra. Uma vez questionei minha mãe, mas seria melhor não ter falado, manter o silêncio. Com meus amigos espíritas há trocas bem legais. Com as outras religiões prefiro não me aprofundar. As minhas filhas, sobrinha neta levei para a escolinha espírita”, diz Olívia.

A igreja dos mais velhos é confundida com o Reino de Deus e por esta razão o comportamento de seus membros gera rechaço e afastamento.

O grupo de iguais oferece reforço, continência, apoio para evoluir, buscar o aperfeiçoamento.

Mas o que levaria uma pessoa não ter interesse nas demais formas de relacionamento com o divino?

Marina: “Falei com meu psicólogo. Ele me ensinou a conversar com Deus”.

A resposta de Marina nos mostra uma tendência na área psi de voltar a ter a espiritualidade como aliada terapêutica. Isto foi introduzido por Jung e depois de vários anos, desconsiderada e desqualificada.

Agora há uma retomada. Retomada esta, com bons resultados na qualidade de vida dos nossos pacientes. No Anexo A, podemos ver o relato de um psiquiatra sobre este tema.

Esta tendência justificaria ou explicaria, ter tantos alunos da área psi neste mestrado. Mas, também nos obriga, no meu caso como terapeuta de família, a fazer esta viagem em busca da minha essência.

Quem sabe poderia classificar a terapia como a busca do todo finito e a fé a busca do todo infinito?

Pode ser pretensão, mas na terapia busca-se o melhor de nós mesmos, através do conhecimento pessoal e a fé uma potencialização de tudo isto.

As colocações de Manuela, talvez sejam o ecumenismo que todos procuramos e a garantia da paz.

“Converso muito com meus pais e tios. Há bastante abertura sobre a espiritualidade, no nosso convívio familiar. Todos têm fé e ninguém contesta. Com as pessoas da minha faixa etária, com quem me relaciono tem fé e há uma troca natural. Iniciei meus filhos no caminho

da fé. Sempre os levo. Os dois escolheram o catolicismo e estão fazendo toda caminhada. Eu respeito e os acompanho”.

2.1.14. Já recorrestes a tua igreja?

E.01. Não.

E.02. Não

E.03. Sim. Duas vezes me ajudaram. Agora não.

E.04. Sim, quando fiz a comunhão. Fui bem recebido.

E.05. Não.

E.06. Não.

E.07. Sim, mas me senti explorada. O pastor queria dinheiro pra me curar, isto na Universal que é a igreja da minha filha. Na minha não. Vou ao culto. Oro, mas acho que não tenho fé suficiente, por isto que Deus não me cura.

E.08. Sim e sempre fui bem acolhida. Sempre me ajudaram.

E.09. Não que eu me lembre.

E.10. Sim, mas não tive resposta.

E.11. Muito pouco. Mas quando precisei o padre veio em minha casa e nos benzeu. Foi uma experiência revigorante.

E.12. Sim, em momentos de dor, em momentos de agradecimento e em momentos em que fui levar alguém que precisava. Sim sempre fui bem recebida. É minha segunda casa.

E.13. Não.

E.14. Não sou uma pessoa que procura igreja, quando estou em uma situação especial, apenas procuro o centro espírita. Quando vou lá me sinto tranqüilo. Sinto-me tranqüilo em locais de ligação com o meu interior. Muitas vezes até na minha casa me sinto muito bem.

E.15. Não.

E.16. Não.

E.17. Sim, na católica não fui bem recebida, mas na pentecostal todos oraram pela saúde de meu filho. Os irmãos e o pastor até nos visitaram.

E.18. Espiritualmente o faço em toda missa que participo. Cada um recebe aquilo que acredita. Eu particularmente sou atendido sim.

E.19. Não entendi o sentido do recorreste. Eu sempre recorro, lá é um dos meus refúgios. Vou me energizar, me alimentar espiritualmente. As pessoas são muito carinhosas e preocupadas em oferecer o melhor. Até hoje sempre houve boa receptividade.

E.20 Sim, para receber orientação, apoio, energia. Sempre tive boa receptividade.

Um bom número de pessoas nunca recorreu a sua Igreja. Interessante é que o recorrer, freqüentemente tem a conotação de pedir, de favor, de ir a busca de alguma benesse.

Nesta questão posso confirmar as várias facetas do que é Igreja.

Igreja socializante: Ritos de passagem: Gustavo: “Sim, quando fiz a comunhão. Fui bem recebido”.

Igreja continente as ansiedades e medos: Carolina: “muito pouco. Mas quando precisei o padre veio em minha casa e nos benzeu. Foi uma experiência revigorante”.

Igreja acolhedora, solidária, local de louvor e conforto: Manuela: “Sim, em momentos de dor, em momentos de agradecimento e em momentos em que fui levar alguém que precisava. Sim sempre fui bem recebida. É minha segunda casa”.

Igreja lugar de orientação: Fernanda, “Sim, para receber orientação, apoio e energia. Sempre tive boa receptividade”.

Mas há os que recorreram buscando ajuda específica e não encontraram, mas mesmo assim não desistiram. Foram em busca de outras denominações. Este é o caso de Joana:

“Sim, na católica não fui bem recebida, mas na pentecostal todos oraram por meu filho”.

Marina nos relata algo que se vê cada vez com maior freqüência, que é a exploração do desespero.

“Sim, mas me senti explorada. O pastor queria dinheiro para me curar, isto na Universal que é a Igreja da minha filha. Na minha não. Vou ao culto. Oro, mas acho que não tenho fé suficiente, por isto Deus não me cura”.

Entendo que a pessoa permite-se ser explorada pela culpa. Acredita que merece a penitência, o castigo.

Isto aparece freqüentemente no processo terapêutico. Muitas vezes é importante prescrever rituais de pagamento, de penitência, para a pessoa se autorizar a seguir a sua vida, a ser feliz.

Apesar de ter voltado para sua Igreja, Marina sente culpa, ou seria a ansiedade da culpa?

Não se sente digna. Talvez o objetivo de seu psicólogo quando trabalha com a espiritualidade seja que aceite a transgressão, perdoe-se e reencontre o caminho de reaproximação com Deus.

É o perdoar-se para sentir-se perdoada, digna de ser aceita por Deus.

Mas qual seria o verdadeiro papel da Igreja? Qual sua real função? Congregar pessoas que compartilham das mesmas certezas ou quem sabe dúvidas? Mas para fazer o que?

2.1.15. A cara de teu Deus

E.01. Não tem cara.

E.02. Uma luz.

E.03. De velhinho.

E.04. Sem forma definida.

E.05. É um velho, com a cara de Moisés dos filmes de tv.

E.06. Solidariedade e bondade.

E.07. Uma pessoa boa.

E.08. Ele é pai. Compreende, ajuda e salva. Depois que a gente encontra Jesus tudo melhora. Estou ensinando isto para minha família.

E.09. Nunca pensei nisto.

E.10. Um homem idoso. Aquele que vem das nuvens, poderoso, extremamente bom e misericordioso.

E.11. É uma pessoa boa, não tem rosto, mas me lembra um dia de sol no meio do mato, me recorda aquele cheirinho bom... Alguém bom, de coração bom e puro.

E.12. Cara de amparo, de amor incondicional.

E.13. Meu Deus, especificamente, tem cara de uma pessoa atual, não aquele repressor que castiga fisicamente quem erra, porque quando erramos nós mesmos nos castigamos através de reações que estes erros nos dão.

E.14. Cara! Acho que é uma fonte de muita paz, equilíbrio.

E.15. De anjo.

E.16. Para mim Deus está dentro de cada um de nós, e nunca pensei em Deus como uma pessoa.

E.17. De um grande dia de sol, com pássaros, céu azul e mar.

E.18. Meu, O nosso Deus não tem cara! Ele é uma essência.

E.19. É amoroso, sempre manda o que preciso, protetor, paciente e me oportuniza sempre crescimento.

E.20. Amoroso. Acredito, às vezes, cobrador, porque projeto a imagem de meu pai.

“Deus é o símbolo fundamental da fé, mas não é o único. Todas as qualidades que lhe atribuímos, como poder, amor, justiça, provém do âmbito de nossas experiências finitas e são projetadas sobre aquilo que se encontra além da finitude e infinitude”.⁷⁰

Aprendemos que somos feitos a imagem e semelhança de Deus, portanto Ele é um de nós, logo esta projeção é previsível.

A imagem de Deus com características humanas aparece de diferentes formas e aí, novamente, conforme o estilo de fé, também é a sua representação.⁷¹

João, “Não tem cara”.

Adriano, “É um velho, com cara de Moisés dos filmes de TV.”.

Vera, “Um homem idoso. Aquele que vem das nuvens, poderoso, extremamente bom e misericordioso”.

Paulo: “Meu Deus especialmente tem cara atual, não aquele repressor que castiga fisicamente quem erra, porque quando erramos nós mesmos nos castigamos através de reações que estes erros nos dão”.

Manuela: “Cara de amparo e amor incondicional”.

⁷⁰ TILLICH, 2002, p. 34.

⁷¹ FOWLER, 1992.

Para outros, como Fernanda: “Amoroso. Acredito, às vezes cobrador, porque projeto a imagem de meu pai” ou Olívia, “É amoroso, sempre manda o que preciso, protetor, paciente e me oportuniza sempre crescimento.”

Sem dúvida alguma, é a figura do pai que mais se aproxima da perfeição que conhecemos durante grande parte de nossa vida. Talvez, seja por esta razão que a projetamos.

Na medida em que crescemos, existe a necessidade de termos um ‘Grande Pai’ e este seria mais um dos papéis de Deus.

Mas transformar este Pai periférico, distante, em um Pai presente, próximo é a grande viagem, daí a necessidade de criarmos semelhanças.

Temos, também, outras representações do Divino:

Renato: “Solidariedade e bondade”.

Joana: “Dia de sol, com pássaros, céu azul e mar.”.

Lucas: “Cara? Acho que é uma fonte de muita paz, equilíbrio”.

Ou ainda, “Para mim Deus está dentro de cada um de nós e nunca pensei em Deus como pessoa”, Ricardo.

2.1.16. Papel de Deus na tua vida

E.01. Nenhum papel.

E.02. Vejo Ele como um amigo.

E.03. Não sei porque sempre sofri muito.

E.04. Importante.

E.05. Eu rezo pra pedir e agradecer.

E.06. O da fé.

E.07. É com quem converso e a resposta vem sempre através de idéias, com novo jeito de lidar com as coisas.

E.08. É a salvação.

E.09. Imprescindível.

E.10. É um papel importante. Fé é base. Preciso rezar bastante para me fortalecer e passar este momento difícil.

E.11. Guia-me, me conforta nos momentos difíceis, me dá força para ajudar meus queridos quando preciso. Gosto de conversar com ele durante o dia, conversar sobre assuntos diversos e acredito muito em S. Francisco de Assis.

E.12. Minha sustentação. É minha fé que me move para a vida.

E.13. Atuante, todo dia penso e oro a Ele agradecendo tudo que me acontece seja bom ou ruim porque aprendemos muito com as coisas ruins também.

E.14. Está sempre presente, quando penso nele ou não.

E.15. Protege-me e guia.

E.16. Fundamental. Em tudo o que faço, penso se isso é certo realmente.

E.17. Meu guia.

E.18. Único.

E.19. Principal porque sem ele não dá pra acreditar que os acontecimentos da vida têm uma razão de ser e que tudo converge para a felicidade, mesmo que as circunstâncias digam o oposto.

E.20. Atualmente tento me harmonizar mais com ele.

Para a maioria dos entrevistados, Deus tem um papel importante na sua vida.

Pedro: “Vejo como um amigo”.

Carolina: “Me guia, me conforta nos momentos difíceis, me dá forças para ajudar meus queridos quando preciso. Gosto de conversar com Ele durante o dia, conversar sobre assuntos diversos e acredito muito em São Francisco de Assis”.

Patrícia: “Me protege e guia”.

Marina: “É com quem converso e a resposta vem sempre através de idéias, um novo jeito de lidar com as coisas”.

Deus é real. Por ser real posso ter uma relação pessoal e de confiança com Ele.

Nossa imagem de Deus é simbólica, construída a partir de nossa realidade e de nossas vivências.

É a nossa realidade finita, ampliada e projetada àquela que transcende.

A Deus, também, é delegado, por alguns, o poder de controlar, impor limites, enfim de contensão.

“Fundamental. Em tudo o que faço, penso se isto é certo realmente”.Ricardo

Tem os que estão em litígio, sentindo-se perseguidos por Deus, como Marcela: “Não sei sempre sofri muito”.

Isto se explica, ou justifica, pela história de vida da entrevistada. É uma história muito triste (ver no apêndice C). Se a imagem que temos de Deus é correspondente a nossa experiência de vida, ela, no momento, não poderia pensar diferente.

2.1.17. Acreditas que Deus modifica tua vida?

E.01. Não acredito em Deus.

E.02. Não mudaria em nada.

E.03. Acho que não, pois acreditando nada dá certo.

E.04. Talvez.

E.05. Sim. Ah! Não sei.

E.06. Acredito que não.

E.07. Sim. A gente precisa ter fé. Agora eu sei disto.

E.08. Sim.

E.09. Com certeza.

E.10. Sim. Eu preciso de Deus, dos amigos, o tratamento e da minha vontade.

E.11. Seria, porque a fé é muito importante, principalmente nos dias de hoje que nos apegamos a poucas coisas e, ter fé pode nos ajudar a superar os mais difíceis obstáculos, as piores dores.

E.12. Acredito que me sentiria desamparado nos momentos difíceis.

E.13. Certamente não teria tanta confiança quanto tenho.

E.14. Acho difícil responder...Mas é como o ar.

E.15. Acho que sim. Ele nunca falhou comigo, a medida do possível.

E.16. Acho que sim, mas não tenho certeza.

E.17. Sim.

E.18. Não estaria mais aqui e não poderia estar respondendo teu questionário.

E.19. Sim, com certeza não teria concretizado tantas coisas boas, acho que seria extremamente amargurada, doente emocional...

E.20. Com certeza. Seria cinza, sem sentido.

“Poderíamos dizer que a fé é a nossa maneira de discernir e nos comprometer com certos centros de valor e poder que exercem força ordenadora de nossa vida. A fé, enquanto imaginação, aprende as condições últimas de nossa existência, unificando-as em uma imagem abrangente à luz da qual modelamos as nossas respostas e iniciativas: as nossas ações”.⁷²

É o que diz Olívia: “Sim com certeza não teria concretizado tantas coisas boas, acho que seria extremamente amargurada, doente emocional”.

Ou Carolina: “Seria, porque a fé é muito importante, principalmente nos dias de hoje que nos apegamos a poucas coisas e, ter fé pode nos ajudar a superar os mais difíceis obstáculos, as piores dores”.

Marina nos sugere que já experimentou viver sem fé, ou melhor, houve um tempo que o trabalho era sua preocupação última: “Sim a gente precisa ter fé. Agora sei disto”.

Matheus parece ter se apoderado de sua fé, de já ter conquistado um estilo de fé mais sofisticado: “Não estaria aqui e não poderia estar respondendo teu questionário”.

Vera deixa bem clara sua ambivalência. Crer ou brigar com Deus por estar doente: “Sim. Eu preciso de Deus, dos amigos, o tratamento e da minha vontade”.

Já Marcela: “Acho que não, pois acreditando nada dá certo”.

2.1.18. . Existe algo mais sobre fé que gostarias de dizer?

E.01. Não.

E.02. Não.

E.03. Não.

E.04. Não.

E.05. Não.

E.06. Não.

E.07. Quando eu for fazer o transplante sei que vai dar tudo certo, vai ser bom. Já falei com Deus. Daí vou ser feliz. Quero ter um amor. Eu nunca amei e vivi com este amor. Daí vai dar certo.

⁷²FOWLER, 1992, p. 32.

E.08. Deus é tudo. Só Nele encontro à salvação.

E.09. Não.

E.10. Agora vou ter um momento de fé. Durante o ca me revoltei, mas já estou voltando, indo mais para dentro de mim.

E.11. Acredito que a religião esta presente em nossos corações, que Deus está em todos os lugares, que não importa qual seja a nossa religião, nosso Deus, o que importa é a fé que temos e o quanto nos apegam a ela de forma saudável, sem nos autodestruir. Acredito que a minha fé me ajudou em muitos momentos, principalmente a ter forças quando minha mãe fez muitas cirurgias e quase se foi. Ela é capaz de mover montanhas e meu Deus, meu São Francisco, meus anjinhos da guarda estão sempre por perto.

E.12. Sempre que duvidei, sempre que pensei em abandonar minha fé, Ele deu sinais de que não estava sozinha e não poderia fraquejar.

E.13. Acho que não, apenas que não acredito que uma pessoa seja realmente feliz e confiante se não tem um exemplo a ser seguido como Deus e Jesus que foi o maior personagem que pisou essa terra em todos os tempos.

E.14. As barreiras eu tenho criado com a espiritualidade é quando querem impor uma forma de acreditar e agir em relação a Deus.

E.15. Sempre faço uma oração com fé, recebo respostas com acontecimentos ou nos meus sonhos.

E.16. Não.

E.17. Sim. Conhecer o amor de Deus, através do amor e acolhimento das pessoas com quem convivo.

E.18. Sim. Depois de tantas provações, de descobrir o porque das coisas ruins. O porque de tudo! A única porta que está sempre aberta é a Dele. Com Ele no meu coração sei que posso perder todos os meus anéis mais uma vez, ficam os dedos. Não posso nunca deixar de acreditar! Procuro não ter mágoas ou raiva, ódio em meu coração! E tento passar pela vida. Tenho algo comigo que me atrai a coisas negativas, mas minha fé para com nosso Deus é maior... Muitas vezes estas coisas me prejudicam, mas a graça e a bondade Dele sempre ao meu lado não me deixa faltar providência.

E.19. Não.

E.20. Não.

Apenas cinquenta por cento de meus entrevistados se atreveram a compartilhar seus pensamentos sobre fé.

Para Marina, a fé, Deus é a última esperança de ser feliz e é Nele que está depositada toda sua capacidade de ter fé.

“Quando eu for fazer o transplante sei que vai dar tudo certo, vai ser bom. Já falei com Deus. Daí vou ser feliz. Quero ter um amor. Eu nunca ameí e vivi com este amor. Daí vai dar certo.”

Cristina, “Deus é tudo. Só Nele encontro à salvação”.

Vera, “Agora vou ter um momento de fé. Durante o câncer me revoltei, mas já estou voltando, indo para dentro de mim”.

É um retorno ao centro do ser, ao que temos de melhor dentro de nós e possivelmente mediado por Deus.

A definição de Carolina segue a mesma linha de pensamento.

“Acredito que a religião esta presente em nossos corações, que Deus está em todos os lugares, que não importa qual seja a nossa religião, nosso Deus, o que importa é a fé que temos e o quanto nos apegamos a ela de forma saudável, sem nos autodestruir. Acredito que a minha fé me ajudou em muitos momentos, principalmente a ter forças quando minha mãe fez muitas cirurgias e quase se foi. Ela é capaz de mover montanhas e meu Deus, meu São Francisco, meus anjinhos da guarda estão sempre por perto”.

Já Manuela, mostra que se permite ter dúvidas e que isto não prejudicou sua fé.

“Sempre que duvidei, sempre que pensei em abandonar minha fé, Ele deu sinais de que não estava sozinha e não poderia fraquejar”.

Paulo nos apresenta o que todos nós perseguimos, ou seja, o modelo de perfeição.

“Acho que não, apenas que não acredito que uma pessoa seja realmente feliz e confiante se não tem um exemplo a ser seguido como Deus e Jesus que foi o maior personagem que pisou essa terra em todos tempos”.

Patrícia, uma psicóloga, discípula de Jung, confirma seus estudos.

“Sempre faço uma oração com fé, recebo respostas com acontecimentos ou nos meus sonhos”.

Joana, vê a manifestação do divino nas relações com as pessoas.

“Sim. Conhecer o amor de Deus, através do amor e acolhimento das pessoas com quem convivo”.

Concluimos com as colocações de Matheus:

“Sim. Depois de tantas provações, de descobrir o porque das coisas ruins. O porque de tudo! A única porta que está sempre aberta é a Dele. Com Ele no meu coração sei que posso perder todos os meus anéis mais uma vez, ficam os dedos. Não posso nunca deixar de acreditar! Procuo não ter mágoas ou raiva, ódio em meu coração! E tento passar pela vida. Tenho algo comigo que me atrai a coisas negativas, mas minha fé para com nosso Deus é maior... Muitas vezes estas coisas me prejudicam... mas a graça e a bondade Dele sempre ao meu lado não me deixa faltar providência”.

3. PROCURANDO SE ENCONTRA OU REDEFINE?

Em minha casa sempre tivemos muitos livros e fomos estimulados a ler os mais variados estilos de literatura. Ouvimos muitas histórias, pois meu pai era um excelente contador de histórias. Temos algumas que passaram de geração em geração, sempre com detalhes atualizados, mas sem perder toda sua evolução.

Havia uma coleção, verdinha, que devo ter lido, no mínimo vinte vezes. Comecei lá pelos nove anos e fui até a adolescência. Era o Cronin. Estes livros circulam na família até hoje e eu tenho o Castelo do Homem sem Alma, que era o meu preferido.

Nas histórias deste autor, freqüentemente tinha um jovem pastor que ia para a comunidade trabalhar e passava muito trabalho até conseguir ser aceito.

Estou contando isto porque esta foi uma das primeiras constatações que fiz ao começar este trabalho.

É sobre a contextualização. Profissionalmente, lembrando das histórias da minha infância, nunca me esqueço de contextualizar. Esta é uma das primeiras coisas que ensino aos meus alunos. Mas, então, por que nunca consegui fazer isto em relação à fé e a Deus?

Por que pensava numa possibilidade de Deus uniforme para todos, sem possibilidade de questionamentos? Sem conseguir respeitar os estilos de fé de cada um? Ignorância? Sim, pois entendia que Deus, Fé, deveria ser entendido de maneira certa. E a maneira certa era aquela que pessoas, especialistas no assunto, nos ensinavam. Entendia por especialistas as irmãs dos colégios em que sempre estudei e os padres. O surpreendente de tudo isto que toda a minha educação, do jardim à universidade se fez em escola católica. Isto aliado ao compromisso assumido lá no início de nossa família, não permitiu outra leitura.

A saída que encontrei é perfeitamente definida por Giguère, que diz:

Poderia se definir a espiritualidade de como uma atenção ativa e sustentada para realidades situadas além dos interesses pessoais e das satisfações imediatas, suficientemente intensa para determinar decisões e engajamentos que arrancam a pessoa de si mesma. A espiritualidade é religiosa quando a atenção se direciona para

um Ser superior, pessoal ou cósmico, e procura com cuidado, uma comunhão com Esse Ser.⁷³

Agora, finalmente entendi, que temos estilos de fé conforme nossas experiências, que nossa imagem de Deus é conforme nossas vivências. E, se é conforme somos no momento, não há como ser uniforme. Não existe a menor possibilidade de aprendermos por manuais, assim como não é necessário usar definições de espiritualidade como rota de fuga.

A possibilidade de ter dúvidas, questionar, foi outra coisa que me deixou maravilhada.

Confesso que nunca havia lido algo semelhante fora do contexto da psicologia. A primeira vez que vi, foi aqui na EST, na sala de aula, escrito por Paul Tillich.

Não preciso dizer que me apaixonei por ele na hora.

O que me encantou foi o fato dele trazer estes conceitos ampliados e fundamentados, ou melhor, contextualizados. Em um dos capítulos do seu livro *Coragem de Ser* (1972), ele diz:

Este elemento de dúvida é uma condição de nossa vida espiritual. A ameaça à vida espiritual não é a dúvida como elemento, mas a dúvida total. Se a certeza de haver a dúvida cessou de ser indagação metodológica e tornou-se desespero existencial. À Caminho desta situação a vida espiritual tenta manter-se, o quanto possível, apegando-se a afirmações que ainda não estão minadas, sejam elas tradições, convicções autônomas ou preferências emocionais. E sendo impossível remover a dúvida, aceita-se o fato com coragem, sem renunciar às nossas convicções.⁷⁴

A primeira vez que li este parágrafo fiquei muito incomodada. Não conseguia entender como renunciar à dúvida poderia ser um ato de coragem. Parecia mais um ato de acomodação e, para mim, de retrocesso, pois levei anos e anos para poder questionar e meu novo herói propunha renúncia e ainda com um rótulo de coragem.

Que mecanismo é este que paralisa as pessoas, delimitando o que pode ou não ser questionado?

E como conseguiram, por tanto tempo manter este tabu? Que punições tão terríveis eram prometidas que inviabilizavam qualquer movimento? No meu caso, eu conhecia os impedimentos, mas e para os outros?

⁷³GIGUÈRE, 1995, p. 25.

⁷⁴TILLICH, 1972, p. 37, 38.

É interessante, pois isto aparece em muitas manifestações artísticas. Na literatura, pintura, música, enfim aparece o horror do inferno.

Mario Quintana tem uma poesia, bem pueril, como a maior parte de sua obra, que sugere este terror:

A noite grande

*Sim o coaxar dos sapos ou o cri cri dos grilos
 Como é que poderíamos dormir tranqüilos
 A nossa eternidade? Imagina
 Uma noite sem o palpitar das estrelas
 Sem o fluir misterioso das águas.
 Não digo que a gente saiba que são águas,
 Estrelas
 Grilos...
 -morrer é simplesmente esquecer as palavras
 E conhecermos Deus, talvez,
 Sem o terror da palavra Deus.*

Mas, desta vez, não havia compromissos de terceiros e a inocência, finalmente, havia sido perdida.

Com tantos sinais, sem os compromissos de terceiros, sem ameaças catastróficas e a inocência, finalmente perdida, consegui entender que a dúvida parcial não desorganiza, pelo contrário leva a ampliar o conhecimento, contextualizar, enfim a novas percepções.

Já a dúvida total induz ao desespero, a conflitos existenciais intensos o que poderá levar a reforço dos dogmas, tradições ou simplesmente ampliar os mecanismos de defesa já estruturados.

Então é viável renunciar a dúvida e não a convicção!

O sentimento que tive depois de ter percorrido todo este caminho foi de decepção comigo mesma. Algo tão simples, que faço automaticamente nos demais segmentos de minha vida, ser tão difícil quando o assunto é fé.

Ainda, em relação à dúvida, constatei a relação deste movimento com o estilo de fé – individualativo-reflexiva, época em que há uma ruptura. As verdades até então inquestionáveis,

perdem sua imunidade. Há muitas dúvidas e fortes sentimentos. Acredito, e esta foi minha experiência, que é uma fase de muita solidão. As repostas que existiam não servem mais, as crenças não são mais confiáveis, nem seus representantes. Estamos muito vulneráveis, com angústias, incertezas, tristeza, amargura e culpa, por estar sendo infiel a princípios que até então nortearam nossa vida, inclusive possibilidade de represálias. Afinal, ainda existe um resqúcio do Deus Juiz. A tendência das pessoas é consolar, colocar panos quentes e dizer que o tempo é o melhor remédio. E é, mas neste momento, não é o que se quer ouvir, pois acarreta mais culpa ainda.

Outro aspecto importante é o desencadeante. Para mim, houve. Foram as perdas, e conseqüentemente, a revolta por Deus não fazer nada. Hoje, passado quase quatro anos e um mestrado depois, acho absurdo, mas na época não. Consegui entender, penso que quase totalmente. Tillich, mais uma vez me ajuda:

Como pode o Deus Todo poderoso que é, e, ao mesmo tempo, Deus de amor, permitir tal miséria?

Como impulso emocional, essa questão é muito compreensível. Como uma formulação teórica ela é fraca. Se Deus tivesse criado um mundo no qual o mal físico e moral fosse impossível, as criaturas não teriam tido a independência de Deus que está pressuposta na experiência de reunião de amor.⁷⁵

Todo este sofrimento, abalo nas crenças e certezas, teve bons resultados. Consegui, ainda que tardiamente, individuar-me, termo usado por Jung, para caracterizar este crescimento.

Por último, a questão específica da fé.

Este trabalho tinha por meta descobrir o que toca incondicionalmente e onde coloco meu coração. Palavras, importantes dos autores que elegi para descobrir o caminho que me leva a Deus.

Uma das primeiras descobertas que fiz foi que ‘O deus Integridade’, que julgava ter sido o que aprendi, é DEUS INTEGRIDADE, mesmo. É muito mais amplo que entendia. Como meus conceitos ainda não foram totalmente intelectualizados e sim apenas sentidos, preciso fazer uso de palavras de outros autores.

Edênio Valle, citando Vergote:

⁷⁵ TILLICH, 2004, p. 101.

Vergote define a religiosidade individual madura como uma ‘atitude’, palavra técnica que envolve processos afetivos, volitivos e cognitivos e implica um assentimento pessoal que transcende os movimentos religiosos espontâneos e os retoma assumindo, de modo deliberado, as primeiras intuições que, até então, haviam permanecido como o que à sombra.

Penso que com esta bagagem, redefinindo toda experiência acumulada ao longo dos anos, com um novo suporte teórico estou pronta para novas dúvidas e redefinições em relação à minha fé.⁷⁶

⁷⁶ VALLE, E. **Psicologia e experienciar religiosa**. São Paulo: Loyola. 1998. p.44.

CONCLUSÃO

A experiência de trabalhar neste projeto foi muito interessante e acredito que saio dele melhor e mais inteira.

Fiquei tentada a escrever apenas sobre meus conflitos, mas como havia a pesquisa, seria falta de respeito com meus entrevistados e comigo mesma, não aproveitar este rico material.

Como a maioria das pessoas pesquisadas, sou católica ou estou católica, em consequência dos valores e pactos familiares.

Uma das primeiras coisas que aprendemos quando optamos por fazer esta viagem em busca da fé perdida é esta, a fé um legado familiar. Este compromisso que assumimos é descrito tanto por Tillich quanto por Jung.

Como todo bom legado vem recheado de obrigações, benesses, ganhos e perdas, alguns bem explícitos outros nem tanto.

Alguns conscientes e outros que levamos a vida inteira para percebê-los e entendê-los.

O que consegui observar também, que poucas são as pessoas que assumem um compromisso com sua religião para a vida inteira. Estou me referindo à denominação religiosa mesmo.

Questiono se escolher, gostar e ficar teria uma conotação de acomodação?

Por outro lado, na idade adulta, a forma como os pais, ou simplesmente a geração anterior vê Deus é questionada e de certa forma desqualificada.

Há um paradoxo aí. Se recebemos Deus de nossa família, a essência deveria permanecer semelhante. Evidente com as devidas contextualizações e atualizações, mas não é assim.

Em decorrência desta observação realizada com os entrevistados e comigo mesma elejo a Igreja como bode expiatório. Não seria o exercício de poder, do controle que não permitiria a evolução da fé?

Isto fica muito claro na revisão bibliográfica que fiz.

Este espaço que tanto Tillich, Fowler e Jung colocam como necessário para as pessoas exercerem sua criatividade, sua relação pessoal com Deus, não é oferecido.

Por este caminho chegamos ao Deus individual, interior que muitos teólogos, psicólogos, dentre outras áreas profissionais falam.

Nas respostas encontramos uma imagem de Deus e uma forma de se relacionar com Ele totalmente pessoal.

A questão é a solidão, a participação cada vez menor na vida comunitária (no sentido de comunidade de fé).

Esta autonomia pode se tornar muito assustadora. Há angústia, tristeza, amargura e até mesmo culpa. Afinal é um salto em direção ao desconhecido, uma possível traição aos acordos familiares e, indiscutivelmente ao Deus até então conhecido.

Outro fator que fica gritante é que o crescimento na fé, quase sempre se faz pela dor, pela perda.

Isto é complicado, pois se Deus é o melhor de nós, o nosso mais profundo eu, por que o sofrimento tem que estar presente? Ou seria, a possibilidade de Deus se manifestar “POR” e não somente “EM” nós. Esta já seria outra forma de ver a questão.

Todos autores que li, são unânimes em afirmar que Deus é Justiça, Amor e Tillich fala também, em Poder.

Este sofrimento seria a forma de sermos desafiados a crescer?

Possivelmente, e a literatura ratifica esta possibilidade.

Algo que vi, ou melhor, li, mas não consegui aceitar o desafio para um aprofundamento foi a “sombra” ou o lado sombrio de Deus.

Mas é algo que instiga a pensar.

Se Lhe impomos características humanas, este lado tem que aparecer.

Meus entrevistados sugerem que esta é a face do Deus juiz. Entretanto este papel Dele poderia ser uma questão de poder, pois está em uma posição hierarquicamente superior a nossa.

Ou de modelo para nos estimular a exercitar nossos recursos internos, honrando o fato de sermos Sua Imagem e Semelhança.

Mas, sem dúvida alguma, é algo que continua a ecoar dentro de mim.

Talvez este seja o único caminho para chegar a descobrir em nosso íntimo horizonte ainda desconhecidos e assim sermos curados. Para um homem que procura desesperadamente respostas, pode ser muito útil descobrir que os apelos de Deus, não vêm de longe, nem do passado e nem do futuro (somente), nem de uma igreja e nem de outra (somente), mas da realidade interior, de onde Deus mora.⁷⁷

Isto é o que fica claro na pesquisa: o aspecto relacional da fé, o fato de ser pessoal e extremamente íntima.

O crescimento da fé, também fica evidente. Cada pessoa tem seu ritmo e seu tempo e não podendo nunca deixar de contextualizar.

Afinal a imagem de Deus é consequência de nossas vivências e experiências.

Uma das conclusões que chego é a importância do autoconhecimento, e neste ponto a terapia também poderia contribuir, para que possamos realizar este mergulho dentro de nós atrás do que nos toca incondicionalmente, de nosso Deus interior ou da imagem que temos de nosso Deus interior.

Este trabalho me trouxe vários ganhos, tanto profissionais quanto acadêmicos, mas a conquista maior foi, sem dúvida nenhuma pessoal.

É preciso que se saliente também que muitos dos remédios, ou seja, histórias mais poderosas surgem em decorrência de um sofrimento terrível e irresistível de um grupo ou de um indivíduo. Pois a verdade é que grande parte da história deriva da aflição. Deles, nossa, minha, sua, de alguém que conhecemos, de alguém que não conhecemos e que está distante no tempo e no espaço. E, no entanto, por paradoxal que seja, essas mesmas histórias que brotam do sofrimento profundo podem fornecer as curas mais poderosas para os males passados, presentes e futuros.⁷⁸

É interessante pensarmos sobre símbolos, papéis, especialmente quando é relacionado com nossa família.

⁷⁷ DOURLEY, 1987, p. 75.

⁷⁸ ESTÉS, Clarice. **O dom da história**. Rio de Janeiro: Rocco. 1998. p. 10.

Nesta madrugada, preocupada, sem conseguir dormir, comecei a prestar atenção no relógio. Temos um que bate as horas inteiras e meias horas, por sinal, o mesmo relógio da infância de minha mãe.

Fiquei ouvindo e constatei que ele não faz SEMPRE, NUNCA, como fazia na casa da infância da minha mãe e sim TUM, TUM, como o pulsar de um coração. Ele, diferentemente, não assinala a morte e sim a vida. Seria esta modificação um dos avanços reais do ecumenismo?

Como a insônia, às vezes, é boa conselheira, recordei outro episódio importante na nossa família:

Meu pai tinha só um irmão e este se interessava pela história da família, tanto que sua missão foi escrevê-la.

Investigou, pesquisou, documentou toda nossa história. Chegou até um lugar bem perdido na Alemanha, onde encontrou o batistério de nosso ancestral.

Eram dois irmãos, sendo que um foi para os Estados Unidos e o outro veio para cá. Era o primeiro Ritter no Brasil. Meu tio ficou tão eufórico que enfartou e morreu. Mas cumpriu sua missão, ou seja, resgatou nossa história. Todos nós conhecemos e nos orgulhamos dela.(Anexo B)

A minha, sem dúvida nenhuma, é entender o que toca incondicionalmente esta família e poder repensar o ecumenismo que iniciou com o casamento de meus pais.

Poder ampliar este valor que comecei chamando de integridade, mas que na realidade é muito maior que isto.

O que nos mobiliza é crer que podemos melhorar sempre, ter uma relação cada vez mais inteira, ser fiel aos nossos valores e princípios e especialmente a nós mesmos. Tudo isto para podermos nos relacionar de forma mais inteira com Deus.

Acredito que, como já haviam preparado o caminho das pedras, a minha missão está sendo muito mais prazerosa, pois é de redefinição. É de VIDA.

REFERÊNCIAS

1. ALVES, Rubem. **Presentes, frase, idéias, sensações**. São Paulo: Papirus, 2004.
2. BLANK, Renold. **Esperança que vence o temor**: o medo religioso dos cristãos e sua superação. São Paulo: Paulinas, 1995.
3. BOFF, Leonardo. **Espiritualidade**-Um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
4. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Os deuses do povo. São Paulo: Brasiliense. 1980.
5. DOURLEY, John. **A psique como sacramento**. São Paulo: Paulinas, 1995.
6. DOURLEY, J. A doença que somos nós. São Paulo: Paulinas, 1985.
7. EDINGER, Edward. **Ciência da Alma, uma perspectiva junguiana**. São Paulo: Paulus, 2004.
- 78 EGGERT, Edla. **Educação popular e teologia das margens**. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
9. ESTÉS, Clarissa. **O dom da história**. Uma fábula sobre o que é suficiente. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
10. FALLICOV, Célia. **Transiciones de la família**, continuidad y cambio em el ciclo de vida. Buenos Aires: Amorrortu, 1991.
11. FERRY, L. **A lei e o amor**. Caderno cultura. Zero Hora. P 6e 7. 24 de março de 2007. Entrevista concedida Carlos Moreira.
12. FOWLER, James. **Estágios da fé**. A psicologia do desenvolvimento e a busca do sentido. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
13. FRAAS, Hans-Jurgen. **A religiosidade humana**. Compêndio de psicologia da religião. São Leopoldo: Sinodal, 1997.
14. GAARDER, J; NOTAKER,H.; HELLERN,V. **O livro das religiões**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
15. GIGUÈRE, Paul, **Uma fé de adulto**. São Paulo: Paulinas, 1999.
- 16.GROISMAN, Moisés. **Família é Deus**. Rio de Janeiro: Eldorado, 2000.

17. GROISMAN, Moisés. **Além do paraíso**. Perdas e transformações na família. Rio de Janeiro: Núcleo e pesquisa, 2003.
18. HALL, James. **A experiência Junguiana**. Análise e individuação. São Paulo: Cultrix, 2003.
19. <http://www.teologiabrasileira.com.br/Marid.asp?materialIID=173><acesso em 25 fev 2002.
20. <http://www.pucsp.br/pos/cesino/schenberg/aluno/conradobraga/jung/texto.htm>. >Acesso em 25 fev 2007.
21. HOFFMAN, Eduard. **A sabedoria de Carl Jung**. São Paulo: Palas Athena, 2005.
22. JUNG, Carl G. O eu e o inconsciente. Petrópolis: Vozes, 1984.
23. MARONI, Annaéris. **Jung e coletividade**. São Paulo: Moderna, 1998.
24. MIRANDA, Ana Maria. **Fé enquanto busca de sentido de vida na adolescência: perspectiva psicológica**. Tese de doutorado. São Paulo: 2003.
25. PEREIRA, Josias. **Cura e salvação** em Tillich e Jung. Estudos da religião, São Paulo: UMESP, 1999.
26. PESSOA, Fernando. **Mensagens**. Obra Poética. Porto Alegre: L&PM, 2006.
27. RAPPORT, Clara. **Temas básicos de psicologia**. São Paulo: Ed. Pedagógica e universitária Ltda, 1984
28. RIBEIRO, Cláudio. **Religiões e salvação: indicações para o diálogo inter-religioso na teologia de Paul Tillich**. Juiz de Fora: Editora Universidade Federal de Juiz de Fora, 2000.
29. RIZZUTO, Ana-Maria. **O Nascimento do Deus vivo**. São Leopoldo: Sinodal, 2006.
30. ROOME, T. **Educação religiosa cristã**. São Paulo: Paulinas, 1985.
31. ROSS, Elizabeth K. **Morte estágio final da evolução**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
32. ROSS, Elizabeth K. **Os segredos da vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
33. SOUZA, Elizeu C. **Tempos de narrativa e ficções-a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
34. SOUZA, Elizeu C. **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
35. STEIN, Murray. **Jung. O mapa da alma**. São Paulo: Cultrix, 2005.
36. TILLICH, Paul. **A coragem de ser**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1972.
37. TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

38. TILLICH, Paul. **Amor, poder e justiça**. Análises ontológicas e aplicações éticas. São Paulo: Novo século, 2004.
39. VALLE, Edênio. **Psicologia e experiência religiosa**. São Paulo: Loyola, 1998.
40. WHITAKER, C. **Dançando com a família**. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO PESQUISA

Data:

Iniciais do nome:

HISTÓRIA FAMILIAR

Quem foram teus pais?

Pertenciam a famílias numerosas?

Tua mãe tinha quantos irmãos?

E teu pai?

Moravam onde?

Mudavam-se muito?

Trabalhavam em que?

O pai?

A mãe?

Como se divertiam?

Tinham alguma religião? Qual?

Era a mesma de seus pais?

Mudaram?

Qual ou quais?

Freqüentavam?

E a saúde? Tinha alguma doença? Qual?

Alguém com problemas de álcool ou drogas?

TUA HISTÓRIA

Tens mais irmãos?

Quais as lembranças de tua infância?

De que brincavam?

Como eram as festas? Aniversários? Natais?

O que tua família fazia bem, todos juntos?

O que era muito triste quando se reuniam?

Como foi teu ingresso na escola? Alguém te ajudava nas tarefas?

Quando adoeciam, como agiam?

E se fosse grave?

Tinham algum contato com padres, benzedeiros, pais de santo, no processo de cura?

Atualmente como é tua vida?

Qual tua idade?

Profissão?

Casamento?

Filhos?

És feliz com tuas escolhas?

O que te alegra?

O que te assusta?

Quando tens medo, o que fazes?

Quem te ajuda? Socorre-te?

ESPIRITUALIDADE

Tu tens fé em que ou em quem?

Como definirias a tua fé?

Ela foi sempre assim?

Como era na tua infância?

Na tua adolescência?

Na idade adulta?

E agora?

Algum evento (descobertas, perdas, doenças, etc.) na tua vida fez com que mudasses tua percepção ou relação com Deus?

Se houve, como foi?

Pertencestes sempre a mesma Igreja?

Tu podes conversar com teus pais, tios sobre religião? As idéias de vocês são parecidas? Ou há divergências?

E com as pessoas de tua faixa etária?

E com as crianças, filhos, sobrinhos, como se dá?

Já recorrestes a tua Igreja? Como e quando foi?

Houve boa receptividade?

Que cara tem teu Deus?

Qual o papel Dele em tua vida?

Se tu não acreditasses Nele tua vida seria diferente?

Existem mais alguns fatos sobre tua fé, tua relação com Deus que fosse importante dizer?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu.....
 RG.....fui convidada a participar da pesquisa, “

Procura-se o que nos toca incondicionalmente”.

Caso aceite participar, serei entrevistada para falar sobre este assunto e a entrevista será gravada. As fitas não serão identificadas com meu nome, mas sim com um número, para controle da entrevistadora. Fui informada de que meu nome será mantido em sigilo e que tudo o que eu falar, não será associado a minha pessoa, mesmo na divulgação dos resultados da pesquisa, em apresentação em congressos ou publicações.

Não receberei pagamento para participar. Fica subentendido que poderei parar a entrevista caso não queira continuar.

Declaro que li este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Foi oportunizado o questionamento das dúvidas, concordando em participar, assinarei duas cópias deste Termo, junto com a pesquisadora, sendo que uma ficará comigo e outra com ela.

Declaro que as informações acima me foram dadas e eu aceito participar voluntariamente desta pesquisa, de forma livre e esclarecida.

Caxias do Sul,..... de..... de 2006.

Assinatura do participante.....

Assinatura da pesquisadora.....

APÊNDICE C - HISTÓRIAS DE VIDA

E.01. Meu nome é João, tenho 51 anos, sou músico, estou divorciado e tenho dois filhos.

Meu pai era sargento do exército. Sempre teve amantes. Quando tinha 45 anos teve um derrame na casa de uma delas. Ficou com várias seqüelas. Ela e minha mãe se uniram para cuidar dele. Ele morreu há três semanas, com 81 anos.

Eles tiveram três filhos e eu sou o mais velho. Sempre brigamos muito. A mãe sempre só deu atenção pro pai. Fugì de casa muitas vezes. Apanhava muito.

Na minha casa não tinha aniversário, natal, não tinha presentes, só surras.

Não me dou com meus irmãos. Eles são iguais ao meu pai. Até no exército eles entraram. Tenho raiva deles.

Comecei a beber muito cedo. Sou baterista. Tocava rock numa banda.

Casei-me e minha mulher me abandonou só porque eu bebia. Eu ficava dias fora de casa e não incomodava. Tive dois filhos que ficaram com ela. Faz anos que não os vejo, mas eles me ajudam se eu pedir. Não sei onde eles moram, só a cidade. Meu filho fez administração e a filha faz farmácia.

Já pertenci há várias bandas. Ganhei muita grana. Gastei tudo. Sabe, bebendo, né?

Morei até na rua. Acho que não fiz boas escolhas na vida.

Consigo fácil um trabalho, mas acabo saindo. Fica ruim eu saio. E, às vezes eu bebo demais.

Já fui parar duas vezes na UTI. Uma pelo álcool e outra pelos rins.

Esta última vez fiquei muito tempo. Fui recolhido na rua. Tava tomando álcool puro e outras porcarias.

Na alta a assistente social do hospital arrumou as coisas pra mim. Acertou no INPS pra me encostar e me colocou num abrigo. Foi bom.

Me mandaram vir aqui na associação. Aqui é bem legal. Ganho algumas coisas e quero montar uma banda do pessoal daqui.

Não sei se vou conseguir fazer o transplante, mas também não quero. Se tiver que morrer eu morro. Ninguém vai sentir falta mesmo.

Agora estou morando com um amigo, mas tem uma mulher que quer casar comigo, mas não sei.

Faço tratamento. Estou na máquina três vezes por semana. Agora só bebo de vez em quando. Não é pra beber, mas não dá.

Deus? Não acredito, sou ateu e também não tenho fé em nada. Já acreditei, mas não deu em nada. Daí larguei de tudo.

Sabe? Nunca falo disto, mas foi bom falar.

Não acredito em Deus. Ele não tem papel algum na minha vida e também não tem cara de nada.

E.02. Meu nome é Pedro. Tenho 16 anos e estudo.

Meu pai é o João e minha mãe Joana. Ele tem três irmãos e ela dois.

Sempre moraram em Sto Antônio e o meu pai trabalha no banco e minha mãe no comércio.

Eles são católicos, mas sempre vão ao centro espírita.

O pai da minha mãe sempre bebeu.

Eu tenho dois irmãos e me lembro que quando era pequeno quebrei meu braço. Foi emocionante. A gente brincava muito de polícia e ladrão e bicicleta.

O natal era na casa do meu vô na praia, muito legal.

Os churrascos com toda família junta são muito legais.

Logó que eu entrei no colégio faltava muito, daí demorei pra ler.

Quando a gente ficava doente a mãe levava as coisas pra gente na cama. Só tive uma coisa grave que foi pontada. Cheguei a ficar no hospital. Eles ficaram muito preocupados. Ia também na benzedeira, chumbá as bichas e coisas na pele.

A minha vida é entediante. Um saco.

O que me alegra? Vê tv, jogos, pc, livro e ficar na minha. Não gosto de ver o pai e a Elisa brabos. Quando tenho problemas, enfrento ou a minha irmã me ajuda.

Eu acredito em uma força maior. Acho que tenho fé, mas ela é oscilante. Eu não gosto de falar sobre estes assuntos.

Como vejo Deus? Como um amigo. Ele tem o jeito de uma luz.

Acho que não mudaria nada na minha vida se eu não acreditasse em Deus.

É só.

E.03. Meu nome é Marcela, tenho 32 anos, sou encostada, divorciada, com dois filhos e uma neta.

Meus pais eram agricultores. Moram lá fora e são muito ignorantes.

Meu pai sempre bebeu muito. Gritão e brigão. A minha mãe super acomodada.

Quando se casaram foram morar perto da casa dos meus avós.

Tiveram quatro filhos e eu sou a mais velha.

Nós éramos muito pobres. Festa só as da igreja e muito raro ter uma e nem sempre meu pai nos deixava ir.

Minha infância foi muito triste. Com quatro anos já cozinhava e cuidava de meus irmãos. Minha mãe ficava na roça o dia inteiro e eu em casa.

Fui só três anos na escola e meu pai me tirou. Disse que sabia ler e fazer conta e tava bom.

Aos 12 anos o pai mandou que eu arrumasse minhas coisas pra viajar. Perguntei pra onde e ele ficou nervoso. Me bateu e disse pra me apressar. Fomos pra casa do meu tio, irmão mais velho do pai. Ele me largou lá. Depois descobri que tinha sido vendida. Os dois ficaram a tarde toda conversando e bebendo e eu por lá. Ele foi embora, jantamos e de noite descobri porque tinha ido pra lá. Ele fez eu virar mulher. Eu tinha ficado mocinha há pouco tempo e não sabia nada.

Aprendi na marra.

Eu vivia apavorada. Trabalhava todo dia na roça e de noite era estuprada. Quando vi que a minha barriga cresceu, achei que tava doente. Não tinha ninguém pra conversar. Ele não falava comigo. Só me queria de noite.

Achei que o problema era do estômago ou bichas. Tomei remédio pra tira os inços da grama. Fiquei quatro dias inconsciente. Ele me levou pro hospital. Não recebi visita de ninguém. Aí que soube que estava grávida e tinha perdido o nenê. Meu pai foi no juiz e nos obrigou a casar. Ele era 25 anos mais velho que eu.

Casei e fiquei com ele. Tive filho e nos mudamos pra Caxias. Ele bebia e me maltratava. Engravidei de novo e minha filha nasceu doente. Aqui foi que aconteceu uma coisa boa.

O médico mandou que eu levasse a guria junto pra morrer em casa. Não tinha mais o que fazer. Levei. Tava no pátio lá de casa e apareceu uma mulher negra e me disse pra levar a guria, naquela hora para o Pastor Naun que ele ia salvá-la. Fui. Ele levou ela pra dentro e me mandou esperar. Sentei e vi lá trás aquela mesma mulher. Levei a guria lá várias vezes e ela sempre aparecia, mas nunca mais falou comigo. Sorria e desaparecia.

Levei minha filha no hospital porque o Pastor mandou. O médico disse que foi um milagre.

Algum tempo depois conheci a Nossa Senhora Aparecida, a estátua e vi que era igual a que me apareceu.

Minha filha nunca mais ficou doente. Continuei casada e nunca mais vi minha família. Meu marido bebia muito, era ruim e batia em todos. Tentei fugir muitas vezes, mas ele sempre me pegava e batia mais ainda. Foi assim até no ano passado. Depois de uma surra resolvi dar queixa na delegacia da mulher. A moça de lá disse pra eu pensar bem, pois alcoolismo era doença e eu tinha que ficar com ele. Fiquei indignada. Saí da delegacia e entrei num super, comprei doze latas de cerveja, sentei na praça, que é perto e bebi todas, quentes mesmo. Voltei na delegacia e falei com a delegada. Tava bêbada. Quando acabei de xingar caí dura e fui direto pra UTI. Fiquei 20 dias. Foi quando descobri os problemas nos rins. Tenho que ir pra máquina. Já fiz seis fístulas e nenhuma dá. O médico diz que são os nervos.

Daí o meu marido continuava infernizando. A última dele foi pegar todo o rancho e derrubar no chão da cozinha. Fez uma meleca daquelas. As vizinhas chamaram a polícia, porque eu estava no Hospital fazendo as fístulas. Tiraram ele de lá e saiu a separação judicial. Agora se ele vier vai preso. Mas só saiu porque uma PM ficou muito minha amiga e foi atrás. Fiquei no abrigo até ter certeza que ele não vinha.

No outro fim de semana fui lá fora na casa da mãe. Eles levaram um susto, pois pensavam que eu tinha morrido. Não foi ruim. Meu pai já morreu e minha mãe até fez comida boa.

Na volta vim pra associação. Já voltei pra casa. Meu ex-marido voltou lá pra fora. Meu filho mais velho foi com ele. Descobri que o guri tem um problema igual ao meu nos rins. Ele disse que vai cuidar do filho. A minha guria tem 14 anos e vai ganhar a filha dela agora.

Tu vê a minha vida é uma tragédia. Agora, não consigo ir pra máquina. E é ruim, porque posso morrer. Acredito que a Nossa Senhora vai aparecer de novo pra me ajudar.

Às vezes penso em morrer, descansar, mas não dá. Agora tem a guria.

Quando penso em Deus penso num velhinho, mas estou muito desanimada. Acho que não nasci pra ser feliz. Mas pode ser que Nossa Senhora apareça. Da outra vez apareceu no limite.

E.0.4. Me chamo Gustavo, sou estudante e tenho 14 anos.

Meu pai se chama Antônio, tem três irmãos e minha mãe Maria e tem cinco irmãos.

Ela é engenheira e ele médico. Quando eles eram novos se divertiam indo a bailes.

Os dois são católicos, mas não vão à igreja.

Eu tenho um irmão mais velho. A gente, quando era criança, gostava de videogame e ver tv. Ainda gosto.

Na minha família festejamos todos aniversários, natal, páscoa, tudo. Passamos as férias todos juntos e é bom.

Sempre me trataram bem quando eu ficava doente, mas nunca tive nada grave.

A minha vida é feliz. Só tenho medo é de doença. Tento resolver quando tenho medo, senão a mãe me ajuda.

Acredito em Deus e tenho fé na vida. Sempre foi assim. Não aconteceu nada pra mudar. Não tenho uma imagem muito definida Dele.

Já fiz a comunhão e fui muito bem recebido na minha igreja

Não sei, talvez minha vida fosse diferente se eu não acreditasse em Deus.

E.05. Meu nome é Adriano, tenho 26 anos, solteiro e estou aposentado por invalidez. Sou transplantado.

Eu e meus pais morávamos no interior do interior e trabalhávamos na roça. Mudamos porque eu tinha problemas nas pernas e tinha que ter tratamento. O problema nos rins apareceu mais tarde, quando eu tinha 19 anos, mas já nasci assim.

Mudamos e eles foram trabalhar numa metalúrgica.

Tenho dois irmãos e sou o filho do meio.

Meu pai e minha mãe brigavam muito. Ele bebia. Aprendi a beber com ele. Desde pequeno tomava porres juntos. Esta era a única coisa que nós fazemos bem juntos.

Quando a gente era pequeno brincava de futebol, carrinho e na terra.

Nunca tinha festa. Conheci festas de natal, aniversário, na associação. Aqui se festeja tudo. É muito bom.

Estudei até a quarta. Sai porque quis. Ninguém dava valor pra estudo. Até hoje não dou.

Eu to na universidade. Faço parte da equipe de futebol de cadeirantes. Às vezes quero desistir, mas a assistente social da associação não deixa. (assoc. Renais crônicos).

Quando ficava doente a mãe levava nós na benzedeira.

Eu tenho fé. Acredito que vo ser atendido. Pedi e recebo. O pai fez promessa quando eu fiz o transplante. Prometeu dar leite e pão pros pobres. Depois de seis meses pagou a promessa.

Eu rezo toda noite, pra pedir e agradecer.

O meu Deus tem cara de velho, aquele do Moisés dos filmes da tv.

Não sei se a minha vida seria diferente se eu não acreditasse em Deus.

E.06. Eu me chamo Renato, tenho 43 anos, sou casado, tenho um filho pequeno e sou técnico em contabilidade.

Tanto meu pai quanto minha mãe tem muitos irmãos. O pai tem onze irmãos e a mãe três. Ele é honesto, inteligente, dinâmico e ela inteligente, alegre e muito sociável.

Moravam no campo e depois do casamento vieram para a cidade. Aqui ele foi trabalhar como industriário e ela cuidava da casa.

Tiveram dois filhos.

Sempre foram católicos participantes.

A nossa infância foi bem alegre. Brincávamos com os colegas, na escola e com os parentes.

Todos nossos aniversários, natais e páscoa eram comemorados em família.

Sou uma pessoa feliz com quase todas as minhas escolhas.

Alegro-me com a família, leituras, amigos e filmes. O que me assusta é o trabalho, ficar sem ele.

Quando fico assustado procuro aconselhamento ou o apoio da família.

Eu acredito em Deus. Defino minha fé como o dever de acreditar que existe algo a mais.

Mas não foi sempre assim. Antes não era assim. Não era praticante e hoje sou. Foi depois da perda de parentes. Sou católico.

Hoje converso com parentes, mais novos e mais velhos. Não há divergências.

Nunca recorri a minha igreja.

Meu Deus tem cara de solidariedade e bondade. Seu papel em minha vida é da fé.

Mas acho que a minha vida não seria diferente se não acreditasse em Deus.

E.07. Meu nome é Marina, tenho 56 anos, sou casada, tenho quatro filhos e três netos. Sou aposentada por invalidez, por causa dos rins.

A minha história é muito triste. Já contei muitas vezes pro pessoal da faculdade.

A minha mãe ficou grávida com 16 anos. Meu pai era rico e eles não casaram. Eu nasci na casa de meus avós em Cazusa. Quando tinha quatro meses minha avó tocou minha mãe de casa. Não queria que ela me levasse. Então me enrolou bem, nuns coeiros e me atirou janela fora. A minha mãe me atirou pra fugir. Mais tarde fiquei sabendo que tinha uma lesão na córnea. Fiquei cega de um olho. Minha mãe ficou na rua e conheceu um homem que levou a gente pra morar com ele. Ele era bem velho. Depois brigaram e a gente foi pra rua de novo.

Depois de algum tempo conheceu outro. Era muito velho. Fomos morar com ele. Ele era ruim. Vivia correndo atrás de mim, e queria fazer coisas. Quando tinha 10 anos minha mãe me colocou de babá, para eu sair de casa. Trabalhava por uma panela de comida e dez mil reis. A comida ia pros meus irmãos. Eles eram seis naquela época e o dinheiro pro meu padrasto que bebia muito. Ele era muito ruim.

Minha mãe vivia grávida. Era um filho atrás do outro. Não livrava nem a quarentina. Tenho doze irmãos. Dois deles faleceram de fome. Já passei das minhas. Sofri muito.

Depois fui trabalhar como babá na casa de uma artista. Foi um tempo bom. Viajei muito, fui pra Argentina, Minas e ficava na praia de dezembro a março. Era muito bom. Fiquei de babá até o guri ter uns 10 anos. Depois a patroa começou a ensinar a cozinhar. Já me sentia uma mocinha. Fiz vários cursos. No começo era bom, mas depois deixei de ser babá e fui ser cozinheira. Daí ficou ruim. Eles recebiam muita gente e eu cozinhava até tarde da noite e tinha que levantar de madrugada pra fazer o café. Fiquei muito revoltada, mas só por dentro Assim foi até os 16 anos. Daí ela contratou uma cozinheira e eu fiquei da casa. Os filhos dela me humilhavam. E eu cada vez mais revoltada por dentro. Um dia fui no cinema e faltou luz. Fiquei com medo e voltei pra casa só quando voltou à luz. Ela estava me esperando no portão e me deu um tapa.

Depois briguei com a filha da patroa. Ela ficou furiosa, porque de vingança manchei uma roupa dela. Ela queria me matar. Fugi. Me escondi no vizinho e liguei pro meu marido e disse que se ele quisesse casar comigo que me buscasse que eu casava. A gente não namorava e ele tinha falado de brincadeira. Ele era sobrinho do meu padrasto. Eu tinha 17 anos. Ele mandou um táxi, pois estava trabalhando e a chave da casa. Ele queria dormir junto, mas eu não quis. Ele me respeitou, mas no dia seguinte, disse que se fossemos viver junto tinha que dormir na mesma cama, pois todo mundo ia falar mesmo. Eu não queria, mas, foi assim. Eu me sentia mal. Só fui ter prazer depois do nascimento do meu filho. Ele foi bom até eu ter filho. Depois não queria me dar nada e não deixava trabalhar.

A minha mãe tinha uma casa de santo. Casa de Saravá.

Fui trabalhar fora, depois que meus filhos tinham nascido.

Fui muito feliz no trabalho. Meu Deus era o trabalho. Era respeitada, comprava o que eu queria, construí minha casa e mais outra para os meus filhos. Meu marido não ajudava, mas não precisava. Me apaixonei pelo meu chefe. Ele era muito bom. Nunca tivemos nada. Uma

vez marcamos um encontro, mas eu não fui. Meu sonho é me apaixonar e viver com este homem até o fim da vida.

Há 5 anos descobri meu problema dos rins. Não consegui mais trabalhar. Meu mundo desmoronou.

Fui pra máquina. Me revoltei. Entrei na igreja Quadrangular. Foi bom, mas eu sei que se eu tivesse mais fé, fé mesmo, eu estaria curada. Deus quer que a gente se dê. Eu não faço isto assim. Oro vou ao culto, mas desconfio do povo, do pastor. Acho ruim aquela gente que fica falando, usando roupas cheias de frescura, falando, olhando. Eu sou simples. Eu sei que não devia me preocupar com isto. Devia ter fé. Não ligar, mas isto eu não consigo.

Outro dia fui na Universal. A minha filha vendeu tudo em casa, tv, geladeira, som, cama e outras coisas pra dar este dinheiro. Consegui o que queria, que era ser diaconisa, mas isto ela conseguia em qualquer igreja, sem dar dinheiro.

Ela me levou lá e eu falei com o Pastor. Ele disse que se eu desse 4.000,00 eu me curava. Disse que não tinha. Ele falou 2.000,00 e eu falei que Deus não cobrava pra fazer milagres. Ele falou 1.200,00 e eu disse não então 365,00. Fiquei brava, botei os cachorros e falei que era roubo, que Deus não cobra, que o que vale é a oração. Não acredito em quem pede dinheiro. Nunca dei dinheiro nem fiz trabalhos. Sei que se eu tiver mais fé em Deus eu fico curada.

Agora estou fazendo hemo em casa. É aquela da barriga. São 9 horas ligada. No princípio me revoltei muito. Ficava muito mal. Daí o psicólogo da associação me mandou ouvir um som calmo, podia ser até música de igreja e me acalmar. Fiz as pazes com meu corpo. Peguei aquela bactéria que dá coceira. Passo creme e converso com Deus. Os meus filhos perguntam com quem estou falando. Digo que é com o meu Deus. A respostas vem em idéias. Penso que outro modo posso lidar com as coisas. Agora estou preocupada com as manchas roxas que apareceram no corpo. Não sei o que é. Tenho que ir ao médico.

Descobri meu corpo, passando creme para as coceiras. Agora não preciso mais música. Passo creme e falo com Deus.

Quando eu for fazer o transplante eu sei que vai ser bom. Já pedi a Deus que dê tudo certo. Daí eu vou ser feliz. Quero ter amor. Nunca ameí e vivi com este amor. Daí vai dar.

Eu vou fazer cirurgia da garganta. São nódulos. Não é câncer. Se faltar alguma coisa pode me perguntar. Eu já te conheço há muito tempo e gosto de ti.

Me esqueci de contar. O meu pai verdadeiro me deixou uma herança. Bastante terra, plantação e gado, mas a minha mãe recusou. Eu tava de cabeça feita e não aceitei.

Eu sei que está lá. Qualquer dia eu penso. Eu conheci meu pai com 14 anos, mas não quis saber dele. Ouvi minha mãe.

E.08. Meu nome é Cristina, tenho 32 anos, sou casada e não tenho filhos, infelizmente.

Meus pais nasceram na colônia e viveram como agricultores durante muito tempo.

Ambos vem de famílias numerosas.

Meu pai era um homem muito bonito, mas muito mau. Minha mãe uma mulher trabalhadora, mas muito submissa.

Meus avós e pais eram católicos, mas nunca praticaram, nem nos ensinaram nada.

O pai bebia, porque era artista. Tocava nos bailes. Sempre teve muitas mulheres atrás dele. Ele desaparecia de casa por mais de uma semana e depois voltava como se nada tivesse acontecido. Batia em todos nós e na minha mãe também. Espancava e falava que ela traia ele. Nos proibia

de sair. Muitas vezes tivemos que dormir na rua com medo que ele nos matasse. Além disto tinha os maridos das mulheres que ele saía. Vivia jurado de morte, mas não dava em nada.

Nós somos oito filhos. Quando eu tinha cinco anos já cozinhava e cuidava dos meus irmãos, enquanto minha mãe estava na roça. Era só ela que trabalhava.

Entre no colégio tarde, pois meu pai não queria que eu fosse. Então tive que esperar que meu irmão fizesse seis anos pra ir junto. Ninguém nos ajudava, pois minha mãe era analfabeta e o meu pai, sabe como era, né?

Fiz só até a quarta série, porque ele não deixou mais. Fez uma brigaçada e me tirou da escola. Disse que eu tinha que ajudar a minha mãe.

A minha infância foi triste. Pouco brinquei. Não sabia o que era festa. Me lembro apenas de um natal que teve distribuição de brinquedos, na igreja. Foi lindo! Ganhei uma boneca.

Quando eu tinha nove anos, mudamos de cidade. Uma das amantes de meu pai arrumou uma casa pra nós, aqui perto de Caxias.

Mudamos. No começo foi ruim, porque o marido dela descobriu e queria matar meu pai, mas logo as coisas se acalmaram.

Pouco tempo depois comecei a ter febre muito alta. Minha mãe me deu chá, me levou pra benzer, mas meu pai não queria que eu fosse ao médico.

Os vizinhos é que interferiam e me levaram. Foi quando descobriram o problema nos rins. Fiquei dois meses na UTI. Tinha muita saudade da minha família e neste tempo todo só me visitaram uma vez.

Eu adorava o hospital. Lá tinha comida, brinquedo e sempre gente me dando atenção.

Foi ali que conheci a Palavra. O Pastor vinha todo dia orar. Quando sai de lá comecei a frequentar a Igreja Adventista e nunca, mas parei.

To na máquina, mas Deus vela por mim. Deus é tudo.

Tenho muita fé em Deus e na Bíblia, tanto que nem quero fazer o transplante.

Deus é meu pai. Compreende, ajuda e salva. To ensinando pra minha família a Palavra, pois depois que encontrei Jesus melhorou, sou feliz. Ele salva.

Encontrei meu marido que é um bom homem, temente a Deus. Nossa única tristeza é não ter filhos, mas Deus sabe o que faz.

Acho que estou bem por causa de Deus. Fiz orações e imposição das mãos.

O medo de morrer me aproximou de Deus.

Eu falo da Palavra com todos e sempre. A gente deve levar a Palavra e orar com as pessoas.

E.09. Meu nome é José tenho 48 anos, sou solteiro, técnico em informática, solteiro e tenho uma filha e um neto.

Meus pais moravam no nordeste e ambos vem de famílias numerosas. O pai tinha oito irmãos e a mãe sete.

Ele era militar, viajava muito e eu sentia muita saudade dele. A minha infância, nesta parte foi difícil.

A gente morava em Salvador. Tenho uma irmã, mas a gente não se criou junto.

A minha mãe sempre foi nervosa, tem até uma doença, mas não sei o nome.

A gente comemorava fim de ano, natais e aniversários, as festas eram boas. No resto eu me virava sozinho.

Meus pais eram católicos, mas não praticavam.

Tive uma filha de uma relação e tenho uma neta. To fora de casamento.

Não sou muito feliz com as minhas escolhas.

O que me alegra é a sinceridade das pessoas a minha volta e o que me assusta é a falsidade, sem dúvida alguma.

Quando estou assustado oro e o que me ajuda é minha fé irredutível em Deus.

Acredito em Nossa Senhora Aparecida e sou católico.

Eu sou teimoso, embora dê tudo errado me recuso a perder a fé. Sempre fui assim, desde que tomei consciência da importância da fé, no entanto se acentuou após um fato ocorrido. Foi após a morte de meu pai.

Pertenci sempre a mesma igreja. Converso sobre religião com poucas pessoas. As da minha faixa etária, próximas, não há problemas, pois temos idéias parecidas. Com as crianças me dou muito bem.

Nunca recorri a minha igreja.

Nunca pensei em uma cara para Deus, mas ele tem um papel importante na minha vida.

Esta, com certeza, seria diferente se eu não acreditasse Nele.

E.10. Eu me chamo Vera, tenho 52 anos, sou aposentada, casada e tenho três filhos adolescentes.

Meus pais são de Flores e viveram lá os primeiros 17 anos do casamento. Depois mudaram para Caxias para a gente estudar e trabalhar.

Meu pai era barbeiro, muito afetivo e minha mãe foi costureira até casar. Ela era mais distante de nós. Deixou tudo para casas e cuidar da casa e dos filhos.

Eles sempre foram muito católicos. Há muitos padres e freiras em nossa família. Praticavam tudo. Era Deus tudo pode e se resolve qualquer coisa com oração.

Eles tiveram cinco filhos. Eu sou a segunda.

A minha infância foi muito boa. Festejavam tudo e sempre tinha presente. Tinha papai Noel e tudo, no natal.

Nos domingos visitávamos nossos avós. Íamos brincar no mato com meus primos e roubávamos pêssegos dos padres.

A única coisa ruim era rezar o terço. Tinha que rezar toda noite e eu detestava. Não rezo, por nada, até hoje.

Fui pra escola no tempo certo e aos oito anos resolvi ir para o internato. Tinha uma tia que era freira e era a diretora da escola. Era em Fazenda Souza.

Pedi tanto que deixaram. Era horrível. Passei até fome. O pai levava comida e elas não me davam comiam tudo. A gente roubava batata, cenoura, e outras coisas da horta. Pedi pro pai não levar mais, mas não contei porque. Assim foi até terminar o primário. Voltei pra escola da minha cidade.

Naquele tempo se curava tudo com chás ou se ia ao farmacêutico. Só fui uma vez ao médico, porque estava com a uréia alta.

Eu casei super apaixonada, mas brigava muito, pois morava com minha sogra. Tive três filhos. Uma até foi princesa da festa da uva.

Quando descobri o câncer me separei do meu marido. Ele ficou muito longe de mim. Não me apoiava, nada. Ficamos quase dois anos separados. Agora voltei.

Estou muito revoltada. Há cinco anos descobri que tinha rins policísticos e que tinha que cuidar, pois eles podiam parar de funcionar.

Logo depois descobri o câncer. Foi na mama. Deu primeiro numa e depois noutra. Fiz químio e rádio. Está tudo sob controle. Mas, depois descobri que tinha que ir pra máquina. Fazer hemo. É horrível.

No momento nada me deixa alegre. Estou triste com toda esta situação. Quero me separar, quero recasar, estou doente, não sei o que fazer com os filhos, pois eles não entendem, enfim, tudo me irrita.

Eu nasci católica. Agora estou decepcionada. Minha mãe diz que se eu rezar eu fico boa. Que nada! Estou indo ao centro espírita

Acho que agora a minha fé é a esperança. Tenho que acreditar. Estou cansada e revoltada.

Eu já acreditei mais, mas não deu em nada. Quando eu era criança tinha fé cega, pois tinha muito padre, freira na família. Na adolescência mais ou menos igual.

Agora estou desiludida. Já procurei várias coisas, mas não tenho muita resposta, aliás, nenhuma.

Já passei por vários estágios na minha fé. Depois que tive câncer me distanciei. Agora estou tentando me aproximar, isto depois que eu estou na máquina.

Interessante este negócio de conversar. As pessoas mais velhas dizem que é só rezar. Tentam me convencer que Deus resolve tudo. É só rezar. A minha filha diz que a resposta está no espiritismo, então eu tento. Estou fazendo regressão, reiki, apometria, passe, terapia, novena, cirurgia astral, novena. Tenho santinhos e sou muito devota de N.Sra. De Fátima e Santo Antônio.

Uma vez tentei ajuda da igreja católica, mas não tive resposta. Tive câncer e estou na máquina. O meu Deus é um homem idoso. Aquele que vem das nuvens, poderoso, extremamente bom e misericordioso.

O papel dele na minha vida é importante. A fé é a base. Preciso rezar bastante para me fortalecer e passar este momento difícil.

Eu preciso Dele, dos amigos, do tratamento e da minha força de vontade.

Agora eu vou ter um momento de fé. Durante o câ me revoltei, mas já estou voltando, indo mais pra dentro de mim.

E.11. Eu me chamo Carolina, tenho 22 anos, sou estudante, solteira e sem filhos.

Meus pais são pessoas maravilhosas, muito batalhadoras, pais muito presentes. Um casal que compartilha os momentos faz muitas coisas juntos e conversam muito entre eles e conosco. São excelentes pessoas que procuram ajudar os outros. Minha mãe é uma artista e meu pai um estudante eterno. Estão sempre procurando coisas novas e nos incluindo nas suas viagens e suas vivências. São pessoas que dão muito valor à família, para o ficar junto, dividir experiências e estão sempre conversando conosco sobre tudo. São pessoas abertas ao diálogo que curtem muitas coisas conosco, como, por exemplo, gosto musical, teatro, cinema, jantares com amigos, etc.

Meu pai pertence a uma família numerosa e têm cinco irmãos e minha mãe duas irmãs.

Meu pai sempre morou em Caxias. Minha mãe em Caxias, depois foi para Sta Catarina e depois da separação de meus avós voltou para Caxias. Tiveram uma infância divertida, com brincadeiras na rua, praças e parques, pois moravam em apartamento.

Minha avó paterna é católica, praticante e meu avô era protestante. Os outros são católicos. O meu avô, agora é espírita, também. (materno)

Tanto meu pai como minha mãe sempre foram muito saudáveis. Ambos fazem exercício físico, cuidam da alimentação e fazem exames médicos periodicamente.

Meu pai é psiquiatra e minha mãe psicóloga.

Eu estou com 22 anos, tenho um irmão com 25 e uma irmã com 16.

Da minha infância recordo dos passeios com minha tia a Porto Alegre, das brincadeiras do jardim de minha casa... Fui uma criança muito feliz que adorava brincar com adultos. Minhas brincadeiras marcantes foram casinha, escolinha, com os carrinhos do meu irmão, castelos de areia, descobertas no computador, barbie, etc.

Lembro dos meus pais serem muito brincalhões, principalmente meu pai. Da criatividade de meu pai nas festas de natal e das incansáveis surpresas da minha mãe nos aniversários, nos presentes de natal. Eles nos estimularam muito a fantasia, a criatividade, nos oportunizaram as mais diversas vivências, viagens, etc.

Eu gostava de brincar, quando era criança de casinha, barbie, escolinha, castelo de areia, vender coisas, jogar vídeo game com meu irmão, de esconder.

As festas eram as mais especiais e maravilhosas possíveis, repletas de magia e encanto. A decoração era perfeita, a comida deliciosa feita por todos, toda família reunida... Quando éramos pequenos a festa de natal era na casa de meus avós paternos e depois passou a ser na minha casa... A expectativa quanto aos presentes, a chegada do papai Noel era enorme. Sempre vou lembrar dos meus pais preparando as mais incríveis surpresas... Foi muito bom!

Aniversários, não recordo muito... Mas as fotos mostram festas mais incríveis possíveis. Meu pai fazia muitos painéis e minha mãe docinhos, como eram bons... Que saudades!!!! Eram muitos amigos, toda família, muitas brincadeiras e diversão. Meus pais foram perfeitos, sempre fizeram as festas mais incríveis do mundo... Meus quinze anos foram de princesa, bem a cara de nossa família e muito especial. A minha família sempre fez tudo junto e deixou tudo perfeito.

Todos nós gostamos de viagens, passeios, cinema, teatro... Acho que gostamos e fazemos bem tudo. Sempre fomos e ainda somos uma família muito unida que adora jantar junto, se pudéssemos almoçar durante a semana, melhor ainda...

Eu fico triste quando brigamos e a comunicação fica complicada por alguma coisa e quando um de nós não está bem.

Quando entrei na escola sempre chorava muito. Tive dificuldades durante toda a minha vida escolar, sempre pegava recuperação e me sentia muito sozinha na escola. Meus pais, neste aspecto também foram participativos ajudando com métodos mirabolantes para estudar, procurando sempre ser acolhedores e compreensivos. Nas tarefas mais difíceis sempre tive ajuda, sempre! Proporcionaram-me aulas particulares, carinho, participavam de teatros, eventos na escola, etc. Porém troquei muito de escola ao longo de minha vida escolar e isso foi um pouco estranho. Nunca cobraram resultados muito altos, apenas queriam nos ver felizes e dedicados.

Quando a gente ficava doente prestavam toda assistência, nos levando ao médico. Nos deixavam dormir na sua cama durante o dia e recordo que tomávamos muito guaraná, ganhávamos bombons. Foram pais tranquilos neste sentido. Lembro que quando quebrávamos alguma coisa, meu pai sempre achava que não era nada e minha mãe já nos levava para colocar gesso ou fazer o que precisava, sempre foi assim. Os dois foram muito legais. Uma vez fiquei com bugre e fui me benzer, mas normalmente procurávamos a via médica. E benção de padre às vezes recebemos, também, mas priorizamos a via médica.

Atualmente estou estudando psicologia, vivo com meus pais e irmãos. Meu irmão está morando em Porto Alegre, cursando arquitetura. Tenho muitos amigos, adoro sair e jantares familiares e com amigos. Nós procuramos sempre unir nossos amigos e família. Ainda faço muitas coisas com meus pais e dividimos todas as nossas experiências. Sou bastante afetiva, adoro animais, faço exercícios físicos com meu pai e minha irmã e ainda passo natal, ano novo e aniversários em família. Sou realizada e estou em busca dos meus sonhos e minha família faz tudo para me ajudar, é muito legal. Tenho tudo o que quero e sou uma pessoa muito ligada a minha família, às vezes, considero até demais, mas não tenho coragem de sair de um mundo tão especial.

Realizei alguns sonhos, como concorrer a um importante concurso aqui na minha cidade e tive muito apoio de toda família (avós, tios, primos, etc.), tenho oportunidade de viajar com frequência por lazer com toda família e liberdade para fazer o que tiver vontade com amigos. Sou uma estudante muito dedicada e estou quase me formando e quero seguir psicologia sistêmica, acredito que por influência de minha família.

Me alegro em ver minha família feliz, sair com meus amigos, passar o dia com meus cachorros, Torres... E me assusto quando penso na morte, em perder meus pais, assaltos, ver meus familiares doentes. Quando eu fico com medo, angustiada, rezo. Recebo ajuda, também, de meus pais, da minha psicóloga, meus amigos e irmãos.

Sou católica, espírita...

Tenho fé em Deus. É uma fé, independente de religião, aceito e admiro todas religiões, todas as crenças, porém acho que precisaria estudar mais, me apegar mais a uma religião específica, me faria bem.

Sempre fui assim. Sempre amei e respeitei Deus acima de todas as coisas, mas não tenho uma igreja específica. Sempre tive liberdade para acreditar no que eu quisesse e meus pais foram abertos, pois frequentavam tanto a igreja, templos quanto centro espírita e nos levavam e levam junto.

Agora, estou começando a sentir necessidade de estudar algo mais específico, para lidar com os meus medos.

Converso sobre Deus, com meus pais, tios e sempre saem boas discussões.

Com as pessoas da minha idade falo pouco, embora tenha um grupo de meninas (Bethel) que antes de iniciar nosso encontro pedimos bênção e ao finalizar também. E com mais jovens que eu não falo.

Recorri muito pouco a minha igreja, mas quando precisei o padre veio na minha casa e nos benzeu, foi uma experiência revigorante.

O meu Deus é uma pessoa boa, não teria um rosto, mas me lembra um dia de sol no meio do mato, me recorda um cheirinho bom... É alguém bom, de coração bom e puro!

Ele me guia e conforta nos momentos difíceis, me dá força para ajudar meus queridos quando preciso. Gosto de conversar com Ele durante o dia, conversas sobre assuntos diversos e acredito muito em São Francisco de Assis.

Minha vida seria diferente se eu não tivesse fé. Porque a fé é muito importante, principalmente nos dias de hoje que nos apegamos a poucas coisas e, ter fé pode nos ajudar a superar os mais difíceis obstáculos, as piores dores.

Acredito que a religião está presente em nossos corações, que Deus está em todos os lugares, que não importa qual seja a nossa religião, nosso Deus. O que importa é a fé que temos e quando nos apegamos a ela de forma saudável, sem nos autodestruir. Acredito que minha fé me

ajudou em muitos momentos, principalmente a ter forças quando minha mãe precisou fazer várias cirurgias e quase se foi. Ela é capaz de mover montanhas e meu Deus, meu São Francisco, meus anjinhos da guarda estão sempre por perto.

E.12. Meu nome é Manuela, tenho 40 anos, sou divorciada e tenho dois filhos adolescentes. Meus pais são do interior do Rio Grande do Sul, ambos de famílias numerosas. Meu pai tem treze irmãos e minha mãe nove.

Casaram-se e vieram morar em Porto Alegre.

Sempre foram muito afetivos com os filhos. Meu pai é o responsável pelas finanças e trabalha como representante comercial e minha mãe dona de casa.

As diversões deles sempre foram voltadas para família. Encontros no clube, almoços com os amigos, jogos de bocha e carteados, mas sempre envolvendo todos. No início a família de origem, depois os filhos e atualmente filhos e netos.

Minha mãe sempre foi espírita. Frequentava o centro e sempre nos levou com ela. Já meu pai não tinha religião alguma, pelo menos, oficialmente.

Existem, pelo lado de minha mãe, alguns casos de alcoolismo.

Eles tiveram seis filhos.

Minha infância foi tranqüila, como é em toda família tradicionalmente.

Brincávamos de esconder, pular corda, subir em árvores e de pegar.

Todas as datas eram comemoradas, apesar das dificuldades financeiras. A alegria eram as comilanças, onde sempre havia lugar para mais um.

E por incrível que pareça não tenho lembranças ruins da minha infância.

O meu ingresso na escola foi marcado por muita insegurança. Meus pais não tinham estudo algum, portanto tinha que me virar sozinha.

Meus pais eram muito preocupados com a saúde. O pai viajava muito e minha mãe era extremamente cuidadora. O pai sempre saía preocupado, caso algum de nós estivesse doente. As rezas e passes sempre eram usados, pois esta era a crença da família, tanto materna quanto paterna. Isto continua até hoje.

Atualmente estou em uma boa fase. Fase de maturidade. Acredito ter amadurecido com as perdas e crises. É uma época de semear e colher.

Sou feliz com minhas escolhas. Estou em uma fase de completude. Tudo o que faço hoje é porque escolhi de certa forma ou batalhei por isto.

Alegro-me o bem estar familiar, o reconhecimento profissional. Poder fazer cursos, ter muitos, um bom livro, namorar e poder fugir para a praia.

Fico assustada com a instabilidade, não ter certezas do amanhã.

Quando isto acontece faço uso da minha fé. Rezo, medito. Tenho uma boa amiga que é terapeuta e convive comigo há mais de dez anos e me socorre, quando necessário.

Eu acredito em um Ser superior, em Algo ou Alguém que nos rege, que olha por nós.

Defino minha fé, como fé de ação e reação. Plantas... Colhes. As coisas acontecem na hora certa e por merecimento. Mas minha fé nem sempre foi assim. Houve época que não existiu. Precisei ter perdas para reencontrá-la.

Na infância era cega e acreditava em tudo o que a igreja dizia, ou seja, em tudo o que o espiritismo dizia. Não contestava ou tentava compreender. Diria que minha fé era robotizada.

Na adolescência, fase de revoltas, de contestações de falta de fé mesmo.

E agora retorno a minha caminhada. Busco várias alternativas diferentes, ex: seichonoiê... Retornei ao espiritismo, mas não a religiosidade cega que me tolhe e faz aceitar coisas sem sentido para a nossa época atual.

O meu divórcio, o peso da responsabilidade com os filhos, minha escolha profissional, tudo isto fez com que fizesse me relacionar melhor com Deus ou com o Ser superior. Aquele que acredito que nos rege.

Este período de tristeza, lacunas vazias, do não saber aonde ir fizeram que ampliasse minha espiritualidade.

Eu andei por várias igrejas a procura de respostas, mas retornei de onde parti, ou seja, o espiritismo.

Na minha família temos bastante abertura para falar sobre espiritualidade. Todos têm fé e são respeitosos ninguém contesta.

Com os meus contemporâneos não há dificuldade, pois há uma troca natural, comungamos das mesmas certezas e dúvidas.

Iniciei meus filhos no caminho da fé. Sempre os levo. Os dois escolheram o catolicismo e estão fazendo sua caminhada. Eu os respeito e acompanho.

Eu recorro ao centro nos momentos de dor, em momentos de agradecimento e para levar alguém que necessite de ajuda. Sempre sou bem recebida, diria que é a minha segunda casa.

O meu Deus tem cara de amparo, de amor incondicional. Ele é a minha sustentação e é a fé que move a minha vida.

Se eu não acreditasse em Deus, acredito que me sentiria desampara nos momentos difíceis.

Sempre que duvidei, sempre que pensei em abandonar minha fé, Ele deu sinais de que não estava sozinha e não poderia fraquejar, ou não precisava fraquejar.

E.13. Eu sou o Paulo, tenho 51 anos, sou terapeuta, solteiro e tenho três filhos.

Meu pai veio da Suíça, como imigrante e desembarcou em Santos. Lá não se sentiu bem acolhido e viajou para Curitiba. Gostou e se instalou lá. Conheceu minha mãe em uma festa da colônia alemã.

Começaram a vida consertando panelas, afiando facas e logo compraram uma propriedade no centro de Curitiba. Lá instalaram uma loja de venda de utensílios domésticos além de uma fábrica de produtos de folha e aço inox.

Prosperaram e compraram um edifício, onde passaram a morar e alugaram os demais apartamentos.

Não preciso dizer que me orgulho muito deles.

Meu pai tem sete irmãos e minha mãe duas.

Naquela época o divertimento eram os bailes em galpões. Ambos gostavam muito de dançar e continuam gostando.

Os dois, como quase todos os europeus, são evangélicos luteranos, assim como toda a família de origem.

Existe apenas um caso de alcoolismo na família. É um irmão de meu pai.

Meus pais tiveram dois filhos. Eu e minha irmã.

Nossa infância foi muito boa, ótima, mesmo. Brincávamos de caçador, pular corda, pião, futebol, burrico, etc.

Nossas festas, em geral, eram animadas com amigos, parentes, mas os natais apenas com os familiares.

A alegria da família eram as viagens para visitar os familiares. Muitos preparativos, tudo muito alegre. E a tristeza ficava por conta das lembranças do início da vida deles, do trabalho e dureza daqueles tempos.

Ingressei na escola no tempo certo e sem grandes problemas. Fui para um grupo escolar e dificilmente precisava de ajuda nas tarefas, me virava sozinho.

Quando adoecíamos eram utilizados os remédios caseiros. Não me lembro de ter ido a alguma benzedeira. Meus pais não eram destas coisas.

Atualmente minha vida é muito boa. Vivo com alegria, respeitando e tentando ajudar o próximo. Posso dizer que sou feliz com minhas escolhas.

Fico contente em ver a alegria no rosto das pessoas e a violência atual, a falta de controle desta situação me assusta.

Quando tenho medo penso, analiso o porque da situação e em muitas vezes oro. Não tenho o costume de pedir ajuda, eu mesmo me socorro.

Eu tenho fé em Deus. Minha fé parte do princípio de que merecemos tudo o que recebemos, seja bom seja ruim, dependendo dos gestos praticados anteriormente.

Este é um pensamento que surgiu com a maturidade.

Na minha infância era comum ter o pensamento religioso voltado para todo um grupo, minha escola tinha como base religiosa o protestantismo, portanto, todos ou pelo menos a maioria seguia essa religião por falta de opção, por não conhecer, praticamente outras.

Na adolescência era comum a indagação de religiões, então eu, passei a freqüentar diversas religiões e as chamadas seitas.

Agora, sendo adulto, filtra-se tudo que aprendemos sobre religião e decide-se de que forma agir perante ela. Sigo a IECLB, doutrina que mais me identificou.

Nunca houve algo que fizesse que eu modificasse minha percepção de Deus. As coisas foram acontecendo naturalmente, na medida em que amadurecia.

Consigo falar com meus familiares sobre religião. Não existem muitas divergências. Já com os da minha faixa etária é mais difícil, diria pior. Isto é em consequência de todos já terem assumido determinadas religiões, então há conflitos com os diferentes dogmas. Para meus filhos, sobrinhos, procuro passar o que aprendi.

Não lembro de alguma vez ter recorrido a minha igreja. Acredito que não.

Meu Deus, especificamente tem cara de uma pessoa atual, não aquele repressor que castiga fisicamente quem erra, porque quando erramos nós mesmos nos castigamos através de reações que estes erros darão.

Atualmente, Deus tem um papel atuante em minha vida. Todo dia penso e oro a Ele agradecendo tudo o que me acontece, seja bom seja ruim, porque aprendemos muito com as coisas ruins, também.

Certamente, se não acreditasse em Deus, não teria tanta confiança como tenho.

Não acredito que uma pessoa seja realmente feliz e confiante se não tem um exemplo para seguir. Deus e Jesus foram os maiores personagens que pisaram essa terra em todos os tempos.

E.14. Meu nome é Lucas, tenho 39 anos, sou técnico em comunicação visual, casado e pai de uma menina pequena.

Meus pais eram pessoas muito preocupadas com a família.

Meu trabalhou como bancário até conseguir dinheiro para comprar uma chácara no interior de Caxias. Este era seu sonho.

Sempre foi muito trabalhador, preocupado em não deixar faltar nada para sua esposa e filhos. Entretanto, sempre teve dificuldades em demonstrar afeto.

Minha mãe era uma mulher carinhosa, prestativa e sempre fez tudo pelos filhos.

Quando éramos pequenos, eu e minha irmã, que é dois anos mais nova que eu, a mãe era só dona de casa. Depois virou professora de pintura e artesanã. Meu pai depois da compra da chácara foi ser vendedor e é até hoje.

A mãe era católica, assim como seus pais e ia sempre à missa. Nós sempre íamos juntos. Meu pai, não. Ele diz que estudou em colégio de padres e foi muita missa. Missas para a vida inteira, então não precisa ir mais.

A família do meu pai foi católica, espírita e depois virou evangélica.

Minha mãe morreu há dois anos, após quatro meses de ter descoberto um câncer.

Meu pai gosta de uns aperitivos, mas quando toma... Isto é rotineiro.

Nós nos mudamos para a chácara quando eu tinha nove anos. Foi difícil, no início e isto me marcou muito. Havia preconceito por eu não ser da comunidade. Não estávamos acostumados com a vida na colônia, mas no fim deu tudo certo.

Depois de me acostumar ficou divertido. Brincávamos de corda, balanço, bicicleta, bola. Fazíamos brinquedos com os mais variados materiais e não havia perigo algum.

Nas festas de aniversário sempre havia comida especial, torta, nada de muito requinte, mas as datas eram sempre lembradas.

As férias eram na praia, todos juntos, em clima de muita união.

No começo, da minha vida escolar, não lembro bem, mas recordo que tinha muito medo de ficar na escola. Depois quando nos mudamos para a colônia, tudo era estranho. Todas séries na mesma sala e uma só professora

Meus pais sempre priorizaram a nossa saúde. Davam um jeito para resolver prontamente qualquer problema.

Lembro que íamos à benzedeira sempre que o problema era de pele ou quebrados e torções.

Minha vida, atualmente, em relação a minha esposa e filha é muito boa. Estamos felizes. Tenho trabalho, saúde, ânimo, nem sempre, mas daí procuro ajuda na terapia e na medicação.

Estou fazendo tratamento psicopedagógico para me organizar melhor e estou melhorando.

Percebo que tenho melhorado em minhas escolhas, mas já errei.

Alegro-me quando vejo os outros ao meu redor felizes. Minha filha me alegra muito – é um doce. Ver minha vida ficando ordenada, minha esposa, tudo isto me trás alegrias.

O que me assusta é a depressão. Quando ela chega fico apavorado. Fecho-me como uma concha, mas acabo buscando ajuda com minha terapeuta e minha esposa. A possibilidade de não ter trabalho, também me trás medo.

Eu acredito numa força muito grande que é o poder de Cristo e na reencarnação.

Sou muito aberto em relação à minha fé, mas não me atiro em crenças sem um pouco de segurança. Mas acredito que o bem só trás o bem.

Claro, que com o passar do tempo, dos anos, me tornou mais maduro espiritualmente.

Quando eu era criança acompanhava minha mãe na igreja, inclusive cantávamos no coral. Fui coroinha, mas não acreditava muito no ritual católico.

Na adolescência, raramente ia à missa. Comecei a ter contato com crenças alternativas, espiritismo, hare krishna, etc.

Agora, eu tenho uma filha. Acho importante que ela tenha contato com a igreja, embora ela tenha que fazer sua escolha, quando chegar à hora. Então levo ela, algumas vezes na missa. Eu continuo tendo minha crença interna em Deus.

Agora, o que gosto mesmo, é de ir ao centro espírita. Assistir palestra, tomar passe de energia. Eu acredito que as coisas acontecem quando tem que acontecer. Na minha vida não houve acontecimento que fizesse que eu modificasse minha fé. Tudo acontece quando tem que acontecer.

Conversamos, em família, sobre religiosidade. Existem diferenças, mas há respeito.

Com meus amigos há maior facilidade, pois além de sermos mais próximos há maior afinidade, inclusive nas questões espirituais.

Com as crianças é tranqüilo. Como já falei, levamos minha filha à missa para que tenha contato com a religião e já foi com a gente no centro espírita.

Já recorri ao centro espírita em momentos especiais, de crise. Fui bem recebido. Sempre me sinto tranqüilo em lugares com ligação com o meu interior. Lugares que facilitam está ligação.

O meu Deus é uma fonte de muita paz e equilíbrio. Está sempre presente na minha vida, eu pensando ou não Nele. Ele é como o ar.

Acredito que tenha criado barreiras em relação à espiritualidade, isto porque não gosto quando as pessoas tentam impor uma forma de acreditar e agir em relação a Deus.

E.15. Meu nome é Patrícia, tenho 31 anos, sou casada e ainda não tenho filhos.

Meus pais são dois batalhadores. Meu pai desde pequeno trabalhou para ajudar sua mãe, pois não tinha pai em casa. Era muito carente e rolava de um lado a outro pedindo atenção. Vendia rapaduras e verduras de balaio, no centro. Minha mãe trabalhava na roça e veio do interior de Nova Bréscia tentar a vida aqui.

Ambos vem de família numerosa. Minha mãe tem dez irmãos e meu pai nove.

A família de meu pai sempre gostou de mudanças. Até hoje não pararam de mudar.

Meu pai trabalhou em tudo. Fez de tudo. Depois do balaio, passou a Office boy, depois corretor de imóveis, teve armazém, depois um ferro velho, alguns trambiques de carro e finalmente acessórios de carro.

Minha mãe foi professora no interior. Quando veio para Porto Alegre, foi morar com meu pai, engravidou e virou dona de casa.

Tinham pouco dinheiro e divertiam-se visitando a família, quando dava.

Eles são católicos, mas apenas minha mãe é praticante. Parte da família do meu pai era espírita, mas ele nunca freqüentou.

Alguns dos irmãos da minha mãe, que moram lá fora, tem problemas com álcool. Um deles chegou a ser internado e mais tarde morreu de câncer na língua. O outro bebe, também, mas nunca incomodou. Uma das minhas tias fez tentativa de suicídio, mas se tratou e se curou.

Eu tenho três irmãos. Dois são do primeiro casamento do meu pai.

Tenho boas lembranças da minha infância. Lembro da escola, dos amigos, as brincadeiras, a boa vida do meio turno sem fazer nada, ou seja, da falta de responsabilidade. Adorava subir em árvores, brincar de casinha, de stop, mandrake, de pegar, de esconder, de desenhar.

Lembro das festas. Sempre tive festas, mesmo sendo pobre, afinal não dizem que são os pobres que tem as melhores festas? Sou do tempo que as garrafinhas tinham enfeites, dos chapeuzinhos.

A minha família fazia almoços nos finais de semana que eram muito bons. E era muito triste a lembrança do tempo que era pior ainda, a queixa da distância que havia entre cada um de nós. Eu fui alfabetizada em casa, pela minha mãe. Não fiz pré, nem jardim, entrei direto na primeira. Minha mãe e minhas primas me ajudavam nas tarefas.

Quando ficávamos doentes, meus pais corriam para o hospital, independente da gravidade.

Meu avô, emprestado, era cego e benzia. Benzia, mesmo que não tivéssemos nada. Sempre que visitávamos minha avó paterna, ele nos benzia.

Atualmente minha vida é normal. Estou num processo de turbulência com meu irmão e minha cunhada. Ele em estado de stress, não sei porque, me soltando as patas e ela botando pilha. Ela sabe que é indesejada.

Eu sou psicóloga, mas trabalho no comércio e estou casada há 1 ano e 8 meses.

Acho que sou feliz em minhas escolhas, porém tem escolhas que tenho medo de fazer, como, por exemplo, ter filhos, seguir minha profissão, deixar de trabalhar na loja de meu pai.

Sinto-me alegre numa roda de chimarrão, com muita risada e deboche! Com as pessoas que gosto, é claro, de preferência da minha família.

Tenho muito medo da doença, da perda da morte. Neste momento peço colo e rezo. É o colo da minha mãe e do meu marido e também de Deus.

Eu tenho fé em Deus e em alguns santos.

Acredito que devido a minha insegurança enquanto pessoa, às vezes, acho que minha fé também é meio duvidosa, que não vou ser ouvida.

Eu sempre fui assim. Quando era pequena e na adolescência ia à fé de minha mãe e agora tenho minha própria fé, mas é meio duvidosa. Duvidosa porque acho que Deus não vai acreditar.

O evento que fez com que eu mudasse minha relação com Deus foi a doença dos meus tios e avós. Pode parecer bobagem, mas houve também a doença do meu cachorro. Ele ficou diabético. Nesta época lembrei que tinha um Deus e voltei a praticar a religião católica. Comecei a me sentir muito bem, inclusive melhorei o relacionamento com algumas pessoas. Outra coisa que me tocou muito foi quando fiz o ROTA, senti Deus muito próximo de mim. Posso dizer que foi o melhor fim de semana da minha vida! Senti muita paz, saí purificada daquele lugar, sentido muita paz interior e valorizando muita coisa.

Sempre fui católica.

Converso com pais, tios, amigos e não tem problemas, pois pensamos de forma semelhante.

Tenho seis sobrinhos e uma sobrinha neta, filhos do meu irmão, que é filho só do meu pai. Estes são católicos. Os da irmã dele, não freqüentam nada. A menor é espírita, mas quer fazer a comunhão, pois seus colegas vão fazer.

Nunca busquei ajuda na minha igreja.

Meu Deus tem cara de anjo e sua função é me proteger e guiar.

Penso que minha vida seria diferente se não acreditasse em Deus, pois ele nunca falhou comigo, na medida do possível.

Sempre que faço uma oração com fé, recebo respostas com acontecimentos ou nos meus sonhos.

E.16. Bom, o meu nome é Ricardo, sou comerciante, tenho 29 anos e sou solteiro. Não tenho filhos.

Meus pais sempre foram muito trabalhadores, vieram, os dois, de famílias pobres e lutaram muito para conseguir crescer e criar uma família com muito caráter e honestidade.

Minha mãe é de Taquara e meu pai de Porto Alegre. A família de minha mãe sempre mudou muito, mas dentro de Taquara e a do meu pai sempre morou no mesmo lugar.

O pai começou como artesão e depois montou a empresa e minha mãe sempre foi dona de casa, mas ajudou meu pai em tudo.

Eles raramente saíam e quando faziam era para visitar parentes.

Minha mãe é espírita e o um pai acho que não é nada.

Eu tenho mais dois irmãos vivos e uma irmã que faleceu de câncer.

Sou o filho mais velho e a Maria tinha quatro anos a menos que eu e brigávamos muito, mas nada além do normal. Minha infância foi em Igrejinha, em um lugar com muito mato e verde e a maior parte das brincadeiras, quando não era jogar futebol, girava em torno dos matos, subir em figueiras. Tenho quase só lembranças boas da minha infância, apesar de ter me distanciado bastante das amizades daquela época.

Nós brincávamos muito de polícia e bandido, peão, bolita, rolar pneu, andar de bicicleta e jogar futebol. Bons tempos.

Comemorávamos todas as datas, aniversário, natais e as festas eram sempre na casa de minha avó paterna, em família e meu avô resmungando. Interessante, pois apesar de ser resmungão é dele que tenho mais saudade. Fomos muito agarrados e eu senti muito quando ele morreu.

Eu não tive problemas para ingressar na escola. Foi normal e sempre dei conta das tarefas sozinho.

Minha mãe sempre foi muito zelosa. Quando adoecíamos, fazia as coisas maiores do que realmente eram. Já o pai não falava nada, mas ficava muito nervoso. Quando descobriram a doença da Maria foi muito triste, pois foi tudo muito rápido.

Minha vida, no momento está bem. Sou bem sucedido no meu trabalho, gosto do que faço, tenho o lazer que gosto, mas ainda me falta a companhia para dividir essas coisas. Sou feliz com minha vida, às vezes me pergunto se tivesse feito escolhas diferentes se eu seria mais feliz, mas isto não dá para saber, né? Sou feliz, sim, com minhas escolhas.

A felicidade dos outros me alegra muito. Conquistaras coisas com o meu próprio suor, poder ajudar, ser bem sucedido no que faço e principalmente estar bem comigo mesmo, isto tudo me alegra.

Mas tenho medo do futuro. Quando este medo aparece, me fecho, penso, analiso, às vezes levo para a terapia a dúvida e aí sigo adiante ou não. Quase sempre resolvo os problemas sozinho. Agora que comecei a me tratar, às vezes levo para a terapia.

Eu acredito em Deus e em fazer o bem.

Minha fé consiste em fazer o bem, agindo sempre com honestidade, respeito com os outros, não fazendo para os outros nada que não gostaria que fizessem para mim. Eu sempre pensei assim, desde pequeno.

Não gosto de igreja, não gosto de nada imposto.

Eu sempre discuti muito as coisas impostas, como a Bíblia, ou algumas partes dela, não aceitava e não aceito, mas em relação à Deus sempre tive o mesmo pensamento.

Já na adolescência, época de afirmação de identidade e de muita influência dos amigos, mas me mantive com os mesmos preceitos.

Atualmente, cada vez mais entendo o quanto é bom ser uma pessoa boa, honesta, sem segundas intenções.

Dentro da minha família, quase todos pensamos da mesma maneira, apenas alguns são mais espíritas, mas também não divergem, pois o bem é universal.

Difícilmente comento sobre Deus e religião com pessoas da minha faixa etária. Tenho alguns conflitos com minha namorada que é de uma religião com muitas restrições, mas vamos levando.

Para as crianças tento passar um pouco daquilo que penso, mas sem impor nada, sempre muito light, pois não faço aos outros o que não quero para mim. Para mim Deus está dentro de cada um e nunca pensei em Deus como uma pessoa.

A presença dele em minha vida é fundamental, pois tudo o que faço, penso se isso é certo realmente.

Acho que minha vida seria diferente se não acreditasse em Deus, não tenho certeza que seria diferente.

E.17. Eu sou a Joana. Tenho 41 anos, sou psicóloga, casada e tenho um filho púbere.

Meus pais eram pessoas simples, amáveis, protetoras, que dedicaram sua vida ao trabalho e a família, Família com letra maiúscula.

Minha mãe era filha única e meu pai teve apenas uma irmã.

Moravam no interior e sempre em casas.

Meu pai era jogador de futebol e funcionário público e minha mãe, também funcionária pública.

Sempre gostaram de se divertir. Iam a bailes, parques, jantares e reuniões com amigos.

Não seguiram a religião de seus pais. Minha mãe foi católica, espírita, evangélica e meu pai sempre católico.

Existem alguns casos de alcoolismo na minha família.

Nós somos quatro filhos, sendo eu a única mulher.

Quando criança brincava de forte apache, subir em árvores, caçar minhocas, corrida maluca, pegar, esconder, caçador, mas sempre todos juntos.

Íamos todos os sábados no parque da redenção e nos domingos os almoços, em família, eram muito alegres.

A tristeza aparecia nos velórios e despedidas. Perdi meu pai cedo.

O meu ingresso na escola foi tranquilo, muito bom. Quase sempre fazia a tarefa sozinha, mas se precisasse minha mãe me ajudava.

Sempre tivemos contatos com curandeiros, benzedoras, padres e pastores. Minha mãe tanto usava os serviços médicos como espirituais.

Minha vida é boa, normal, com muita correria, mas gratificante. Sou feliz. Gosto de ficar de folga, ir à praia, ver filmes, brincar com os cachorros e crianças.

Tenho medo de adoecer, novamente. Quando o medo aparece faço uma oração e busco apoio com minha família e amigos.

Tenho fé em Deus, Jesus, muita fé. Mas nem sempre foi assim. Quando criança acreditava no que minha mãe dizia, era muito influenciada por ela.

Na adolescência conheci o catolicismo e espiritismo e comecei a questioná-los. Agora acredito em Deus, mas, às vezes não quero mais questionar. Quero acreditar em Deus e seguir lutando para conseguir meus sonhos.

Houve um evento que fez com que eu mudasse minha relação com Deus e com a igreja. A doença de meu filho, quando ele tinha quatro meses. Procurei ajuda na igreja católica e não

encontrei. Fui em uma evangélica e todos, desde o pastor até os outros membros oraram por ele. Foram nos visitar, orar, enfim uma diferença muito grande entre as duas religiões. Mas nesta época me apeguei muito a Deus. Eu, assim como minha mãe, já mudei muito de religião. Mas, sempre procuro a igreja evangélica nos momentos de dor e preocupação e sempre sou muito bem recebida.

Consigo conversar muito bem com meus familiares sobre religião, mas tenho dificuldades de falar com iguais. Há preconceito.

Meu Deus tem a cara de um grande dia de sol, com pássaros, céu azul e mar. É o meu guia. Penso que se não acreditasse Nele minha vida seria diferente.

Acho que é importante dizer que conheci o amor de Deus através do amor e acolhimento das pessoas com quem convivo.

E.18. Chamo-me Matheus, tenho 43 anos, estou reconstruindo meu casamento e tenho dois filhos adolescentes.

Meus pais, ainda os tenho, são um casal simples, pessoas de bem e exemplo como educadores e formadores de opinião.

Meu pai tem quatro irmãos e minha mãe dois.

Nasceram e vivem no mesmo bairro até hoje.

Meu pai é militar reformado e atua na construção civil e minha mãe é dona de casa.

Ambos são católicos apostólicos romanos e seguem a religião de seus pais avós. São muito praticantes.

Minha infância foi muito boa. Tenho ótimas recordações. Eita... Tivemos uma infância muito humilde, mas muito boa. Bolinha carrinho, pique, esconde, cabra cega. Tínhamos horários para ver televisão! À noite, também... Sempre brincando em frente de casa e tínhamos que lavar os pés! Para poder entrar em casa e dormir. Muito legal. Tenho saudades disto.

Das festas tenho ótimas lembranças! Dos aniversários: minha mãe mesmo doente, nunca deixou filho sem bolo... E os natais, tudo de bem, muita fartura, presentes simples, mas tudo muito bom.

Pescávamos todos juntos, pois meu pai sempre gostou muito de pescar, então íamos para o rancho acampar e pescar. Íamos, também, passear em São Paulo. Naquela época não tínhamos, ainda casa na praia, então íamos todos os anos, de excursão numa colônia de férias na praia.

O triste, quando nos reuníamos é o que ainda se repete hoje. A bebida. Bebemos demais e ficamos falando besteiras. Começam as cobranças, coisas que não se tem coragem de dizer sóbrio, de cara limpa se diz quando alcoolizado. Eu odeio isto.

Meu ingresso na escola, putz, foi muito bom, mas faz tanto tempo! Sempre fui ajudado por minha irmã mais velha. Ela gosta muito de fazer isto.

Quando ficávamos doentes, meus pais ficavam mais atentos ainda. Para meu pai nunca existiu o impossível! Ele sempre fez tudo, o possível e impossível por suas crias e por todos que o procuravam.

Tivemos alguns contatos com benzedeiras, para ajudar na cura das coisas simples.

Atualmente minha vida está de cabeça para baixo! Separei! Ainda não consegui me organizar profissionalmente, socialmente e sentimentalmente. O emocional não se perdeu totalmente porque recuperei meus dois filhos e eu e minha ex-esposa estamos tentando recomeçar, só um começo.

Então, meu casamento está aberto e em fase de reconstrução. Depois de tantos erros estamos tentando voltar a viver junto e penso que até no final de dezembro isto vai acontecer.

Estou feliz pelo o que tento fazer agora, mas não pelos muitos erros que cometi.

Minha alegria são meus dois filhos, a possibilidade de encontrar em minha ex-esposa tudo o que procurei e preciso como Homem, com letra grande, e pelos meus pais.

Me assusto com a inveja, o com o modo com que as pessoas me vem! O futuro dos meus dois filhos, também me preocupa e o medo de errar mais uma vez com minha esposa.

Quando o medo aparece, sei lá, mas acho que abro a Bíblia e peço, converso com o meu Deus! Mas também faço algumas besteiras...

Tenho fé, acima de tudo em Deus! E em mim como filho, pois não me vejo como uma pessoa ruim...

Como eu definiria a minha fé? Sinceramente? Ela fortalece nas nossas necessidades, nos momentos ruins. Mas, a tenho dentro de mim como o ar que precisamos para viver... Mas não temos a capacidade para enxergar...

Minha fé não foi sempre assim. Na minha infância tinha apenas um Deus que é o nosso Pai. Não tinha a capacidade de entender as maldades, a coisa ruim que tem a nossa volta.

Na adolescência fui muito ausente, não tinha tempo para nada.

Agora aprendi muito. E paguei pelas minhas faltas. Continuo pagando. Mas tenho mais capacidade e humildade de ver e tentar apenas me proteger, não tendo e não guardando raiva, ódio ou oferecendo coisas ruins aos meus malfeitores.

Aprendi que tanto o bem como o mal estão juntos. Cabe a você ver, escolher e fazer por merecer o bem... Porque o mal entra sem pedir permissão. Chega com um olhar, com a inveja, pela raiva, pela cobiça ou mesmo pela maldade das pessoas ruins.

Eu eventualmente converso sobre Deus e religião com familiares, amigos, sobrinhos e não há problemas, pois sou respeitoso.

Eu recorro a minha igreja sempre que vou à missa, o faço espiritualmente, enquanto participo. Sempre recebo, sou atendido, pois cada um recebe aquilo que acredita.

Que cara tem Deus? Meu! O nosso Deus não tem cara! Ele é essência. E tem um papel único em minha vida. Se eu não acreditasse nele a minha vida seria diferente? Sim, pois primeiro não estaria aqui respondendo a teu questionário.

Existem algumas coisas que gostaria de dizer sobre a minha fé. Depois de tantas provações, de descobrir o porque das coisas ruins, o porque de tudo, a única porta que está sempre aberta é a Dele. Com Ele no meu coração sei que posso perder todos os meus anéis mais de uma vez, mas os dedos ficam. Não posso nunca deixar de acreditar! Procuro não ter mágoas ou raiva, ódio em meu coração!

Eu tento passar pela vida.

Tenho algo em mim que atrai coisas negativas! Mas minha fé para com nosso Deus é maior... Muitas vezes estas coisas me prejudicam... Mas graças à bondade Dele sempre ao meu lado não me deixa faltar providência.

E.19.Sou a Olívia, tenho 47 anos, divorciada e tenho três filhos.

Meu pai era um homem carinhoso, alegre, solidário e trabalhador. Ficou órfão com 5 anos e foi adotado por uma família de espanhóis, seus tutores. Casou-se jovem e iniciou um negócio de venda de frutas, hortaliças, muito rentável, na época. Teve nove filhos no seu primeiro

casamento. Estudou até a terceira série do ensino fundamental. Abandonou a família e toda a vida que havia construído para formar uma nova família com minha mãe.

Viveu até os 81 anos, quando teve câncer de pâncreas.

Minha mãe, primogênita de uma família de doze filhos. Estudou até o primeiro ano do curso normal. Casou-se, muito jovem, por determinação da família, com o pai das minhas irmãs.

Muito inteligente, com grande tino para os negócios.

Abandonou o marido para viver com meu pai e nesta aventura trouxe minhas irmãs com ela.

Não voltou a estudar. Ficou dona de casa, administrando as finanças e a vida de todos nós.

Como saíram fugidos de suas respectivas famílias, mudaram-se muito. Viveram no Rio de Janeiro, Porto Alegre e Minas. Sempre que minha mãe era localizada pelos familiares mudavam-se.

Meu pai trabalhava como motorista de transportes pesados.

Ele gostava de reunir-se com os amigos para comer quitutes caseiros e tomar umas cervejinhas, mas minha mãe não suportava. Ela não permitia nada.

Eles seguiram a religião de seus pais e avós, ou seja, católicos praticantes. Participavam de grupos de oração e rezavam em casa, também. Eu e duas das minhas irmãs adotamos o espiritismo e a outra é budista.

As lembranças que tenho de minha infância são de muitas brincadeiras solitárias, adorava a escola, principalmente os livros de histórias.

Meu pai me levava à missa aos domingos e depois eu brincava no parquinho da Redenção.

Numa Páscoa, ganhei uma pasta de couro, para a escola, cheia de ovos de chocolate e acabei intoxicada.

Antes de dormir sempre agasalhava minhas bonecas.

No mês de maio, tinha de rezar a ladainha, em latim, com minha mãe. Isto me ajudou mais tarde no curso de letras.

Sempre gostei de ir à feira, o cheiro das frutas. Era muito bom. Até hoje gosto.

A lembrança mais alegre é do matiné, às dez horas, no domingo, no cinema Avenida. Minha irmã sempre me levava. Os desenhos não me fascinavam tanto quanto os filmes sobre a vida no fundo do mar. As cores dos peixes me encantavam tanto que geralmente vibrava apontando os cardumes de peixes coloridos e o lanterninha vinha me mandar ficar quieta. Isso era muito legal.

Minhas irmãs são muito mais velhas que eu, então elas funcionavam mais como mães, tias. Elas contavam histórias, compravam brinquedos, roupas e calçados.

Dos aniversários não me lembro. Acho que não eram comemorados. Os Natais, sim. Havia toda uma preparação, desde a casa – pintura ou limpeza externa e interna, o cardápio, geralmente dentro da cultura familiar da minha mãe (mineira/portuguesa). Fazia-se amigo secreto às vezes. Eu adorava comer massa de empada crua, depois passava mal.

O mais divertido que fazíamos todos juntos era matar algum porco. Todos trabalhavam e podiam vivenciar o prazer (trabalhando, é claro). Cada um com suas tarefas e os amigos participando também.

Mas sempre havia alguém para romper com a alegria e estragar a festa.

Ingressei na primeira série sabendo ler e escrever algumas palavras por iniciativa de minha mãe. Na primeira semana ela me acompanhou depois tinha que ir e vir sozinha. Sentia medo, mas... Não tinha muita ajuda, minha mãe era extremamente impaciente. Tinha que desenhar como ela, até hoje não desenho bem, nem um ovo.

Quando adoecíamos, meus pais, procuravam primeiro tratar com chás e se não resolvesse procuravam recursos médicos.

Atualmente sou feliz porque tenho aprendido a me entender e a me respeitar mais. Trabalho muito e estico meu tempo para fazer tudo (até responder este pequeno questionário), semanalmente vou a palestras, ao passe, sinto das leituras que no momento não realizo. Cuido da minha casa, do meu filho e mantenho minha rede de amigos. Tenho muitos projetos a realizar e sempre invento novos. Ainda não consegui resolver uma questão afetiva, mas estou tentando. Isto me deixaria muito feliz.

Geralmente sinto-me feliz com minhas escolhas porque penso sempre antes de escolher e o que vier sempre será felicidade, se não der certo ficará como aprendizagem.

Alegro-me em poder usar minha criatividade, ajudar alguém a diminuir sua dor, verificar o sucesso dos filhos, me sentir amada(é muito bom), ter tranqüilidade e liberdade.

Mas a violência me assusta. Procuo me acalmar rezando, lendo o evangelho. Busco orientação espiritual e ajuda com minhas irmãs e amigos.

Eu tenho fé em Deus, em Nossa Senhora, no meu anjo da guarda. Acho que tenho vários, porque não é fácil!!!

Eu defino minha fé como um sentimento de certeza, confiança interior amparada na espiritualidade e na razão.

Minha fé nem sempre foi desta forma.

Na minha infância deixei de mamar no peito (uns três ou quatro anos) porque ia à igreja e havia uma imagem de Jesus após a crucificação, dentro de uma espécie de caixão de vidro. Eu entrava na Igreja e ia correndo para este local para observar. Sentia profunda piedade. Até que um dia minha mãe me disse que Jesus estava assim porque ele não tinha como se alimentar, não tinha “o oco” – depois de mamar num seio, queria o outro, e não sabia pronunciar e dizia “o oco”. Na hora decidi que daria a Jesus e nunca mais mamei, mesmo minha mãe oferecendo. Um pouco maior o que mais gostava da missa era os relatos das cartas de Paulo de Tarso, as narrativas.

Eu pedia proteção quando sentia medo.

Na adolescência sai de casa, nunca mais fui à igreja. Estava livre. Mas vendo tantas desigualdades pensava mesmo que as coisas só se resolveriam através de uma revolução. Entrei para a política estudantil. Era tímida, porém tinha que fazer a minha parte. Vendia jornal clandestino, fui convidada para ingressar no partido comunista e meu pai disse que seria presa e ele não me tiraria da prisão. Não dei ouvidos

No final da adolescência, conversando com militante do partido sobre tal revolução, a pessoa disse-me que “nós não iríamos à frente”. Isto bastou porque vi que tipo de pessoa era.

Então, por indicação de amigas, conheci o centro espírita Allan Kardec. Encontrei as respostas para as desigualdades que tanto me incomodavam. E novos universos foram se abrindo. Fiz escola de médiuns, li muito, convidaram-me para palestras,...

Agora eu rezo principalmente para agradecer, para pedir para os outros e para mim também. Principalmente para usar o poder dessa vibração positiva que todos podemos ter e fazer.

Além disso, é procurar ter atitudes éticas, respeitosas, solidárias, paciência e tolerância. Muitas vezes sou muito falha na paciência e na tolerância. Enfim, procuro aplicar na minha vida os preceitos que acredito.

A minha percepção de Deus foi mudando com o tempo. Fui lendo, me aprofundando e tendo oportunidade de avaliar os conhecimentos com a prática, em grupos de desenvolvimento mediúnico pode-se aprender através das histórias dos outros.

Também houve momento de grande dificuldade financeira para mim, eu rezava pedindo oportunidades, um novo trabalho...Sempre surgia alguma coisa para fazer: revisão ou datilografia de trabalhos de conclusão - até que surgiu um trabalho. A coisa era imediata.

Com relação ao diálogo religioso na família, é engraçado. Apesar de serem sempre muito católica, característica do interior de Minas, onde é muito densa essa coisa do catolicismo: criança vestida de Maria, coroação de Nossa Senhora e aí vai, sempre que ouviam histórias de coisas sobrenaturais eles sentiam muito medo, especialmente minha mãe.

Verifiquei que o catolicismo não me servia porque falavam uma coisa na igreja e saiam de lá para fazer outra. Uma vez questionei minha mãe. Foi melhor manter silêncio.

Com as pessoas da minha faixa etária e espíritas há trocas bem legais. Com pessoas de outras religiões prefiro não me aprofundar.

AO meu centro espírita é meu refúgio. Sempre posso recorrer, é aonde vou me energizar, me alimentar espiritualmente. As pessoas são muito carinhosas e preocupadas em oferecer o melhor. Sempre sou muito bem recebida.

Meu Deus é amoroso, sempre manda o que preciso, protetor, paciente e me oportuniza sempre crescimento. Sem Ele não dá para acreditar que os acontecimentos da vida têm uma razão de ser e que tudo converge para a felicidade, mesmo que as circunstâncias digam o oposto.

Se não acreditasse em Deus, com certeza, não teria concretizado tantas coisas boas. Acho que seria extremamente amargurada, doente emocional...

E.20. Meu nome é Fernanda, tenho 44 anos, sou divorciada, sem filhos e psicóloga.

Meu pai era um homem decidido, que queria de progredir e queria deixar um capital para as filhas. Minha mãe, uma mulher forte, sob a aparência submissa, cuidadora. Ensinou suas filhas a costurar, limpar, cozinhar e a cuidarem delas mesmas.

Ela tinha sete irmãos e a mãe apenas um casal.

Moravam, ela em Mongrullo, fronteira do Uruguai com o Brasil e meu pai na Ilha Patrulha Trinta e três, no Uruguai. Casaram-se e foram morar em Mongrullo, na vila e depois do meu nascimento mudaram-se para a fazenda. Foram para a fazenda porque começaram uma serraria.

Naquela época divertiam-se separadamente. O meu pai saía de noite para se encontrar com os amigos na vila e minha mãe se reunia com as irmãs para falarem mal dos homens, enquanto tomavam chimarrão. E as crianças ficavam brincando ao redor.

Tanto meu pai como minha mãe sempre foram católicos, mas não praticantes. iam à igreja nas reuniões festivas ou enterros.

Nós somos três filhas, sendo que eu sou a mais velha.

Quando pequena brincava muito com minha irmã do meio. Eram brincadeiras de casinha, hospital de formigas - tirávamos uma das patinhas da formiga e a levávamos para o hospital para se recuperar. Não sei se tínhamos sucesso nesta operação. Fazíamos, também, famílias de batatas.

Os aniversários sempre eram comemorados. Tinha bolo de chocolate, chocolate quente e minhas tias maternas eram convidadas. No natal não tinha festa, pois minha mãe não gostava da data.

Outra comemoração muito apreciada era a festa da polícia, no dia 18 de dezembro, que tinha um grande churrasco, com a presença de todos moradores, na vila.

E o fato de, às vezes meu pai se atrasar, preocupava muito e nos deixava tristes...

O meu ingresso na escola foi muito bom. Eu estava muito bonita com um adorno rosa no cabelo. Gostava da escola e quando necessário minha irmã do meio me ajudava.

Minha tia materna era consultada para as questões de saúde, depois as benzedeiras e se necessário o médico.

Atualmente estou saudosa da minha família que está no Uruguai, mas penso que necessito de mais um tempo para o meu crescimento individual.

Em relação às minhas escolhas sou ambivalente. Às vezes penso que não me centro no presente e daí penso que tudo acontece por alguma razão.

Alegro-me o contato com a natureza, a paz de espírito e os animais. Tenho uma filha, uma gatinha, chamada Julietta. O papo com os amigos de verdade, também.

Assusta-me quando penso de forma negativa, em relação ao futuro.

Quando este medo surge faço meditação, tento mudar minha vibração e ter pensamentos positivos. Busco ajuda no Reiki, no centro espírita e nas conversas com amigos.

Acredito na existência de espírito, na reencarnação dos Mestres ancestrais.

Minha fé, às vezes é fraca, às vezes forte, dependendo do momento e dos acontecimentos da vida.

Minha fé já foi bem menor.

Quando criança eu tinha muita fé na igreja católica e na adolescência continuei frequentando e acreditando.

Agora estou mais crítica, já não acredito na igreja católica, pois questiono muito, especialmente a idéia de pecado. Mas estou tentando fortalecer minha fé.

A psicologia me fez questionar a idéia de Deus da igreja católica. O curso dos Mestres Ancestrais, agora, me fez ter outra idéia de Deus. É um Deus mais amoroso que permite ter uma relação mais tranqüila com Ele.

Eu não converso com meus familiares sobre religião e Deus. Minhas irmãs e minha mãe, talvez por ignorância tem medo do espiritismo, mas acreditam em espíritos.

Com pessoas do meu grupo de relações conversamos sem problemas e com meus sobrinhos converso muito sobre espiritualidade.

Recorro ao centro espírita para receber orientação, apoio e energia. Sempre sou muito bem acolhida lá.

O meu Deus é amoroso e acredito que às vezes cobrador, pois projeto a imagem de meu pai.

Atualmente estou em uma fase bem mais harmoniosa com o meu Deus. Sinto que Ele dá um sentido a minha vida.

ANEXO A - DEPOIMENTO CARLOS G. RITTER.

É estranho o ser humano. Passa toda a vida procurando estabilizar-se economicamente para não ter surpresa no ocaso e é o ocaso que o surpreende mostrando-lhe que esta estabilidade, nem sempre alcançada, pouco o auxilia. A morte, temerária reflexão durante a vida, chega sempre em má hora, motivo pelo qual nunca a convidamos para entrar, mesmo sabedores de que o jogo iniciado há muito tempo chegou ao fim, e não fomos nós que lançamos o xeque-mate.

Poucas culturas preparam para a morte. Algumas até justificam a morte, seja devido a patriotismo ou bônus divinos, como víamos na segunda guerra entre os Kamikazes ou mais recentemente no fanatismo de raros mulçumanos. Porém, mesmo determinados a perecer por um ideal, é o ideal o narcótico da tolerância à morte e não a plácida aceitação da morte.

É extremamente complexa esta combinação de pensar na morte enquanto vivemos e estar morrendo. Preparar a morte é necessário e salutar. Deveríamos ter consciência de que ao nascer começamos a cumprir etapas inexoráveis a qualquer um. São as fases de nossa vida.

A regra é bem simples: se conseguirmos realizar o que queremos para a nossa vida em todas as suas etapas teremos uma melhor qualidade de morte. Isto mesmo, a morte tem qualidade. Ela será boa se boa avaliamos que foi nossa vida até determinado ponto. Esta avaliação deve ser pessoal e intransferível, e obedecer a critérios validados e revalidados durante todo o ciclo, porém agora estabelecidos e imutáveis. Esta reflexão longitudinal se for deixada para a fase do “estar morrendo” acontece de forma precária e sempre melancólica, como ocorre com os que morrem jovens ou com muito ainda que fazer. Então, teremos este equilíbrio quanto mais refletirmos sobre o que fizemos. Algo como poder morrer porque pude viver como programei.

Acredito que o fato de poder designar algumas grandes e profundas duvidas ao arquivo existencial dos dogmas auxilia, e muito, a passagem correta e sábia por nosso viver. A religião, não tenho dúvida, permite isso com maestria. Seja por conceitos de compaixão ou tolerância, ou aqueles mais duros como comprovação da fé por sacrifícios ou resignações, pouco importa a crença, o fato que o poder da fé é inquestionável e facilitador. A morte pode ser esperada com serenidade pelo exercício permanente da fé, como ocorre com o praticante religioso. Ao exercitar a prática religiosa, seja qual for ele, o homem vive com menos fantasmas interiores, pois a fé modifica cenários aterradores. Diria até que a fé é como um diretor de efeitos especiais de filmes, e normalmente o resultado final da película depende de sua qualificação e dedicação.

Quanto ao fato de a morte chegar aos que nunca valorizaram a fé ou a prática religiosa há uma oportunidade de que isto aconteça como forma de evitar a fatalidade, mas ao meu ver possibilita uma morte menos aterradora do que aquela que não tem nem um pouco do tempero da fé.

Em resumo, minha experiência demonstra que o homem que crê tem em seu equipamento existencial munição especial para enfrentar os mistérios da morte. Mesmo sem saber quais são eles, acreditar que será cuidado de forma especial por ter tido fé, acalma os ventos da tempestade que o carrega para algum lugar.

Caxias 15 de novembro de 2006-11-15

PS para a Tete, com a certeza de que esperou com fé que eu escrevesse estas palavras.

ANEXO B - DEPOIMENTO GUSTAVO RITTER

EU COMO CONTINUADOR DA HISTÓRIA

Como continuador da história, pretendo honrar o nome da família Ritter.

Me formar em alguma universidade na área da medicina.

Formar uma família é uma meta, depois ensinar aos meus filhos a cultura da família, que passa por muitas gerações, ensiná-los a amar e a honrar o nome Ritter, a sua família.

Fazer com que todos se lembrem, positivamente de seus antepassados e não pensar que é um simples nome escrito em papel.

Mas uma coisa eu desejo muito e quero que se realize. Quero ter a mesma vida que meus antepassados, esquecendo riquezas e bens materiais, quero ter apenas o que todos eles tinham e convíviam.

A FELICIDADE.⁷⁹

Passaram-se alguns anos e algumas metas mudaram. Primeiramente a medicina não foi à área escolhida. Este curso era mais um vislumbamento de uma continuidade da carreira do meu pai. Bateu uma atração mais forte na área da arquitetura e me formo em mais dois anos.

A formação de uma família ainda é algo ao qual almejo conquistar um dia, porém será pensado com mais calma após haver um estabelecimento na atividade em que estou estudando.

Recordar e viver o passado desta família é algo muito presente no meu pensamento, assim como no ano em que escrevi o primeiro texto. Acredito que das raízes que eu saí tem muito que se aprender e ensinar aos futuros herdeiros deste nome e destas vivências.

Quanto aos bens materiais, todas famílias necessitam para sua permanência num mundo tão competitivo. Continuo frizando, entretanto, que as raízes são mais importantes que estes, pois a bagagem cultural e amorosa adquirida destas relações e reminiscências não tem preço.

Recordar e valorizar antepassados acredito que seja uma obrigação desta família. Desafios, alegrias, superações, tristezas, união, saber cada passo da história de minha família me faz acreditar muito mais no meu potencial, me traz um orgulho sem tamanho e uma vontade de passar essa história adiante, como antes disse, sem deixar que seja apenas algo escrito em um livro, ou também, considerando os avanços tecnológicos atuais, apenas um texto numa página nunca visitada na Internet.⁸⁰

⁷⁹ Em dezembro de 1993.

⁸⁰ Em maio de 2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R615p Ritter, Maria Theresa
Procura-se que nos toca incondicionalmente / Maria
Theresa Ritter ; orientador Oneide Bobsin. – São Leopoldo :
EST/IEPG, 2007.
128 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia.
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2007.

1. Fé. 2. Deus. 3. Espiritualidade. 4. Desenvolvimento
da fé. I. Bobsin, Oneide. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da Escola Superior de Teologia